

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

A DOCTRINA DOS USOS E COSTUMES NA
ASSEMBLÉIA DE DEUS

CLÁUDIO JOSÉ DA SILVA

GOIÂNIA
2003

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

A DOCTRINA DOS USOS E COSTUMES NA
ASSEMBLÉIA DE DEUS

CLÁUDIO JOSÉ DA SILVA

Orientador

Prof. Dr. Marcos Silva da Silveira

Dissertação apresentada ao curso de mestrado em
ciências da Religião como requisito para obtenção
do grau de mestre.

Goiânia

2003

À minha esposa Suzy Ferreira de Oliveira Silva,
pelo apoio e carinho na conquista e realização
deste emocionante e realizador trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus fiel companheiro nos momentos de desânimo, pela vida e prazer de existir.

Meus agradecimentos são muitos: pelo carinho e pelo apoio que tanto contribuíram para a realização desse trabalho. Na amizade, nas reflexões, nas contribuições individuais e coletivas, na presença de amigos, colegas de estudo e trabalho. Tudo foi profundamente significativo, constituindo uma dimensão da qual pude compartilhar em diferentes momentos de estudos.

Meus agradecimentos são intensamente afetuosos a cada uma das pessoas que contribuíram para a construção desse trabalho: Prof^o. Dr^o. Marcos Silva da Silveira. Ressalto minha admiração, por acreditar e me ajudar a desvendar a arte da vida acadêmica; e aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Goiás.

Meus agradecimentos aos meus pais. Aos pastores que participaram destas entrevistas, obrigado.

In memoriam

Com gratidão ao Pastor Albino Gonçalves
Boaventura, meu pastor, pela participação no
trabalho dias antes de sua morte.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - ASSEMBLÉIA DE DEUS E O DESENVOLVIMENTO DOS USOS E COSTUMES	14
1.1 - A Bíblia e a Doutrina dos Usos e Costumes	17
1.2 - A Bíblia e os Usos e Costumes no contexto do Judaísmo e na Assembléia de Deus	22
1.3 - Desenvolvimento das Tradições dos Usos e Costumes na cultura brasileira	29
1.4 - Identidade do crente da Assembléia de Deus e a questão dos Usos e Costumes	30
1.5 - A concepção de vaidade na Bíblia e na Igreja Assembléia de Deus	34
1.6 - Como ocorre o processo de filiação e inclusão no mundo pentecostal da Assembléia de Deus?	38
1.7 - A Doutrina dos Usos e Costumes como padrão de conduta na Assembléia de Deus	44

CAPÍTULO II - A ASSEMBLÉIA DE DEUS, SUA ORIGEM E DESENVOLVIMENTO	
NO CONTEXTO DE BRASIL	48
2.1 - As causas do crescimento do pentecostalismo no Brasil	51
2.2 - A Ação Missionária e a formação da Assembléia de Deus na Amazônia	59
2.3 - A ação do Batismo com o Espírito Santo como fator de nômia na integração do fiel na Assembléia de Deus	68
2.4 - Razões do Sucesso do Pentecostalismo em seu início no Pará	75
2.5 - A competição no campo religioso	77
2.6 - Crescimento e desenvolvimento da Assembléia de Deus no Brasil até chegada na região Centro-Oeste	83
2.7 - A formação e desenvolvimento da Assembléia de Deus da Madureira do Rio de Janeiro até Goiás	85
CAPÍTULO III - A QUESTÃO DOS USOS E COSTUMES SEGUNDO OS PASTORES DA ASSEMBLÉIA DE DEUS NA REGIÃO CENTRO-OESTE	94
CONCLUSÃO	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	130
ANEXOS	

RESUMO

SILVA, Cláudio José da. *A Doutrina dos Usos e Costumes da Assembléia de Deus*. Universidade Católica de Goiás: Goiânia, 2003.

Neste trabalho, procurou-se investigar as mudanças que a Assembléia de Deus tem enfrentado hoje na Doutrina dos usos e costumes. Partiu-se da hipótese de que os Usos e Costumes sempre foram regras de conduta dos crentes da Assembléia de Deus e padrão de conduta e de postura que diferenciam este grupo dos demais pentecostais. No decorrer dos tempos estes padrões vem gradativamente sendo questionados por varias influências, tanto internas, por uma nova re-interpretação bíblica como externas, pelas influencias dos grupos neo-pentecostais. Estes dois fatores tem levado a questionar e analisar esta realidade no Usos e Costumes.

Palavra-chave: Doutrina, usos e costumes, tradição.

ABSTRACT

SILVA, Cláudio José da. *The Doctrine of the Uses and Habits of the Assembly of God*. Catholic university of Goiás: Goiânia, 2003.

In this production, we tried to achieve an investigation about all the changes on the Doctrine of uses and behaviors that the God`s Assembly has been suffering nowadays. It had been started from the theory that uses and behavior, that were always conduct rules created by the believers from God`s Assembly, have been constantly questioned by many influences, from both inside and outside the church, and that has been taken this church to a new interpretation upon the reality of uses and routine.

Key Word: Doctrine, Tradition, Uses and Behavior.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de estudos e pesquisas feitas sobre a Doutrina dos usos e costumes na Assembléia de Deus e como isto vem sofrendo várias mudanças e questionamentos em relação ao modo de ser e se conduzir dos fiéis no decorrer destes últimos anos.

Sabe-se que o modo de se conduzir e se comportar, os trajes como o uso de calça comprida, não usar jóias e pinturas, não cortar cabelo para as mulheres, além de não ouvir músicas profanas, não ir ao cinema, não jogar bola etc., parece estar sendo gradativamente enfraquecido no seu ponto fundamental dentro desta igreja.

A Assembléia de Deus desde seu início no Brasil como movimento pentecostal estruturou-se como uma igreja de padrões rígidos de comportamento e que diferenciou sempre em relação aos outros grupos de igrejas. Porém hoje, tem sofrido golpes tanto externamente pela influência dos novos movimentos neopentecostais que postulam uma nova postura em contrario ao esteriótipo que a

Assembléia de Deus sempre divulgou como padrão para ser um crente, como também, internamente, causado pela postura e interpretação dos novos pastores em relação aos textos sagrados que os pastores pioneiros utilizavam para sustentar a doutrina dos usos e costumes.

A escolha do tema apareceu pelo fato dos vários questionamentos que já me fizeram em relação aos usos e costumes e que, como pastor e estudante da Bíblia, muitas vezes fui questionado, sobre quais referências bíblicas sustentavam esta doutrina dos pioneiros no contexto da igreja; e a obediência incondicional dos usos e costumes como regra de santidade e vida com Deus. Nunca consegui dar uma resposta convincente.

Passei a pesquisar e estudar o tema. Como pesquisador, certamente meu esforço é para não ser seduzido pelo inconsciente e, deliberadamente, neste trabalho, trazer uma solução definitiva sobre o assunto, pois, não temos como esgotar estas questões, uma vez que muita coisa ainda precisa ser pesquisada.

A Assembléia de Deus nasceu como movimento de ênfase no Espírito Santo e no falar línguas estranhas (glossolália) que sempre estiveram presentes como marco nesta igreja; porém, no decorrer de suas evoluções os usos e costumes se estruturaram como forma de se comportar e se conduzir, fundamentados em uma seleção de textos sagrados que repetidos no decorrer dos tempos se tornaram impregnados como regra de conduta e vinculados à obediência a Deus.

Há quase 20 anos como filiado a esta igreja, não há como negar que a Assembléia de Deus vem sofrendo mudanças nos usos e costumes; tem sido mais flexível nos dias atuais. E como pastor dirigente da Igreja (congregação) já enfrentei várias dificuldades ao permitir que jovens jogassem bola, e fui questionado pelos membros mais antigos na igreja, porque eu estava liberando os usos e costumes.

Quando comecei a escrever sobre este tema não imaginei o quanto conflitantes os usos e costumes têm sido dentro da Assembléia de Deus, e vêm causando, internamente, até divisões e surgimento de novos grupos.

Julgo não ser tão fácil analisar esta questão, pois, em nossas pesquisas não encontramos muitos materiais escritos sobre o tema, a não ser com alguns pastores mais atuais que têm feito um esforço para discorrer sobre o assunto. Anos de debates em convenções nunca se chegou a um consenso para estabelecer o que é cultura e o que é doutrina Bíblica. Este trabalho é uma contribuição a mais para compreender este universo religioso.

Universo religioso este que tem sofrido gradativa e lenta mudança e que nos últimos 20 anos tem sido causa de conflitos e disputas entre pastores da velha e nova geração. Na expressão de Weber (1994):

É no universo religioso que, os acontecimentos sociais ao mesmo tempo influenciam as crenças religiosas, os tabus religiosos, prescrevem comportamentos sociais originando em última instância uma ética religiosa. Esta, por sua vez, se adequa temporariamente às exigências sociais, de acordo com arranjos racionalmente desenvolvidos.

Apesar da Assembléia de Deus ter criado uma tradição dos usos e costumes, não significa que esta tradição está sendo desfeita; aqueles rígidos estereótipos que pareciam imutáveis parece estar cedendo lugar a uma concepção de ser "crente", não mais preso a uma interpretação das indumentárias, mas pelo viver diário com Deus.

Foram realizadas pesquisas bibliográficas e de campo com cinco pastores dos quais quatro são mais antigos e um mais atual, e assim, pudemos verificar o processo evolutivo que tem ocorrido na linguagem dos pastores diante do tema.

Este trabalho está organizado em três partes: No primeiro capítulo foi discutido como os usos e costumes se estabeleceram como padrão na Assembléia de Deus, analisados textos bíblicos que os pastores utilizavam como regra de conduta para guiar os crentes.

Estudamos como a cultura judaica acabou se afirmando no contexto desta igreja, e as novas interpretações que vêm sendo feitas com textos bíblicos pelos novos pastores, e como os usos e costumes se tornaram um padrão de cultura evangélica dentro deste movimento.

No segundo capítulo, o eixo de análise foi mostrar como a Assembléia de Deus se originou e desenvolveu dentro de um contexto histórico, político, religioso e social no território brasileiro. O texto ocupou-se da evolução da Assembléia de Deus desde sua inauguração em Belém-PA, pelos missionários Suecos, no crescimento do trabalho em todo território brasileiro, com seus conflitos para se tornar o que hoje é, o maior movimento pentecostal e, também, sua chegada e permanência em Goiás.

No terceiro capítulo foram feitas pesquisas de campo com cinco pastores mais importantes na região centro-oeste, onde foram questionados sobre a Doutrina dos usos e costumes e como eles avaliavam estas mudanças e evolução que vêm ocorrendo nos usos e costumes.

Pesquisamos os pastores na Assembléia de Deus partindo dos mais antigos até o mais atual, e foram observados em suas colocações e linguagens, a evolução e a visão que cada pastor expressa sobre o tema, e como cada um procura resolver estas questões diante das inovações que vêm ocorrendo hoje.

CAPÍTULO I

ASSEMBLÉIA DE DEUS E O DESENVOLVIMENTO DOS USOS E COSTUMES

As Assembléias de Deus já estão presentes em todo o país, e é a maior igreja evangélica em número de membros no Brasil e América Latina. Com ênfase na experiência do Espírito Santo e seu fervor pentecostal vivenciou um rápido crescimento. C. Procópio F, Camargo (1973) coloca que, *o pentecostalismo em 1964 já era superior a todos os movimentos, cerca de 950 mil membros*. Atualmente, o número de adeptos da igreja Assembléia de Deus é o maior em relação aos outros grupos evangélicos, porém, não se pode calcular de maneira exata.

Os números oficiais (do IBGE), sobre quantidade de membros não coincidem com os levantados pela Secretaria da Convenção Geral deste ministério, mas existem fontes que concluem que cerca de 50% dos evangélicos brasileiros são membros e congregados da Assembléia de Deus. As estatísticas dos órgãos

governamentais nunca conseguiram acompanhar o grande crescimento desta igreja presente em todo o território nacional, nas cidades, vilas, povoados e fazendas.

Há 90 anos no Brasil, a igreja Evangélica Assembléia de Deus espalhou-se como fogo, levada pelo vento pentecostal que soprou a obra do Avivamento aos quatro cantos do país.

Na revista “Vinde”¹ (1997) há um registro que: *Pelo menos um em cada três crentes brasileiros tem a mesma resposta quando perguntado. Qual a denominação a que você pertence? Assembléia de Deus responderá na ponta da língua, e com um certo orgulho.* Hoje, há cerca de 20 a 25 milhões de cristãos evangélicos no país, quem conhece a história das denominações percebe que não tem como negar esta realidade; é a Assembléia de Deus a maior em número de membros.

Por causa de seu crescimento e desenvolvimento rápido e assustador, também trouxe consigo vários conflitos, tanto internamente como externamente. Assim, o objeto de investigação é analisar a concepção e conduta que os pastores e fiéis estão tendo diante das novas tendências dos usos e costumes, e com a evolução histórica e os vários fatores que vem ocorrendo na Assembléia de Deus, observarmos as possíveis conseqüências deste conflito no ambiente da Assembléia de Deus.

A Assembléia de Deus, embora esteja aos poucos, acompanhando as transformações da sociedade e dos movimentos pentecostais atuais, ainda consta entre as igrejas que mais interpõem resistência às mudanças nos rígidos usos e costumes, prejudicando seu crescimento nos últimos anos. Seus noventa anos de existência e a bagagem sectária que ainda carrega favorecem a manutenção de

¹- Na matéria a “Vinde” (1997), há mais de setenta mil templos e congregações em todo o Brasil, ministros, aproximadamente, noventa e seis mil. Seu gigantismo pode ser percebido a cada eleição, quando a denominação consegue emplacar dezenas de prefeitos e centenas de parlamentares. Atualmente, a igreja Assembléia de Deus tem vários líderes que ocupam as cadeiras do Congresso Nacional.

inúmeros elementos da forma original de “ser crente pentecostal”.

Depois de algumas pesquisas sobre o tema “Usos e costumes”, pudemos perceber que a maior parte das informações que temos encontrado tem sido de natureza oral, trazidos pelos pastores mais antigos através de sustentações a referências bíblicas, porém, não existe uma bibliografia escrita por estes pioneiros, pois, a Bíblia é a única regra de fé e conduta. Existe uma “Doutrina dos usos e costumes” que sempre foi parte integrante desta igreja, a qual vem sofrendo alterações no decorrer dos tempos pelos novos movimentos; todavia as novas leituras sobre o assunto vem sendo feitas hoje de forma ainda incipiente, no meio evangélico.

Diante da realidade que se tem descortinado pelas novas leituras que os novos pastores têm feito em relação aos usos e costumes nesta igreja, a Convenção da igreja Assembléia de Deus não definiu um padrão de conduta para os fieis de maneira prática, pois na concepção da convenção, os usos e costumes fazem parte do dia a dia de cada igreja e criar uma lei que valha para todas as igrejas se torna difícil. Todas as vezes que isso é apresentado em convenções gera polêmicas e conflitos e não se chega a um consenso.

No livro de Nemuel Kessler (1987) tratando de questões administrativas e eclesiásticas, que é um manual para orientação dos obreiros desta igreja, não há nada sobre a questão dos usos e costumes escrito e nem mesmo a nível de convenção, órgão maior da igreja. Essa tradição vem sendo repetida pelos pastores pioneiros que usavam textos bíblicos como uma regra de conduta pessoal e coletiva.

Como pastor da Assembléia de Deus não deixo de lado a inquietação sobre estas mudanças que tenho vivenciado no seio desta igreja, e os conflitos e dificuldades que tenho para responder às indagações que a mim são feitas sobre a questão dos usos e costumes. Quando vou aos textos que os pastores pioneiros utilizavam para sustentar sobre esta questão fica a indagação: a interpretação feita é correta?

Temos observado que, a Assembléia de Deus não conseguiu responder e resolver este conflito. E isto tem levado a uma questão: onde irá parar a Assembléia de Deus? E como conseguirá resolver este conflito?

1.1. A Bíblia e a Doutrina dos Usos e Costumes

Ao tratarmos sobre a questão dos usos e costumes, não podemos fugir da referência fundamental que é a Bíblia sagrada. Porém, é preciso compreender que a igreja Assembléia de Deus utiliza-se de referências para sustentar o que considera padrão de Deus para os fiéis. Precisamos analisar o contexto de uma hermenêutica dos textos, assim como a culturas que estão inseridas nestes ensinamentos.

Usamos como referência Ricardo Gondim (1999), que procura explicar o que a Bíblia permite e a igreja Assembléia de Deus proíbe. Ele faz uma revisão bibliográfica da questão doutrinária dos usos e costumes e propõe uma nova leitura dos textos onde mostrar a questão dos usos e costumes na cultura judaica, mostrando o que a Bíblia diz sobre moda, jóias e adornos. Em sua interpretação procura avaliar o que é vaidade no contexto da Assembléia de Deus, procura mostrar o que os textos sagrados dizem sobre esta realidade e como pastor ele interpreta sobre os usos e costumes desta igreja.

Em sua análise sobre o tema, Ricardo Gondim deixa bem claro que, a Assembléia de Deus está mudando e que os textos sagrados que eram interpretados de forma errada vem sendo esclarecidos numa interpretação hermenêutica mais atual; ele procura abrir para um diálogo franco e aberto sobre as proibições da Assembléia de Deus que tem, segundo sua própria colocação, sufocado muitos crentes.

A questão dos usos e costumes vem sendo tão abertamente questionada que, até pela internet já se acha discussões sobre o tema, Silveira (2002), detalha com mais ênfase os textos sagrados que sempre foram usados pelos pastores pioneiros e procura mostrar, numa análise hermenêutica, o que é bíblico e o que não é, em oposição ao que a igreja Assembléia de Deus e seus pastores pioneiros utilizam para sustentar a doutrina dos usos e costumes e suas proibições.

Neste processo de aquisição e construção cultural evangélica dos usos e costumes, aparece bem claro o que vem sendo sustentado pelos textos sagrados e repetidos e reforçados pelos pastores da igreja como padrão de consciência e comportamento dos crentes. Neste aspecto, Geertz (1996) expressa que, *é no éthos de um povo que a visão de mundo e as ações tornam-se aceitáveis*, e é neste sentido que as doutrinas bíblicas criaram uma referência e visão de mundo; pela contínua repetição dos textos sagrados para este grupo.

Podemos observar que, os usos e costumes estão presentes na tradição desta igreja e que pela contínua repetição e ensino, tornou-se um procedimento corrente de maneira que segundo Hobsbawn (1984):

Essas práticas normalmente reguladas e que por regras táticas ou abertamente aceitas, e de natureza ritual ou simbólica, inculca certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente, numa tradição.

Para a igreja Assembléia de Deus a Doutrina dos usos e costumes e os ensinamentos pregados pelos pastores mais antigos como padrão de conduta são: “não usar jóias, batom, calça comprida e cortar o cabelo para as mulheres; não bater palmas durante o culto, não ir ao cinema, não ir à praia e piscina de biquíni e, ou sunga, não ouvir música não-evangélica, não cantar música góspel de ritmos como samba, rock, balada, na igreja ou fora dela, etc, não cantar estas músicas por considerá-las não sacras; não ir ao estádio e não jogar futebol”.

Esta Doutrina dos usos e costumes, que tem sido pregada e sustentada desde o princípio na Assembléia de Deus, com base numa seleção de textos bíblicos, os quais sustentam esta tradição dos pioneiros, é que vem sendo questionada.

Podemos olhar nesta perspectiva, que existe uma cultura global que rege a sociedade como um todo, porém, Geertz (1996) denota cultura como:

Um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos. É uma concepção herdada e expresso em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida.

O termo cultura, segundo Santos (1994):

É relativo ao jeito próprio das pessoas enfrentarem suas atividades cotidianas e de como perceberem o mundo em que vivem e se conduzem no seu amplo sentido, que inclui conhecimento, crenças, artes, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou atributos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.

Neste sentido, Santos (1994) expressa que o termo cultura *é um processo dinâmico, onde o homem é capaz de questionar seus próprios atos e modificá-los construindo pelo social. Mudando essa categoria, muda as relações sociais.*

Neste sentido podemos expressar que, existe uma cultura no contexto pentecostal que poderíamos chamar de “cultura evangélica” e que sem dúvida é através dos textos bíblicos que se criou um padrão de éthos que afeta a conduta dos fiéis no seu dia a dia.

Em seus estudos, Nida (1985) relaciona a missão evangélica num diálogo com a antropologia, e procura mostrar que, os valores culturais evangélicos estão presentes nos estudos sobre os costumes e os valores estéticos e morais de cada povo e conclui que:

Em determinada cultura o uso de pouca roupa por parte de certos povos pouco têm a ver com a moralidade de uma sociedade. O que afeta a moralidade de uma sociedade é o desobedecer às leis que determinam quais as roupas que podem e devem ser usadas dentro daquela sociedade. Isso significa que, a moralidade de um povo não pode ser medida segundo as leis de uma outra sociedade, mas sim, pelas leis particulares de cada sociedade em si.

Há discussão sobre as relações culturais de uma sociedade com outra que se considera diferente, pois não se pode pensar em cultura de modo particular. Não existe leis naturais que caracterizam uma cultura superior a outra, porém, existem processos históricos que estabelecem marcos entre as culturas, e para ele a cultura deve ser analisada como processo evolutivo-histórico.

O grande dilema é tentar conceituar e explicar o papel da cultura e sua influência. Interpretá-la e entendê-la é preciso, pois, é ela quem dá capacidade ao homem de conhecer, produzir, transformar, tanto crenças, valores, símbolos, em padrões de comportamento e assim levará o homem a viver bem consigo e com sua

sociedade (obediência ética). Apesar da influência biológica, ética, social e universal da cultura, o homem vive, produz e cria símbolos e valores que perdurará e sustentará por gerações a sua identidade pessoal e coletiva.

Nesta questão, o símbolo sagrado funciona para sistematizar o Ethos de *um povo que é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo e disposição moral e estética*, Geertz (1978). É no símbolo religioso que formula uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica.

Desta forma, a religião pode ser vista como sistema simbólico que impregnada no indivíduo controla, ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica no plano da experiência humana, onde procura interpretar o sentido de sua existência e sustenta o seu comportamento.

Para Geertz (1996), a religião é:

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposição e motivação nos homens, através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e que se gera as disposições e motivações as quais parecem singularmente realistas.

Para ele, nenhuma cultura nasce do nada ou sem sentido e por mais primitiva que a cultura possa parecer aos nossos olhos, toda cultura nasce da experiência de pessoas e grupos, e como tal deve ser vista dentro do contexto que funciona e não fora dela.

È na cultura que se firmam padrões, valores, tradições, símbolos que pode também ser modificados contextualizados, criando novas formas de enxergar a cultura individual ou de uma sociedade que se está estudando ou vivenciando. A cultura evangélica da Assembléia de Deus está impregnada nos usos e costumes, que é o modo de ser específico deste grupo, que também, não fica fora destas

mudanças, pois ela é também dinâmica. Podemos concluir que, as mudanças culturais tanto no conceito da sociedade, como no contexto religioso, tem sofrido mudanças.

O propósito de entender os caminhos que conduzem os grupos humanos a relações presentes e sua perspectiva do que será o futuro, observando através das muitas evoluções, e a cultura, atua e influencia o processo das relações individuais e grupais em cada sociedade. É na avaliação que cada grupo que se faz na realidade e que se define o contexto mais global de uma sociedade.

1.2. A Bíblia e os usos e costumes no contexto do Judaísmo e na Assembléia de Deus

A Bíblia é um livro histórico que registra primordialmente a cultura dos judeus. Suas páginas fornecem grandes partes do que se sabe sobre os hebreus. Cada parte desta história relata o contexto cultural riquíssimo de conduta, trajes, adornos, que fazem parte da cultura do povo da Bíblia. Na Bíblia, a roupa e a comida não representam apenas as meras funções de vestir e alimentar, mas também de oferecer ornamento de prazer.

As estações do ano exigiam roupas diferenciadas, no entanto, havia uma diversificação enorme na maneira como as pessoas se trajavam, as roupas transmitiam valores tanto estéticos como morais. Na cultura judaica, a nudez representava pobreza, vergonha e fragilidade moral, por isso os judeus cobriam-se para mostrar sua dignidade e pureza diante de Deus.

Na Bíblia há uma grande quantidade de textos sugerindo que as roupas podem transmitir, culturalmente, valores tanto espirituais como ornamentais.

Textos como Isaías 61:10 onde se diz:

Que se alegra por Deus trajar seu povo com vestes de salvação, envolvendo-o com o manto da justiça, como noivo que se adorna de turbante, como noiva que se enfeita com as suas jóias.

Pedro roga aos crentes que se vistam de humildade, (I Pe. 5:5). Pode-se perceber que na cultura hebraica existe uma gama de valores impregnados no vestuário; que mostram que se vestir representava muito mais que simplesmente se cobrir. É necessário compreender que, os valores de uma cultura são entendidos em outra de uma forma totalmente diferenciada, como exemplo de vestes brancas que na Bíblia significa pureza espiritual e moral, nas noivas representava virgindade. Já em algumas culturas o branco transmite conceitos não cristãos; vestir-se de branco no reveillon representa esperar pela noite no ano que irá iniciar.

Na maioria das vezes não há aprovação ou condenação bíblica em relação ao uso de roupas. Deus não atrelava, necessariamente, uma concepção pecaminosa ao desejo de vestir-se bem ou de acordo com a moda. É preciso repetir que as roupas e adereços não são associados à queda ou estado regenerado das pessoas, unicamente fazem parte da produção cultural.

A Bíblia é apresentada de alguma forma como expressão cultural sem qualquer conotação pecaminosa, mas que podiam ser vistos para diferenciar classes sociais. Exemplo em Dt 6:8 e 24:17:

Tragam-se as vestes reais que o rei costuma vestir. (Lv. 13:45) As vestes do leproso, em que está a praga, serão rasgadas, e os seus cabelos serão desgrenhados; cobrirá

o bigode e clamará: imundo, imundo. Não perverterás o direito do estrangeiro e do órfão, nem tomarás em penhor a roupa da viúva.

Há muitos outros textos que falam sobre trajes, que poderíamos usar como exemplo. A roupa é uma forma de expressão cultural; os materiais e a forma como são confeccionados podem passar uma mensagem de pesar, de alegria, ou até mesmo de louvor a Deus. Os povos antigos (incluindo os judeus), por exemplo, quando estavam em profundo lamento por causa de seus pecados, vestiam-se de sacos, tecidos com pêlos de camelos ou de bodes. Em Israel, alguém vestido com esse material transmitia a idéia de quebrantamento e arrependimento.

Neste aspecto, a Bíblia apresenta várias ocasiões em que as vestes têm seus valores para aquele grupo ou cultura, porém, não se pode usar como forma de conduta e comportamento a todos os grupos, pois cada um segue suas expressões culturais. No passado, uso de brincos no nariz, na orelha, uso de colar, braceletes sempre estiveram presentes na cultura judaica.

Porque então isto não pode ser usado hoje se é bíblico? Se textos como Gn. 24:47; Pv. 22:12; Ez. 16:12; Ct. 1:10:11; Ez. 16:11, e outros que reafirmam uma forma cultural onde os judeus, principalmente as mulheres praticaram, porque hoje não se aceita essas expressões?

Na verdade, há uma inconsistência enorme quando tentamos buscar um versículo de Deuteronômio 5:22, que ensina como as mulheres devem se trajar com outros textos que falam de nosso comportamento são e que desprezados. Fica-se com a estranha sensação de que aquele texto foi pensado apenas para satisfazer uma doutrina de necessidades e afirmação. Se a Bíblia descreve a rica cultura dos judeus sem qualquer censura, a pergunta deve ser feita sem medo. De onde vem os sermões fervorosos condenando os trajes, adornos, como vaidade?

A prática evangélica tem demonstrado que nem sempre é fácil separar doutrina e costume. A primeira, de caráter permanente, ou seja, são verdades reveladas por Deus aos homens, imutáveis no tempo; a segunda, transitória, passível de mudanças.

Considerando a importância do tema e desejoso de examinar alguns usos e costumes vivenciados pelos israelitas no decorrer de sua história, bem como os ensinamentos do Novo Testamento acerca da questão, a fim de esclarecer o que é real e autêntico quando se diz respeito ao tema é que fizemos este tratado ou esta pesquisa.

Baseado na análise feita por Ricardo Gondim (1999) e Silveira (2002) podemos analisar nos textos Bíblicos que: encontramos o povo de Israel saindo do Egito com utensílios de ouro e prata, como determinação do próprio Deus:

Eu darei mercê a este povo aos olhos dos egípcios; e, quando saíres, não será de mãos vazias - Cada mulher pedirá à sua vizinha e à sua hóspede, jóias de prata, jóias de ouro, e vestimentas; as quais porei sobre vossos filhos e sobre vossas filhas; e despojareis os egípcios.

Ora, o texto traz uma verdade bíblica; que, era tradição dos israelitas utilizarem o ouro e a prata. Qual o uso que faziam deles?

Encontramos em 1 Cr. 29:1-9, o rei Davi oferecendo ouro e prata de sua propriedade particular a serem utilizados no futuro templo de Jerusalém, e não apenas o rei Davi, mas o povo contribuiu com suas pedras preciosas. Avançando na questão, veremos o uso do ouro e da prata pelas mulheres israelitas como peças de adornos pessoais: Disse-lhes Arão: *tirai as argolas de ouro das orelhas de vossas mulheres, vossos filhos e vossas filhas e trazei-nas, então, todo o povo tirou das orelhas as argolas e as trouxe a Arão* (Êx.32.2-3). O texto citado evidencia o uso de argolas ou brincos pelos israelitas, como parte da tradição hebraica. Disto decorre que a obediência do povo israelita a Deus não se condicionava ao uso de jóias de ouro e prata, usos de brincos, braceletes, etc.

Vejamos mais um exemplo bíblico do relacionamento de Deus com seu povo e a questão dos costumes das mulheres israelitas. Ez. 16:11-12, faz menção da mensagem trazida pelo profeta da parte de Deus a Israel. Nesta passagem o próprio Deus assume a posição de um homem israelita e compadece de uma mulher e a toma para si, dando presente. Citemos na íntegra esta passagem para que não paire dúvidas concernentes às declarações aqui expostas:

Também te adornei com enfeites e te pus braceletes nas mãos e colar à roda do teu pescoço. Coloquei-te um pendente no nariz (ou testa, em outra versão), arrecadas nas orelhas e linda coroa na cabeça.

As citações referendam o entendimento já exposto, ou seja, os usos e costumes praticados pelos israelitas não eram empecilhos à comunhão com Deus, fazendo parte da cultura israelita o uso de tais adornos pessoais.

Há quem justifique a postura mais conservadora concernente ao tema, que fundamentado em Is. 3:20, quando a esta passagem bíblica, o contexto da mensagem a partir do capítulo 3, demonstra que Deus não está preocupado com os

usos e costumes das mulheres israelitas e sim com a situação espiritual do povo, os quais estão distantes da vontade de Deus, preocupados com seus próprios interesses, decorrendo disto uma profecia de julgamento sobre todo o Israel e Jerusalém. As mulheres israelitas também serão julgadas por Deus, não pelo uso de braceletes, enfeites, etc., mas pela indiferença face à vontade de Deus. Esta profecia foi cumprida quando Israel foi levado cativo à Babilônia e Jerusalém destruída.

Já no Novo Testamento não há uma Doutrina a respeito de usos e costumes. Encontramos algumas considerações dos apóstolos Pedro e Paulo sobre o assunto, a título de princípios norteadores às igrejas.

O Apóstolo Pedro em sua primeira carta escreve:

Não seja o adorno da esposa o que é exterior, mas no coração, unido ao incorruptível traje de um espírito manso e tranqüilo, que é de grande valor diante de Deus. Pois foi assim também que a si mesma se ataviaram outrora, as santas mulheres que esperavam em Deus, estando submissas a seus próprios maridos (1 Pe. 3: 3-5).

Ora, o apóstolo está dirigindo uma palavra específica às mulheres casadas e em nenhum instante do texto, há uma ordem direta de proibição. Os usos e costumes citados servem para demonstrar a superioridade dos valores espirituais em relação a aparência exterior, de caráter transitório. O ensino de Pedro harmoniza-se com as admoestações de Paulo (1 Tm.2:9). Este recomenda que as mulheres usem trajés decentes e se ataviem com modéstia e bom senso. Assim, as expressões modéstia e bom senso, sintetizam a concepção neo-testamentária e não há nenhuma base para condenação nestes textos.

Já a preocupação de Jesus em seu ministério foi de fazer conhecida a vontade de Deus, realizando o plano da salvação. Seu ministério era tríplice:

pregação do reino de Deus, ensino da palavra, cura espiritual e física. Jesus Cristo não estava preocupado em criar obstáculos ao crescimento do reino de Deus, estabelecendo normas sobre costumes a serem seguidos pelos seus discípulos, pelo contrário, em (Mt. 15:1-20 e Mc. 7:13), Ele censura os fariseus que queriam com suas tradições invalidar a palavra de Deus, através de seus legalismos e obediências às regras que não levavam a nada.

Pode então concluir que: há prática comum entre as mulheres israelitas do uso de jóias de ouro, prata, brincos, braceletes, véus, e outros adereços semelhantes. Esta prática fazia parte da cultura hebraica e não constituía empecilho à comunhão com Deus. Os ensinamentos apostólicos, especificamente de Pedro e Paulo, fazem algumas restrições à prática de determinados usos e costumes à época, mas o essencial da mensagem é o princípio neo-testamentário de usos e de modéstia e bom senso nos usos e costumes.

Jesus Cristo durante seu ministério não faz menção de proibições sobre os usos e costumes; suas críticas às tradições dos fariseus, evidenciam, a preocupação em não criar empecilho ao crescimento do seu reino.

1.3. Desenvolvimento das Tradições dos Usos e Costumes na Cultura brasileira

A cultura é responsável, em qualquer sociedade, pelo comportamento das pessoas. Criam-se regras que valem apenas em determinados círculos sociais. Dessa forma, fica impróprio a um ancião vestir-se com as roupas de uma criança. Para sabermos se um homem está vestido com roupa de mulher, precisamos ter conhecimento de como a cultura em que ele está inserido determinou o que um homem e uma mulher devem vestir.

A origem da palavra 'roupa' fornece algumas pistas para compreender valores culturais. Na enciclopédia Mirador (1987), coloca que **roupa** vêm de origem portuguesa '**roba**' procede do vocábulo germânico 'rouba' que significa 'saquear, roubar com violência'. Possivelmente as roupas como despojo de guerra, valorizavam o guerreiro vencedor, porém, cada povo cria sua indumentária e adornos de acordo com seus próprios parâmetros, que nem sempre é apropriado em outras culturas e povos.

Sendo assim, de acordo com as próprias regras de uma demarcada sociedade, uma vestimenta pode ou não carregar valores morais específicos. Não há como desenvolver uma teologia sobre indumentária sem levar em conta as manifestações culturais.

Hoje, o grande desafio para os pentecostais é o de não condenar ou afastar-se da cultura por medo de ceder ao mundanismo. Ser evangélico não significa pertencer a uma cultura própria e separada. A ética evangélica sobre a cultura deve discernir com precisão o que é produto humano e o que é fruto de um padrão correto de conduta para o cristão.

É tão difícil delinear este padrão e diferenciá-lo, pois, desde que foi instalado no Brasil, a Assembléia de Deus trouxe influências dos missionários e neste caso, Vingren e Berg, que eram Suecos, mas que moravam nos Estados Unidos, trouxeram consigo estas influências culturais além daquela que já existia no Brasil, sem contar à influência da cultura judaica que está impregnada na Bíblia.

Na cultura portuguesa, as roupas adquiriram seus valores pela fortíssima influência católica. Durante anos os portugueses trajavam-se de forma bem conservadora. Há pouco mais de cem anos, as mulheres não podiam mostrar o tornozelo, então considerado muito sensual; cobria-se completamente com saias,

anáguas, meia grossa e mangas longas. Os homens trajavam-se de calças compridas (somente crianças vestiam-se de calças curtas), com austero casaco, fraques e coletes.

Assim na cultura brasileira adotou-se muitos padrões comportamentais do catolicismo português. Os homens, mesmo no clima tórrido, continuam vestindo-se com paletós, as calças curtas ainda significam trajes infantis, e as mulheres seguem identificando nas longas saias a sua feminilidade. Mas a cultura não é estática, ela muda com o passar dos anos. Os brasileiros, depois, passaram a imitar a moda francesa, que na virada do século era o que havia de mais moderno. Após a Segunda Guerra Mundial, entretanto, os americanos passaram a dar o novo tom das vestimentas. O exemplo mais típico é a calça jeans.

Enfim, não se pode negar que a cultura vem sendo estruturada de valores que determinam a diferenciação de cada grupo e nisto podemos ver nas igrejas pentecostais, principalmente na Assembléia de Deus que recebe forte influência portuguesa nas indumentárias, que certamente influenciou no comportamento dos evangélicos, além da influência dos missionários Suecos que vieram dos Estados Unidos. O comportamento mais próximo da realidade ética dos grupos mais antigos de cristãos e a influência da Bíblia foram algumas causas para organizar os padrões espirituais, sociais e estruturais dos membros da Assembléia de Deus.

1.4. Identidade do crente da Assembléia de Deus e a questão dos usos e costumes

Ao longo do tempo podemos perceber o rigor no trajar, a seriedade do rosto e a rigidez na postura corporal, na família pentecostal, principalmente na Assembléia

de Deus. A questão dos usos e costumes vêm sendo alterada de uns anos para cá de maneira tão impressionante e rápida que o movimento da Assembléia de Deus têm sofrido grandes rupturas tanto externamente como internamente chegando até a divisão de igreja.

Neste aspecto, os padrões espontâneos e os atos de uma sociedade cristalizam-se na forma de costumes, que aqui são vistos como padrões de comportamento exteriormente difundido, e que por contínuas repetições se tornam princípio de uma sociedade do que é certo e errado.

Quando analisamos a questão dos usos e costumes como um padrão de conduta dos membros da Assembléia de Deus, podemos ver cristalizar-se na tradição deste movimento um padrão de conduta e postura que, hoje tem chocado diretamente através de várias mudanças que vem ocorrendo dentro dos movimentos pentecostais e estas mudanças e conflitos, tem levado a crises internas o que, segundo alguns pastores entrevistados, não dá para saber onde irá parar.

Das várias mudanças que vem ocorrendo, o que nos interessa analisar com mais cuidado é a questão da “Doutrina” dos usos e costumes que para muitos pastores e fiéis é um padrão bíblico de forma que se constitui uma Doutrina inquestionável e não é só uma rotina de bons costumes.

Esta Doutrina por várias décadas mantivera-se presa a um rígido esteriótipo que para muitos pastores parecia imutável, porque estaria baseado nas Sagradas Escrituras. Hoje, têm recebido vários golpes fatais.

Para se reconhecer um membro da Assembléia de Deus era fácil: pela sua indumentária e maneira de se comportar e até de andar, os identificava como diferente, hoje, porém, tem ocorrido uma ruptura na identidade estética e na aparência destes membros e nenhum crente desta igreja pode ficar isento desta

influência, e nem sem compreender as normas e regras de valores que vem sendo sustentados os quais geram visão de mundo diferenciado e um éthos próprio.

Neste sentido, Geertz (1989) declara *que é no éthos de um grupo que se representa o tipo de vida implícito e que se tornara emocionalmente aceitável por se apresentar como imagem da vida cotidiana deste grupo.*

Aqui os usos e Costumes podem ser vistos como visão de mundo que certamente são utilizados pelos pentecostais para se referir ao rigorismo legalista, as restrições ao vestuário, uso de bijuterias, produtos de beleza, corte de cabelo e a diversos tabus comportamentais existentes em seu meio religioso.

Tradicionalmente os pentecostais repudiam o que denominam convencionalmente de “mundo” ou “mundanismo”. Na linguagem cristã escrita, a palavra “mundo” adquiriu conotação pejorativa, o que para os pentecostais e principalmente a Assembléia de Deus, mundanismo é imitar as práticas que a sociedade impõe como valores e que muitas vezes contradiz aos padrões que esta igreja considera como bíblico, e que afeta os padrões ensinados pelos pioneiros desde a fundação desta igreja.

Os pentecostais herdaram uma postura de rejeição e afastamento do mundo que vem da influência direta de alguns grupos que influenciaram o pentecostalismo no final do século XIX e início do século XX, tais como: Holliness, segundo Chaplin (1995):

Em seus primórdios acreditava que, com o exercício dos dons espirituais o crente receberia mais poder para gerar maior santidade e comunhão com Deus. Holliness significa santo, e esta santidade deveria nortear a vida de cada crente pela conduta e ação dos dons que levaria a se aproximar do modelo de igreja primitiva.

Outro grupo como os Metodistas, Resley (1984) explica que:

Fundado por John Wesley o trabalho começou organizado com um grupo de pessoas, entre eles o irmão de Wesley, eles se reuniam para estudar a Bíblia e conhecer a Deus. A Inglaterra estava sofrendo com a pobreza, miséria e pobreza religiosa dominada pela igreja Anglicana, a igreja oficial do País. Wesley, não queria divisão, porém, houve este rompimento, surgindo assim o movimento metodista e com ele um grande avivamento espiritual na Inglaterra e que influenciou todo o mundo da época.

O movimento puritano teve uma forte influencia no movimento pentecostal

Chaplin (1995) expressa que o movimento iniciou-se:

Na Inglaterra no século XVI. O nome surgiu dos esforços para “purificar” a igreja da Inglaterra, posteriormente os puritanos também passaram a buscar aperfeiçoamento de si mesmos e da sociedade. Sua ênfase era em quatro pontos: 1) que a salvação pessoal vinha inteiramente de Deus, 2) que a Bíblia era o guia indispensável para a vida 3) que a igreja devia refletir o ensino específico das escrituras e 4) que a sociedade era um só todo unificado.

Estas idéias tiveram grande receptividade no meio pentecostal, principalmente no inicio do pentecostalismo aqui no Brasil, o que para o crente pentecostal mostrar-se santificado, era preciso exteriorizar em sinais e por meio de comportamentos ensinados e exigidos pela comunidade religiosa, que os diferenciaram da sociedade inclusiva.

Assim a igreja pentecostal separa os seus membros do mundo com a condição de criar para eles um mundo separado, não só do ponto de vista ético (não beber, não fumar, não jogar bola, não ir ao cinema, não assistir TV etc), como do ponto de vista de uma rotina de vida.

Para não serem contaminados e corrompidos pelas coisas, paixões e interesses do mundo, os líderes pentecostais procuravam imprimir na conduta dos fiéis desde a conversão, os ensinios da Bíblia que era na base e a norma de

comportamento de todo verdadeiro cristão e que deviam estimular a obediência plena, e com isso, os usos e costumes para esta igreja tomaram-se numa forma de santidade.

E isto está tão impregnado na igreja Assembléia de Deus que, se alguém membro da igreja por um motivo ou outro usar brinco ou outros tipos de jóias e adereços certamente será questionado em relação a sua vida espiritual diante de Deus, e se realmente ele é crente. Exemplo: certo dia, minha esposa, usando um colar, foi à igreja. Uma criança de seis anos perguntou-lhe, se ela não era mais crente, porque estava usando jóia. Nestas simples palavras podemos detectar o éthos que estrutura e sustenta este padrão e que está impregnado na rotina das pessoas e desta igreja, de maneira que não se consegue desvincular de uma cultura evangélica que está presente na cotidiano desta igreja.

1.5. A concepção de vaidade na Bíblia e na Igreja Assembléia de Deus

Para os pentecostais a questão moral e ética, subordina-se à questão da salvação, criando no fiel o desejo de viver o Evangelho de acordo com o mais puro sentimento de rejeição aos prazeres mundanos e assim assumir uma atitude de separação de tudo que atrapalhe a comunhão com Deus, e de modo a distanciá-los de coisas, atitudes, valores e condutas que prejudiquem esta relação. Na linguagem dos pastores, as pessoas que não obedecem aos usos e costumes, estão envolvidas com vaidade. E estes procuram provar isto através dos textos sagrados.

A questão da indumentária nos usos e costumes na Assembléia de Deus é a dificuldade de compreender, o termo como “vaidade”. O texto bíblico que é usado para sustentar a questão da vaidade é Salmos 24: 3,4 que diz: *Quem subirá ao*

monte do Senhor, ou quem estará no seu lugar Santo? Aquele que é limpo de mãos e puro de coração, que não entrega a sua alma à vaidade.

Quando se pensa em vaidade para a maioria dos pastores evangélicos da Assembléia de Deus, pensa-se imediatamente da questão do trajar e adornos. Uma das questões a ser feitas é: por que só se fala em vaidade quando relacionada a jóias, pinturas e trajes femininos, e por que não aos trajes masculinos?

Evidente que muitas explicações são dadas, principalmente por causa da vaidade feminina, o que Ricardo Gondim (1999) vê como expressão exteriorizada no trajar, indumentária, maquiagem etc. perde seu sentido original de tudo aquilo que é vão, e que, não tem nada haver com trajes femininos, mais ainda que fosse, para ele, os ternos caríssimos, o pintar de cabelo para os homens, porque isso não é assumido como vaidade?

No original hebraico, vaidade advém de duas palavras. Primeiro, de “habel” que significa vazio, oco. Seu uso no Antigo Testamento muito relacionado ao abandono do único Deus verdadeiro é a busca de ídolos que não podiam satisfazer às necessidades de Israel pelo simples fato de não existirem. A adoração a ídolos, então, tornou-se sinônimo de vaidade, pois era como se o povo israelita buscasse ajuda do vazio.

A segunda palavra hebraica era “shaw”, que assumia conotação de vazio, mas com uma compreensão mais ligada à desolação, abandono. Já no Grego, a vaidade pode ser representada pelo substantivo “mataíotes” e também significa vazio. Não há qualquer relação entre vaidade e o uso de jóias, roupas ou ornamentos. Seu significado, em primeiro lugar, refere-se ao mundo criado que, no pecado e sem preencher o propósito inicial para o qual foi criado, tornou-se vazio.

A palavra “mataíotes” é também usada para expressar a forma das pessoas gentias, as quais são pessoas que não são judias. Também pode relacionar aos falsos mestres que falavam muito sem ter nada a dizer.

Levantar a questão de vaidade para provar que as pessoas que usam adornos e roupas da moda amam o mundo é confundir a real concepção de vocábulo bíblico sobre vaidade. Assim, vaidade é objetivamente descrito como vazio, inutilidade, e falta de consistência.

Todas as vezes que buscamos nossa identidade no que for irreal estamos sendo vaidosos. Mas muitos pastores usam o termo “vaidade” para prender os membros no sistema dos usos e costumes que a igreja usa para controlar a maneira de vestir dos membros desta igreja,

Mas, será que isto realmente leva os membros desta igreja a obedecerem aos usos e costumes? Então, por que isto não é padrão para todos? E porque está mudando estes hábitos?

Para Rudolf Otto (1985):

O sagrado constitui modalidade de ser no mundo. O modo de ser sagrado depende da diferente posição que o homem conquistou nesta relação, os homens diante da natureza e do sagrado se condicionam muitas vezes pela cultura, portanto, em última instância, pela história.

O fiel, na busca da salvação, deve resistir as tentações e ser radical na rejeição ao mundanismo e obedecer aos mandamentos divinos. Deve ser virtuoso, ter autodeterminação e possuir rigidez monástica para não sucumbir ao mundanismo e ser arrastado pelo caminho largo dos prazeres da carne e da paixão do mundo. Sendo o mundo tentador como é, viver nele é negar seus prazeres, exigindo do fiel grande força e resistência moral.

É na eficácia dos símbolos que se criam outra modalidade de influência social, que serve para concretizar, tornar visível e tangível a realidade abstrata, tanto, mental como moral da sociedade, mantendo o sentimento de pertencer, assegurando assim a participação adequada de acordo com o papel que cada um neste contexto.

Nisto podemos observar que a Assembléia de Deus utiliza símbolos da sociedade, aqui os usos e costumes são símbolos da cultura judaica presente nos textos da Bíblia, forma uma modalidade social própria. Neste sentido, os símbolos não só ajudam a representar concretamente a coletividades, como podem também servir para provar ou alimentar o sentimento de pertença e solidariedade destes membros onde pertencem, reproduzindo conduta e padrões que estão sendo ensinados, como forma de obediência e compromisso.

Um dos fatores essenciais para a compreensão da linguagem de um grupo, onde o fiel assume sua característica é o termo “comunhão”, uma expressão cristã, que denota participação comum na graça de Deus, na salvação e obrigação de quem deseja permanecer integrado. A questão da comunhão não é comunhão do fazer, tampouco comunhão do ser. É uma comunhão da fé, nascida de uma confiança comum em Deus e um comprometimento mútuo, na partilha do fiel com a igreja, pois há possibilidade de se estar incluso numa instituição, porém, não se sentir parte dela, conhecer as linguagens e expressões e não se comungar com esta linguagem.

Estar incluído é falar na linguagem que possa introduzir o fiel sempre na relação com o sagrado, que é a linguagem da comunhão, da partilha. A profunda compreensão dos símbolos e sua relação com Deus e com a igreja, leva o fiel a

passar a compartilhar uma maior compreensão e unidade consigo mesmo e com o transcendente.

Um fato fundamental da partilha do fiel com Deus é a questão do batismo com o Espírito Santo, que é a maior expressão de comunhão e integração na intimidade com o sagrado no contexto das igrejas pentecostais.

È no batismo com o Espírito Santo e no falar línguas estranhas (glossolalia) que o símbolo da comunhão com o sobrenatural se manifesta e é a presença real de Deus na vida do crente que vem para fortalecer no seu dia a dia. Diante de tantas manifestações extraordinárias a resposta comunitária é sempre festiva e dispensa a formalidade litúrgica.

O fiel se apossa do transcendente e o transcendente dele se apossa, e o resultado é o êxtase, o arrebatamento, e isto vai estabelecer um vínculo poderoso entre as pessoas e entre elas e o mundo externo (família, amigos, situação real), dando a essa força simbólica a potencialidade concreta de vida ou de sobrevivência.

Para a Assembléia de Deus o batismo com o Espírito Santo é a expressão mais íntima das relações que o homem deve experimentar na vida espiritual, que fortalecera o fiel no dia a dia. Essa relação é um dos marcos deste movimento pentecostal.

1.6. Como ocorre o processo de filiação e inclusão no mundo pentecostal da Assembléia de Deus?

Segundo Folque e Sant (1969), inclusão é a capacidade do indivíduo de adentrar, aceitar e incorporar um novo padrão de valores, símbolos e linguagem que vai fazê-lo reprodutor desta nova concepção e um representante destes valores e

símbolos que agora ele faz parte. Pode-se observar que este processo de inclusão dará ao indivíduo uma identidade de pertencer a este grupo. A inclusão na igreja tem significado de convidar o fiel a aproximar-se do sagrado através dos padrões que a igreja considera fundamental para que este indivíduo se sinta aceito e participante.

Neste aspecto, é necessário deixar claro que, para que o indivíduo sinta incluso no contexto de um grupo (igreja), terá que assumir responsabilidades e uma identidade religiosa que o identifique como membro desta instituição; o fiel se sentirá integrado ao relacionamento com este sagrado e comungará essa inclusão experimentando essa relação na vivência da igreja.

Para tornar-se membro congregado na Assembléia de Deus é preciso cumprir alguns rituais, tais como o "novo nascimento" e o "batismo em águas". O novo nascimento conhecido como um processo de regeneração, é necessário que todos experimentem, pois todos pecaram e são separados de Deus e é pela ação do Espírito Santo que o homem é convencido do pecado e esta ação leva o homem a mudar suas atitudes e comportamentos.

A conversão é a prova íntima do novo nascimento e que se manifesta no arrependimento e reconhecimento de sua situação pessoal e que deve levar a uma nova vida.

Para a igreja, depois do arrependimento, a prova mais evidente e visível é o batismo em águas. É um ritual estabelecido por Jesus. O batismo é um ritual de ingresso na igreja cristã e simboliza o começo da vida espiritual. É a prova visível do compromisso com Deus, e até Jesus se batizou e todos os seus discípulos, por isso, é um rito de ação obrigatória, onde a pessoa é mergulhada nas águas, simbolizando a morte para as práticas do passado e a saída das águas, a prova que está começando uma nova vida.

Porém, entre os protestantes e sobretudo entre os pentecostais brasileiros ser “crente”, significa ter-se convertido ativamente a uma religião e haver-se militantemente incorporado a ela. A congregação de fiéis rege e é regida de perto por todos num exercício diário de uma identidade social que a religião domina. Apenas os salvos podem ser crentes, e haver sido salvos pela crença evangélica, significa modificar não apenas um receituário de crenças, mas, ter atitudes e identidade pessoal que o identificam como pertencente a este grupo.

Para os pentecostais e principalmente para a Assembléia de Deus o crente não se mistura; a vida do crente é servir e obedecer a Jesus. Duas formas mostram como isto acontece para a igreja Assembléia de Deus: através do novo nascimento que é a experiência da salvação na inclusão do fiel nesta igreja, e a ação do Espírito Santo pelo falar em línguas que, na concepção doutrinária da igreja Assembléia de Deus, é necessário para ser aceito como incluso e membro apesar de ser um processo gradativo.

Aquele que recebeu uma regeneração, ou seja, transformação de vida passa ser visto pela mudança de conduta, e é conhecido como um “nascido de novo”. Este processo é um ato de Deus que opera na vida do homem, através da ação do Espírito Santo. Essa poderosa transformação espiritual é que qualifica o homem para pertencer ao reino de Deus, pois através dela, a própria natureza de Deus é implantada na natureza do homem.

Por meio do pecado o homem caiu em condições de morte espiritual, por isso entre Deus e o homem efetivou-se uma separação, pois a morte é a desunião com este Deus transcendente. Simões (1994) chama este processo de “novo nascimento”:

Como um rito de passagem e esta passagem para o indivíduo se faz em determinado momento da vida, tendo como objetivo marcar a separação da sentença antecedente para uma nova situação. Esta concepção de ritual compreende a passagem do homem “terreno” para “divino”.

É na reunião com Deus que será gerado no novo fiel, uma nova vida, saindo do estado de morte e recebendo uma vida de comunhão com este transcendente. O homem nascido de novo, é transportado para o reino da luz, onde o mesmo começa a compreender uma nova relação com o divino e isso lhe torna participante da realidade espiritual. É este processo que a Assembléia de Deus compreende como “novo nascimento” e que o fiel experimenta em sua vida, o que gerará neste crente um sentimento de nova criatura.

Um outro rito fundamental de passagem e adesão do fiel é o batismo nas águas que passa ser um ritual de obediência e compromisso do incluso na igreja e assume uma nova identidade. Para Eliade (1992) o significado do batismo nas águas é:

Função regeneradora e purificadora que leva o velho homem a morrer, e este processo se concretiza no batismo pela imersão nas águas e a saída das águas transformando-o em um novo ser, ou um ser simbolicamente "regenerado".

Neste aspecto, o rito do batismo é uma evocação a uma morte e uma mudança que representa a saída do mundo profano para o mundo do sagrado.

Nesta primeira análise podemos ver que, a integração é um processo dinâmico de participação das pessoas num contexto racional, legitimando sua interação nos grupos sociais. A integração implica reciprocidade ou troca. Nesta linha de direcionamento a inclusão é feita através do batismo nas águas, que é um rito de passagem e a porta de entrada na igreja local.

Atualmente, os candidatos que se apresentam à igreja para serem batizados, devem fazer sua declaração de fé, testificando da sua experiência através de suas ações e então sua recepção é decidida. E, embora ninguém possa tornar-se membro sem ser batizado na Assembléia de Deus, contudo o voto aberto e o cumprimento de algumas normas o admitirá na comunhão da mesma.

Regras como ser devidamente casado ou solteiro, e que tenha experimentado a salvação pela fé em Jesus e uma vida de testemunhos diante das pessoas como uma pessoa convertida e de conduta compromissada é característica fundamental para ser admitido nesta igreja. Neste contexto, Rocher (1971) diz que é:

No simbolismo que se transmite a mensagem entre dois sujeitos ou uma pluralidade de sujeitos, e a participação favorece ou apela para o sentimento de que pertença ao grupo ou coletividades.

O fiel tende a manter o sentimento de pertença, para suscitar e assegurar a participação adequada como membro na relação da igreja.

Pode-se entender, então, que para vincular-se ao pentecostalismo, ou seja, à Igreja Assembléia de Deus é necessário uma relação de obediência aos padrões que é imposto pela Bíblia, e passar por estes rituais acima citados.

A questão da inclusão passa a ser vista, agora, como domínio do poder investido da igreja sobre o fiel, o qual se integra respondendo ao padrão e normas a ele ensinado. A inclusão do fiel na igreja não é necessária só a identificação com os símbolos sagrados, mas é necessário passar por eles. Assim a inclusão é um fator fundamental para o ajustamento ao grupo ao qual se está agregando. A obediência aos padrões bíblicos e a sujeição às normas dos usos e costumes é vista como necessária para o ajustamento e como integração do fiel na igreja Assembléia de Deus.

É indispensável para o fiel que se inclui ou aceita entrar no mundo de novos símbolos e valores, o auto-conhecimento e a aceitação da própria realidade, o que deve gerar uma perseverança plena nesta nova inclusão.

Neste gesto e expressão, o fiel passa a ser aceito e reconhecido como incluso ao sagrado e esta inclusão gerará uma compreensão e uma linguagem com novos simbolismos, da qual agora a pessoa passa a fazer parte e a vivenciar como seu. Manter o sentimento de pertença, assegurar a participação adequada dos membros de acordo com papel de cada um, a relação de valores, são profundamente simbólicos.

A repetição e formalização destes valores irão concretizar a relação e o sentimento de pertença à igreja, dando o mesmo direito de cobrar o compromisso deste fiel incluso. É função da igreja oferecer aos seres humanos caminhos concretos que levem à verdadeira felicidade, e ainda, recomendar determinados comportamentos que levem finalmente o ser humano à realização plena, ao encontro do sentido da vida e da comunhão com Deus.

A Assembléia de Deus por falta de literatura que discorra bíblicamente sobre usos e costumes, deixa alguns evangélicos com dúvidas sobre seu modo de comportar. Em muitas igrejas a questão é: como posso distinguir a doutrina bíblica dos costumes provenientes das tradições humanas?

Esta questão leva milhares de crentes a inquietação e ao medo, pois a idéia dos trajes, a prática de jogar bola, uso de jóias, ouvir música não evangélica no rádio sem entristecer o Espírito Santo, tem gerado crises profundas no comportamento dos fiéis. A concepção bíblica que se procura utilizar para a obediência a estes padrões sempre recai na idéia da "santidade".

Este termo santidade no contexto original vem da idéia de “separação”, ou seja, deixar o que é profano e assumir características do sagrado. Aquilo que a igreja tinha como concepção fundante de valores tem afetado diretamente a concepção de sagrado na igreja hoje, e certamente tem levado a igreja a uma nova concepção de santidade e de vida cristã.

O marco diferencial da igreja Assembléia de Deus é a experiência no Espírito Santo e o falar em línguas que era passo fundamental para a relação com Deus, parece que tem sido deixado de lado e a separação dos prazeres do mundo agora manifesta-se de forma mais visível no trajar do que nos valores íntimos na relação com este sagrado. Separar-se dos prazeres do mundo, vivenciar uma relação íntima com Deus e assumir uma experiência com o sagrado constitui modalidade de ser no mundo. O modo de se relacionar com o sagrado depende da posição que o homem conquistou neste cosmos. A sacralização desta experiência gera o sentimento de estar pleno neste cosmos.

Para Rudolf Otto (1985):

As modalidades da experiência religiosa esclarecem o conteúdo e caracteres específicos desta experiência, e deixa de ser um objeto qualquer para ser um objeto sacralizado.

Nos movimentos pentecostais a separação e o rompimento com o que é profano faz uma divisória entre o que é sagrado do que não é, por esta razão para muitos grupos e até pessoa é difícil entender determinados tipos de práticas realizadas por estes grupos, porém, é a divisória fundamental, e a expressão exteriorizada no agir e no se comportar que é a prova evidente da separação do que é sagrado do que é profano.

1.7. A Doutrina dos Usos e Costumes como padrão de conduta na Assembléia de Deus

Em algumas denominações, a questão sobre o aspecto da mulher e sua indumentária (desde tamanho do cabelo à dúvida relativa do uso de barba por parte dos homens), ainda é tão explosivo, que não há sequer espaço para discussão. Sachs (1998) declara que, *a identidade de um grupo dá a uma pessoa o sentimento de pertença; pertença esta que está ligada à inclusão e a adesão dos padrões tradicionais que foram impostos por autoridade.* É pelo êxtase no Espírito Santo, que leva o fiel a agir dentro de padrões que geram um comportamento atuante de reprodução da identidade coletiva do grupo a que pertence.

Na bíblia encontramos uma tradição estabelecida, orientada por Deus, que então se torna o costume do povo, no caso específico do povo de Israel; no tempo neotestamentário os cristãos seguiam as normas da Bíblia, ou seja, um modo fixo de ação. No novo testamento o éthos em um sentido mais amplo torna-se hábitus.

Quando um membro da Assembléia de Deus está andando na rua ou em qualquer lugar pode-se conhecê-lo pelo traje, pela postura, até pela linguagem, pois são por estes hábitus que se caracteriza uma classe ou um grupo social em relação aos outros que não partilham das mesmas condições sociais.

Neste sentido, Boudieu (1980) afirma que: “habitus” funciona como *a materialização da memória coletiva que reproduz como agente da ação e primazia da razão prática e que pela contínua repetição e reprodução coletiva afirma com sucesso as aquisições e reprodução dos precursores.* Ele explica que os membros de uma mesma classe agem freqüentemente de maneira semelhante sem ter necessidades de entrar em acordo para isso.

O habitus é que permite aos indivíduos se orientarem em seu espaço social e adotarem práticas que estão de acordo com sua vinculação social, e pode ser fortalecida pela implantação dos valores espirituais que leva um fiel a andar, a crer que seu trajar, sua postura e conduta como exigência para agradar a Deus, pois de certa maneira está ligada ao padrão doutrinário que os líderes procuram vincular para gerar obediência a este costume.

A “Doutrina” para os pastores pioneiros da Assembléia de Deus é tudo que está escrito na Bíblia, pois, para os pastores o que está escrito deve ser observado e obedecido como padrão e os Usos e Costumes são parte integrante das doutrinas bíblicas que não se devem questionar. Então, por que está ocorrendo hoje esta mudança?

Para Martinelli (1997):

O sagrado não é senão o símbolo da própria sociedade, o sentimento de sagrado não é se não o sentimento de dependência do indivíduo, do grupo social. Para ele a religião é experiência coletiva do sagrado.

Pode-se observar que a sustentação da tradição da igreja sobre usos e costumes não deixa de gerar conflitos e crises nos sentimentos dos fiéis, provocando desgastes na relação com a igreja e que por várias influências vem sendo questionada, porém, para muitos grupos pentecostais estas questões dos trajes, jóias, adornos não pode ser questionada, pois, é uma identidade fundamental para diferenciar quem é crente de que não é.

Então fica a questão fundamental: o que está acontecendo com esta identidade pentecostal que hoje está sendo questionada?

Quando os costumes cristalizam-se, transformam-se em crenças éticas, e em seguida, em leis supostamente universais. O costume que era uma questão

meramente humana, embora possa estar escudada nas leis naturais e nos impulsos da consciência, estando assim em harmonia com a vontade de Deus, não deixou de receber influências e mudanças.

Berger e Luckmann (1999) expressam que:

As normas de um grupo traz consigo uma história e através dela podemos verificar as mudanças que vem ocorrendo. As normas podem alterar-se no sentido de criação de novas ou revisão das antigas tradições.

O sentimento de solidariedade pode estabelecer-se como um importante fator de manutenção do grupo, e podem emergir conflitos com relação a valores. O conflito não significa necessariamente, a dissolução do grupo, mas pode se caracterizar em um dado momento como fator de crescimento e solidificação deste grupo.

Com passar do tempo, as experiências que deram resultado são repetidas e, aos poucos, o grupo terá uma experiência acumulada que lhe permitirá resolver e dar sentido as coisas que praticam e que conduzam ao comportamento do grupo.

Os usos e costumes tradicionalmente praticados na Assembléia de Deus vem acompanhando este movimento desde seus primórdios e que se fortalece depois da sua experiência e cria um éthos, que para o crente desta igreja deve aparecer a maneira de se conduzir e acima de tudo no trajar, que se mostra como símbolos de que a pessoa é convertida, e prova de regeneração, sinal de santificação. Esta santificação é provada pela forma como o crente obedece estes padrões de identidade que se formou no contexto deste movimento.

Porém, esta forma de identidade Assembleiana está sendo pouco a pouco e com algumas exceções, flexibilizada ou adaptada aos novos valores, em alguns

casos, está sendo simplesmente abandonada por algumas igrejas, e ou, crentes.

Neste aspecto, como diz Ricardo Gondin (1999):

A maior luta da Assembléia de Deus é a preservação de suas tradições, de seus usos e costumes. A igreja tenta preservar o que havia em 1930, 35, e fechou os olhos para o fato de que de 35 para cá não só o mundo mudou como os próprios membros e a pessoas dentro da igreja mudaram.

CAPÍTULO II

A ASSEMBLÉIA DE DEUS, SUA ORIGEM E DESENVOLVIMENTO NO CONTEXTO DE BRASIL

No final do século XIX, o Brasil estava num franco processo de mudanças. Mudanças políticas, mudanças sociais, o franco desenvolvimento industrial no mundo, e a crise religiosa do catolicismo oficial, conflitos com o catolicismo popular, o desenvolvimento do protestantismo histórico, e além da influência de vários fatores externos, que atingiam todo o país. Neste contexto é que se instala o pentecostalismo.

A sociedade estava sendo transformada e foi no bojo dessas mudanças sociais, econômicas, políticas em que se inserem as mudanças religiosas, pois, como afirma Peter Beger (1985:61) *a mesma atividade humana que produz a sociedade também produz a relação entre os dois produtos, sempre de forma dialética*. A sociedade brasileira, ou ao menos parte dela ansiava por mudanças e

luta por essas mudanças, e passo a passo o liberalismo vai penetrando e influenciando nos países latino-americanos. É importante notar que as datas do triunfo liberal e o ingresso definitivo do protestantismo coincidem quase exatamente, no Brasil, nesta época.

No período colonial, com a hegemonia de Portugal e Espanha, as tentativas de penetração do protestantismo na América Latina foram todas frustradas. No Brasil, mesmo após a independência e mesmo com a implantação do regime monárquico não houve modificações no domínio religioso, uma vez que o padroado² teve uma seqüência em termos internos. O princípio da mudança chega quando começam a ocorrer simultaneamente diversos fatores que, colocarão em xeque este contrato entre poder secular e poder religioso: a abertura dos portos; a entrada de ideais iluministas, liberais e positivistas; a influência missionária e o enfraquecimento da hierarquia católica. A partir desses novos fatores começa-se a luta por um Estado laico; pela separação entre Igreja e Estado, pela implantação da República; pela liberdade de expressão religiosa do catolicismo popular, além dos movimentos missionários protestantes/evangélicos que se disseminaram em busca de seu próprio campo de atuação.

Segundo Francisco C. Rolim (1995):

O protestantismo histórico se implantou no seio de uma fração de classe dominante, tornando-se elitista e tendo envolvimento com pessoas de situação e recursos financeiros mais privilegiados. Seus membros, em sua maioria imigrantes e além do apoio dos grupos de melhores recursos e influência social como alguns liberais e massons, no qual não comungavam a ideologia do catolicismo e muitas vezes estavam em disputa direta com este grupo.

²Padroado trata-se de uma proteção, tutela ou apadrinhamento. Os papas são investidos de poderes pontifícios para administrarem, nos seus respectivos territórios, a instituição eclesiástica, promovendo e sustentando as obras religiosas. Pode ser entendido como uma combinação de direitos e deveres e privilégios concedidos a coroa Portuguesa nas colonizações da África, Ásia e Brasil. (Bideglin, 1993).

Embora não aderissem, eles próprios, ao protestantismo eram visivelmente mais favoráveis a este do que ao catolicismo, que nesta época em vias de romanização³, com tendência marcadamente ultramontana. Afinal, o protestantismo era a religião adotada pela nação desenvolvida e tida como modelo para ele. Neste período, os Estados Unidos e Inglaterra eram as luzes do mundo. Ambos dão sinais de um progresso alcançado graças à revolução industrial.

Neste aspecto, Bonino (1983:21) declara que:

No momento em que a América Latina emergia lentamente da sua história colonial e buscava sua integração ao mundo moderno e o protestantismo histórico significou um chamado à mudança, à transformação, centrada na esfera religiosa, mas que repercutia na totalidade da vida e da sociedade.

Já o pentecostalismo, quando se estabeleceu no seio da sociedade brasileira, com seu apelo a uma experiência pessoal com Deus, este forte apelo e vivência com o sagrado mostrava responder mais a necessidade da população mais pobre, e que respondia mais diretamente a necessidade da população naquele momento. De certa maneira, o pentecostalismo tinha uma identidade mais popular. Com a maior participação no êxtase religioso e participação das pessoas na divulgação do evangelho, o que não ocorria com os grupos protestantes históricos, que ficavam presos a um sistema onde os líderes tinham o domínio dos ensinamentos e sua divulgação parece ter facilitado ao pentecostalismo no seu apelo e simplicidade maior

³Romanização –ou reforma da igreja no Brasil, compreende a um longo período que tem seu início na segunda metade do século passado e, de certo modo, prossegue até as vésperas do concílio Vaticano II. Destinava-se a colocar a instituição brasileira em sintonia com as diretrizes da Santa Sé, já estabelecidas desde o concílio de Trento (séc, XVI) e reforçadas, mais tarde pelo concílio do Vaticano. Um dos seus pontos fortes era ação sobre o clero e o laicato, a partir da posição de poder ocupado pelo episcopado. Bideglin(1993).

desenvoltura. Assim como o catolicismo popular crescia muito em oposição ao catolicismo oficial, onde as pessoas buscavam integrar-se mais na busca de suas satisfações religiosas e participação a elas, além de outros fatores como a crise social, política e financeira que estavam ocorrendo no momento histórico brasileiro que foram fundamentais para o crescimento do movimento pentecostal.

2.1. As causas do crescimento do pentecostalismo no Brasil

Podemos observar vários fatores que de certa forma estavam presentes no contexto do Brasil, tais como: conflitos sociais, políticos, econômicos e religiosos, possibilitando ao pentecostalismo no final do século XIX seu aparecimento e esses fatos fundamentais de transição é que facilitaram o campo religioso no qual estamos contextualizando o pentecostalismo.

Em primeiro lugar, a insatisfação popular pela igreja oficial romana, onde as pessoas tinham pouco acesso e participação nas coisas da igreja, e isto gerava conflito entre igreja oficial e o movimento popular que buscava ter mais participação nesta igreja; em segundo lugar, com a proclamação da República, que associada à empresa colonizadora de Portugal, o padroado, dominavam todo o contexto social e religioso.

O império já perdera simpatia da igreja, por vários conflitos que estavam ocorrendo como em 1872 com D. Vital e D. Macedo, respectivamente bispo de Olinda e de Belém, que resolveram seguir ordens do Papa Pio IX, punindo irmandades religiosas que apoiassem os maçons. D. Pedro II, influenciado pelos maçons, decidiu intervir nas questões, solicitando aos bispos que suspendessem as punições. Como se recusaram a obedecer ao imperador, foram condenados a quatro

anos de prisão. Em 1875, receberam perdão imperial. Outros conflitos se estendiam em oposição à monarquia, tornando possível o sucesso do golpe político que instaurou a República no Brasil.

No dia 15 de novembro de 1889, o Marechal Deodoro da Fonseca assumiu o comando das tropas revoltosas, ocupando o quartel do Rio de Janeiro. Constituindo o governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil. Vários fatores ajudaram na mudança do domínio imperial para a república.

Os decretos do novo governo provisório de Deodoro da Fonseca foram: as províncias brasileiras transformadas em estado-membros da federação e com maior autonomia administrativa; a separação entre igreja e Estado, onde o estado deixou de controlar a igreja Católica, levando ao fim o Padroado.

Outras duas medidas importantes foram a reforma financeira e a proclamação da primeira constituição republicana, que permitiu aos estrangeiros se tornarem cidadãos brasileiros. Também abriram para que as religiões protestantes pudessem fazer com mais liberdade seus cultos e atividades.

A instalação da República não produziu grandes transformações sociais no país, pois pobres e ricos continuaram separados por um abismo imenso. O controle social, a opressão impedia o acesso à riqueza e aos estudos dos menos favorecidos no período da velha república, isto, abriu-se um leque, em vários lugares do país, para o aparecimento e reação de vários grupos tais como, os movimentos messiânicos mediante os quais milhares de pessoas pudessem fundar importantes comunidades e se firmavam em líderes religiosos. A estes líderes eram atribuídos qualidades como os dons de milagres, de realizar curas e profetizar acontecimentos. Estes movimentos desenvolveram mais em áreas rurais pobres como forma de reação à miséria e a opressões social.

Os movimentos de caráter messiânicos, que explodiram no Brasil desde o século XVI, constituíram forma sectária e internalizada, dominando completamente a concepção de vida e a orientação da conduta dos fiéis nele envolvidos. Vinculado ao mundo rural brasileiro, o Messianismo teve grande alcance e importância pelas funções sociais que desempenhou em várias comunidades.

Segundo Maria Isaura P. de Queiroz (1977), alguns grupos surgiram nestes períodos como:

Na figura de D. Sebastião, que pertence à mitologia portuguesa, que não só foi alvo de espera messiânica, como deu lugar a dois movimentos, o da cidade do paraíso terrestre e o da Pedra Bonita; Silvestre José e João Ferreira não eram a reencarnação de D. Sebastião, mas seus enviados.

A lenda do Encoberto, adaptada ao meio brasileiro se desvanece, porém, e as esperanças messiânicas, a partir da proclamação da República, vão concentrar-se em torno de dois personagens principais: O Padre Cícero no Nordeste, e o Antônio Conselheiro.

O movimento ocorrido na “Cidade Santa”, liderado por Antonio Conselheiro, abrigava 8 mil membros, habitantes de canudos, na Bahia. Durou cerca de quatro anos terminando pela intervenção de tropas Federais. O principal objetivo buscado por Antônio Conselheiro era de natureza religiosa, procurando, para tanto, submeter o comportamento a um padrão estrito e exclusivamente sacral. Desejava restaurar o reino de Deus na terra, no qual predominava a paz e harmonia e melhoria do nível de vida.

Já Padre Cícero teve uma influência que se fez sentir em áreas circunvizinhas a Juazeiro, o centro mais próspero do sertão. E através de seus sermões dava diretrizes precisas de comportamento, impondo forma de conduta coincidente com a moral rústica e os preceitos que deveriam orientar a vida do

sertanejo. Não houve mudanças radicais ou introdução de novas normas e padrões sociais na comunidade, mas a tentativa de fazer vigorar o que já existia como valor idealizado em consequência de concepção tradicionalista.

O meio rústico brasileiro goza, pois, da peculiaridade de contar, com messias autóctones, que sob figuras pertencentes ao catolicismo popular, que concentram as esperanças messiânicas das populações rústicas dessas regiões. Nestes movimentos os líderes consideravam como inspiração sacral da existência, tinham o predomínio dos valores religiosos sobre os profanos, e procuravam cumprir a meticolosa observância das devoções prescritas.

O movimento messiânico era entendido como uma grande família, cabendo o papel de líder ao pai, padrinho ou patriarca, sendo todos os membros irmãos, sob sua tutela. Maria Isaura Queiroz (1977) expressa que:

Nos grupos messiânicos existem estruturas internas que conduzem o comportamento e ação destes grupos tais como: Primeiros, os líderes sempre ocupam a posição mais elevada, entre eles e os fiéis. Segundo, o líder carismático destaca-se por sua maneira de organizar o papel sócio-religioso, religioso e político do grupo. Terceiro, a formação de uma sociedade com padrões morais e valores espirituais formavam o caráter do grupo. Quarto, a necessidade da relação com o êxtase religioso como parte integrante do caráter do líder assim como a participação dos indivíduos neste êxtase para sentir-se integrado ao grupo. Quinto, a expectativa e a esperança numa terra sem males, ou, conhecido como paraíso terrestre. Sexto, a morte do líder gerava uma expectativa, a de seu retorno como um “messias” para levá-los a uma “terra sem males”.

Diversas explicações desses movimentos, foram atribuídas atribuindo-os a fatores como determinismo geográfico, racial e psicológico, ou a fanatismo religioso próprio de indivíduos que habitam amplas zonas rurais, as quais foram criticadas à luz dos conhecimentos sociológicos e antropológicos contemporâneos. É neste sentido que Maria Isaura de Queiroz e outros, contribuíram para o estabelecimento

da natureza e alcance desses rústicos e violentos processos de internalização religiosa. Na raiz do fenômeno messiânico encontra-se, a desorganização social nas áreas rurais, processo induzido por transformações externas afetando de modo inexorável o equilíbrio tradicional.

Na falta de outras alternativas, a sociedade encontra em seu patrimônio cultural densamente sacralizado recursos para reformular o sentido da existência idealizando o passado “a vida pura e perfeita”, onde procuravam as comunidades messiânicas a mítica ordem dos velhos tempos. A paz e a felicidade projetam-se, de maneira saudosista e ideal, na sociedade futura e perfeita, cujo arcabouço se prenuncia com a vinda do Messias Salvador.

Na perspectiva religiosa, o catolicismo tradicional rural, transformou-se em movimentos messiânicos cujo caráter social e político é de inspiração sacral. Os fiéis aderem a padrões de comportamento e a valores preciosos, encontrando, na esperança messiânica, orientação para enfrentar a problemática da desorganização social. A consciência dos fiéis sobre o motivo da adesão religiosa, bem como sua coerência com a situação existencial, leva-os ao reavivamento espiritual e a internalização da religião.

Nesta questão, a religião formula uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica que controla, ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica no plano da experiência humana, onde procura interpretar o sentido de sua existência e o sustento do seu comportamento.

A referência ao messianismo brasileiro, a forma extremada de internalização e sectarismo religioso, visa a descortinar a amplidão e a variedade assumidas pelo reavivamento de valores sacrais. Restrito ao meio rural menos desenvolvido, dependente de crises agudas e profundas, os surtos messiânicos constituem

fenômeno social e geograficamente localizado, cuja importância tende a decrescer no Brasil de modo nítido.

O pentecostalismo com suas bases na experiência pessoal e no poder do Espírito Santo, dá a oportunidade aos pobres e excluídos de experimentarem uma vivência mais próxima do sagrado, de certa forma dando às pessoas a chance de alívio e trazendo uma perspectiva de um sentimento de alívio da pobreza e uma possibilidade de evoluir, assim como uma esperança de uma realidade nova, dando às pessoas uma nova motivação para serem felizes. A visão de mundo que foi encontrado na estrutura dos grupos, parece ter dado ao pentecostalismo, principalmente, diante do catolicismo popular, sua base de atuação, assim como permitiu aos movimentos messiânicos sua organização.

Sendo o pentecostalismo um movimento de êxtase, sem apelo messiânico, mas que vai fazer sucesso, ocupando o lugar de cultos de tipo messiânico, em contexto urbano faltou algo aqui. É na religião que se sustenta a relação com o sagrado o que vale dizer que ela tem que responder à necessidade do indivíduo e garantir através do ritual e de seus símbolos o equilíbrio do fiel com o transcendente e ajudá-lo no comportamento que reproduzirá na relação social.

Neste aspecto, à medida que o homem muda, também o mundo do senso comum muda, pois ele é visto agora como uma forma parcial de uma realidade mais ampla que o corrige e o completa.

Em relação ao papel e à atuação dos líderes messiânicos e os missionários pentecostais, sabe-se que ambos atuaram da busca e integração na conduta dos seus seguidores, estimulando-os à expectativa de uma vida melhor e à esperança de uma vida mais voltada ao sagrado e na expectativa de um mundo melhor. O papel do carisma tanto dos missionários como do líder no messianismo conseguiram

atrair ao redor de si um grupo grande de seguidores, e criando um ethos que identificava a ação destes líderes no seu papel carismático e na formação destes grupos. Ambos, tendo seus papéis diferentes, mais com atuações específicas.

Em meio a uma gama de fatos que vinha ocorrendo no Brasil, o desenvolvimento e início da Assembléia de Deus encontrou um campo vasto para sua organização, porém, não foram os missionários da A.D., os primeiros evangélicos a escolher o Pará como terra de missão. Quando Daniel Berg e Gunnar Vingren aqui chegaram já existiam na cidade de Belém quatro trabalhos missionários da igreja Metodista, Episcopal, Presbiteriana e Batista.

Segundo Daniel P. Kidder (1943), em seu relato pessoal, foi ele o primeiro missionário protestante a percorrer a região amazônica, permanecendo por um bom tempo na cidade de Belém em 1839. Entretanto, sua viagem não parece ser, segundo seu próprio relato, uma viagem missionária. Seu trabalho consistiu basicamente de distribuição de Bíblias, e na pregação a bordo de navios estrangeiros que atracavam no porto de Belém ou em casa de uma pessoa amiga, não chegando, nessa época, a estabelecer uma igreja, e nem ao menos um trabalho regular.

Para David G. Vieira (1980), foi o outro americano, o capitão Naval norte americano Robert Nesbit, que esteve em Belém em 1857, de passagem para entregar alguns vapores ao governo peruano, também levava consigo um carregamento de Bíblias e Novos Testamentos e teve tanto sucesso nessa distribuição de material que foi convidado pela Sociedade Bíblica Americana para ser seu agente no Rio Amazonas, trabalho que exerceu durante um ano depois vindo a morrer de febre.

Em 1860 chega ao Pará o missionário Richard Holden enviado pelo Conselho de Missões Episcopais dos Estados Unidos, e pela Sociedade Bíblica Norte Americana. Holden faz amizade e recebe o apoio de um grupo de estrangeiros residentes no Pará, embora também houvesse entre os estrangeiros um grupo que não se mostrava favorável a presença de pregadores protestantes na cidade.

Será somente em 1880 que o missionário Justus H. Nelson, metodista, o primeiro a criar um trabalho regular fundando uma escola e chegando a publicar um jornal “O Apologista Cristão Brasileiro”, com o lema: Saibamos e pratiquemos a verdade custe o que custar, onde criticava duramente os erros e superstições da igreja reinante, o que naturalmente resultou em grande perseguição e hostilidade e o fez ficar encarcerado durante quatro meses, dois dias e doze horas. Entretanto, tendo que retornar aos E.U.A em 1896, não havendo quem liderasse o trabalho esse se extinguiu. Retornou a Belém onde o trabalho metodista durou até 1926, quando Justus Nelson retornou aos Estados Unidos entregando ao pastor da Igreja Batista “suas poucas ovelhas para não ficarem desgarradas e sem orientação espiritual”. Long (1968).

A Igreja Batista foi fundada no Pará em fevereiro de 1897, pelo missionário Eurico Alfredo Nelson, que chegou a Belém em 19 de novembro de 1891, a bordo do navio “Esperança”. Eurico Nelson (Erik Nilsson) era de origem sueca, tendo imigrado para os Estados Unidos com 07 anos de idade. Em 1908 o trabalho já se estendia oficialmente até Castanhal, onde foi constituída oficialmente a igreja Batista daquela cidade. A igreja contava com 170 membros arrolados em 1910, quando da chegada dos dois missionários que fundariam a Assembléia de Deus.

A Igreja Episcopal não foi estabelecida a partir da presença de Richard Molden, cujo trabalho mencionamos acima. Esta igreja se estabeleceu

concretamente no Brasil em 1890, e, poucos anos depois já tinham um trabalho em Belém. A Igreja Presbiteriana também já tinha seu trabalho instalado em Belém do Pará no ano de 1904.

Assim Freston (1994:81-82) conclui que, *não obstante serem um grupo extremamente reduzido, cujo total não deveria chegar nem a 400, o protestantismo histórico no Pará, por volta do ano de 1910, já se havia estabelecido e já era considerado como instituição ativa no seio da sociedade paraense, onde os missionários encontram portas abertas para agir e propagar o Pentecostalismo.*

2.2. A Ação Missionária e a formação da Assembléia de Deus na Amazônia

Historicamente a igreja Assembléia de Deus nasceu em Belém do Pará há noventa anos. Vindo dos Estados Unidos na virada do século, e apenas dez anos depois já estava se fixando no Brasil. A característica missionária dessa denominação é marcante desde o seu nascimento. Tendo se organizado em 1914 como “General Council”, bem antes disso, por volta de 1910, já contava com missionários na Índia, Suécia, Chile e Brasil. Eram da Suécia os dois primeiros missionários pentecostais que chegaram ao Brasil em 19 de novembro de 1910: Daniel Berg e Gunnar Vingren. Originários da Igreja Batista, ambos tem uma passagem pelos Estados Unidos onde entram em contato com o pentecostalismo.

E na organização especificamente religiosa desenvolvem-se a partir da experiência religiosa de determinados fundadores e seus discípulos e termina numa organização religiosa institucionalizada e permanente.

No caso da Assembléia de Deus, organizou-se através da experiência destes missionários que nos EUA, tiveram uma experiência com êxtase no Espírito Santo e no falar línguas estranhas (glossolalia), e com este fervor espiritual e com suas mensagens causaram uma ruptura com sistemas que havia estabelecido, criando um movimento carismático diferencial. É na experiência dos missionários que podemos identificar o papel do profeta o que Weber (1991) diz ser o *portador de um carisma puramente pessoal o qual, em virtude de sua missão, anuncia uma doutrina religiosa ou um mandato divino, onde se caracterizará a força de seu carisma* e que reivindica segundo Ele uma revelação nova, entre o renovador e o fundador. Neste sentido, a mensagem do missionário trouxe uma mudança estrutural na maneira de conduzir, do grupo religioso aqui, a igreja Batista, onde congregaram quando de sua chegada no Brasil, e que pelo apelo ao êxtase gerou uma nova a ponto de gerar uma ruptura naquilo que era tradicional e que foi fator de sucesso no pentecostalismo no seu início.

A vida e experiência de **Gunnar Vingren (2001)**, “nasceu em Ostra Husby, Ostergotland, Suécia, a 8 de agosto de 1879. Era filho de pais batistas, que lhe ensinaram desde cedo a trilhar nos caminhos santos. Ainda muito pequeno, seus pais o levavam à Escola Dominical, onde seu pai era dirigente. Aos nove anos, aparece através de sua primeira experiência o diferencial carismático de sua chamada, o qual abriu caminho para uma experiência plena de sua chamada. Com essa idade, costumava reunir outras crianças de sua idade para orar. Porém, aos 12 anos, desviou-se da igreja. *“Caí profundamente no pecado até os 17 anos, quando o Senhor outra vez me chamou”*, experiência com Deus conta Vingren em seu diário. Em 1896, foi ao culto de vigília de ano-novo com seu pai e entregou-se outra vez ao Senhor.

Em 1897, aos 18 anos, foi batizado nas águas na Igreja Batista em Wraaka, Smaland, Suécia. Nessa época, assumiu a direção da Escola Dominical de sua igreja, substituindo seu pai. Em 14 de julho daquele ano, um artigo de uma revista, que falava sobre os sofrimentos de tribos nativas no exterior, o levou às lágrimas e a uma decisão que mudaria o rumo de sua vida.

Após o serviço militar, foi atraído pela “febre dos Estados Unidos”. Em 30 de outubro de 1903, embarcou na cidade de Gotemburgo num vapor que o levou à cidade de Hull, na Inglaterra. De lá foi de trem para Liverpool, onde pegou outro vapor, com destino a Boston, Massachusetes, EUA. Chegando lá, tomou um trem até Kansas City, onde morava seu tio Carl. Depois de uma semana, começou a trabalhar como foguista em Greenhouse até o verão. Foi porteiro de uma grande casa comercial na região e jardineiro, profissão que aprendera com seu pai. Em fevereiro de 1904, conseguiu um emprego no Jardim Botânico de Saint Lous. Aos domingos, Vingren assistia os cultos de uma igreja sueca estabelecida naquela cidade.

Em setembro de 1904, iniciou um curso de quatro anos no Seminário Teológico Batista Sueco, em Chicago. Durante o tempo em que morou em Kansas, pertenceu à igreja batista sueca, onde foi exortado a voltar a estudar. Concluiu seus estudos e foi diplomado em maio de 1909. Nesse período, entregou uma solicitação para ser enviado como missionário. Enquanto a resposta não chegava, foi convidado para assumir o pastorado da Igreja Batista em Menominee, Michigan. Em junho daquele ano, assumiu a direção da igreja.

Nesse período, participou da Convenção Geral Batista dos Estados Unidos, onde foi decidido que seria enviado missionário para Assam, na Índia, juntamente com sua noiva. A Convenção Batista do Norte o sustentaria. No início, Vingren

convenceu-se de que esta era a vontade de Deus, mas, durante a convenção, Deus mostrou-lhe o contrário. Voltando à sua igreja, enfrentou uma grande luta por causa de sua decisão. Finalmente, resolveu não aceitar a designação e comunicou sua decisão à convenção por escrito. Por esse motivo, a moça com quem se enamorara rompeu o noivado.

No verão de 1909, Deus encheu o coração de Vingren com o desejo de receber o batismo no Espírito Santo, em novembro daquele ano, ele pediu permissão à sua igreja para visitar a Primeira Igreja Batista Sueca, em Chicago, onde se realizava uma série de conferências. O seu objetivo era buscar o batismo no Espírito Santo. Após cinco dias de busca incessante, foi revestido de poder, falando em outras línguas como os discípulos no Dia de Pentecostes.

Foi nessas conferências que conheceu Daniel Berg, que se tornaria mais à frente seu grande amigo. Ao voltar à sua igreja em Menominee, começou a pregar a verdade de que “Jesus batiza no Espírito Santo e com fogo”. Em fevereiro de 1910, Vingren foi intimado a se afastar da igreja, que ficou dividida, metade cria na promessa e a outra a rejeitava. Os que rejeitaram obrigaram-no a deixar o pastorado.

Foi em Sout Bend que Vingren reencontrou Berg e o Espírito Santo revelou ao irmão Olof Uldin que havia conhecido Vingren e Berg, vários acontecimentos futuros a respeito dos dois. Entre outras coisas, Deus lhe dissera que eles deveriam ir para um lugar chamado Pará; que o povo desse lugar era de um nível social muito simples; que Gunnar deveria lhes ensinar os rudimentos da doutrina bíblica; que Berg e ele comeriam comidas simples, mas não lhes faltaria nada.

Ao ouvirem pela primeira vez o nome do lugar para onde Deus os chamara, não sabendo onde era, foram até a biblioteca pública da cidade, onde descobriram

que o Pará ficava no Norte do Brasil. Depois de orarem, Berg e Vingren aceitaram o destino. Deus proveu milagrosamente a quantia certa para a viagem. Partiram em um navio que saía de Nova Iorque. Durante a viagem, ganharam um tripulante para Cristo. Quatorze dias após saírem de Nova Iorque, chegaram ao Pará. Era o dia 19 de novembro de 1910.

Em Belém, moraram no porão da Igreja Batista localizada na Rua João Balby nº 406. Depois, passaram um tempo na casa do irmão presbiteriano Adriano Nobre, em Boca do Ipixuna, às margens do Rio Tajapuru. Hospedaram-se no mesmo quarto onde morava o irmão Adrião Nobre, primo de Adriano. De volta a Belém, retornaram ao porão da igreja. Por esse tempo, já falavam um pouco de português. O primeiro professor deles fora o irmão Adriano.

Durante a época em que pastoreou a igreja em Belém, no Pará, Vingren visitou por duas vezes a Suécia, passando pelos Estados Unidos. Em 1º de agosto de 1917, na sua primeira viagem, conheceu a enfermeira Frida Strandberg, que contou-lhe do chamada para o Brasil. Em 16 de outubro de 1917, em cerimônia presenciada por Samuel Nystrom e esposa, Gunnar e Frida se casaram.

Vingren fundou os jornais Boa Semente, em 1919, em Belém do Pará; Som Alegre, em 1929, no Rio de Janeiro; e o Mensageiro da Paz, em 1930, resultado da fusão dos dois primeiros jornais, tornando-se o órgão oficial da Assembléia de Deus no país.

Em 15 de agosto de 1932, Vingren retornou à Suécia, deixando a igreja no Rio de Janeiro, que pastoreara por mais de nove anos, sob a responsabilidade de Samuel Nystrom. No Brasil, terra que tanto amava, ficou sepultada sua filha Gunvor. A igreja no Rio, sob a sua direção, “cresceu mais do que qualquer outra no Brasil, naquele período; os batismos em água multiplicavam-se”, registrou. Em junho

de 1933, foi com a família para uma colônia de descanso em Tallang; onde terminou seus dias. Gunnar Vingren faleceu no ano de 1933, na Suécia.

A vida de **Daniel Hogberg** (2001) conhecido no Brasil como Daniel Berg, nasceu a 19 de abril de 1884, na pequena cidade de Vargon, na Suécia, às margens do lago de Verner. Quando recém-nascido, o padre da cidade visitou inúmeras vezes a casa de seus pais para convencê-los a batizá-lo, mas nada conseguiu. Por isso, desde criança, Daniel era mal visto pelo padre, que, desprestigiado, passou a dizer que a criança que não fosse batizada por ele jamais sairia de Vargon. Quando o Evangelho começou a entrar nos lares de Vargon, seus pais, Gustav Verner Hogberg e Fredrika Hogberg, o receberam e ingressaram na Igreja Batista. Logo procuraram educar o filho segundo os princípios cristãos. Em 1899, Daniel converteu-se e foi batizado nas águas.

Em 1902, aos 18 anos, pouco antes do início da primavera nórdica, deixou seu país. Embarcou a 5 de março de 1902, no porto báltico de Cothemburgo, no navio M. S. Romeu, com destino aos Estados Unidos, “Como tantos outros haviam feito antes de mim”, frisava. O motivo foi a grande depressão financeira que dominara a Suécia naquele ano. Em 25 de março de 1902, Daniel desembarcou em Boston. No Novo Mundo, sonhava, como tantos outros de sua época, em realizar-se profissionalmente. Mas Deus tinha um plano diferente e especial para sua vida.

De Boston, viajou para Providence, Rhode Island, para se encontrar com amigos suecos, que lhe conseguiram um emprego numa fazenda. Permaneceu nos Estados Unidos por sete anos, onde se especializou como fundidor. Com saudades do lar, retornou à cidade natal, onde o tempo parecia parado. Nada havia se modificado. Só seu melhor amigo, companheiro de infância, não morava mais ali. “Vive em uma cidade próxima, onde prega o Evangelho”, explicou sua mãe.

Logo chegou a seu conhecimento que seu amigo recebera o batismo no Espírito Santo, coisa nova para sua família. A mãe do amigo insistiu para que Daniel o visitasse. Aceitou o convite. No caminho, estudou as passagens bíblicas onde se baseava a “nova doutrina”. Chegando à igreja do amigo, encontrou-o pregando. Sentou e prestou atenção na mensagem. Após o culto, conversaram longamente sobre a nova doutrina. Daniel demonstrou ser favorável. Em seguida, despediu-se e partiu, pois sua intenção não era permanecer na Suécia, mas retornar à América do Norte.

Em 1909, após despedir-se dos pais, em meio à viagem de retorno aos Estados Unidos, Daniel orou com insistência a Deus, pedindo o batismo no Espírito Santo. Como não estava preocupado como da primeira vez, posto que já conhecia os EUA, canalizou toda a sua atenção à busca da bênção. Ao aproximar-se das plagas norte-americanas, sua oração foi respondida.

A partir de então, sua vida mudou. Daniel passou a pregar mais a Palavra de Deus e a contar seu testemunho a todos. Ainda em 1909, por ocasião de uma conferência em Chicago, Daniel encontrou-se com o pastor batista Gunnar Vingren, que também fora batizado no Espírito Santo. Os dois conversaram horas sobre as convicções que tinham. Uma delas é que tanto um como o outro acreditavam que tinham uma chamada missionária. Quanto mais dialogavam, mais suas chamadas eram fortalecidas.

Em 1920, numa viagem a Suécia Berg encontrou-se com Sara e, no mês de junho, ambos se casaram e em março de 1921, vem para o Brasil. Em 1963, aos 79 anos, Daniel faleceu.

Francisco Cartaxo Rolim (1985:40-41) descreve o surgimento da Igreja Assembléia de Deus no Pará da seguinte maneira:

Chegados a Belém (Berg e Vingren), recebidos pelos batistas locais, entregam-se à aprendizagem da língua e a longas horas de oração no templo e em casa, e aos poucos começaram a falar de sua nova experiência religiosa. Ao congregarem na igreja batista para, vigílias de oração, cânticos e leitura da Bíblia, foi que numa dessas vigílias de preces que a crente batista começou a falar em línguas estranhas. Lá estava aprova da glossolalia, estampada nos gestos e na linguagem desconhecida de uma crente brasileira e a conseqüência foi um agudo desentendimento entre os missionários americanos e o próprio dirigente da celebração.

Expulsos por este, os dois pentecostais carregaram consigo um punhado de batistas. Fundava-se a primeira igreja Assembléia de Deus, em Belém do Pará, em junho de 1911, e constituiu-se oficialmente no dia 18 de junho de 1911 a primeira igreja “Assembléia de Deus” no Brasil.

Se no início os pentecostais, nos Estados Unidos tinham tentado converter os protestantes para a nova doutrina, buscando uma reforma das igrejas, aqui se percebe a mesma trajetória. Ao terem que se reunir em separado, pois a doutrina não era aceita pela igreja batista local, levam consigo uma parte considerável dos membros da igreja e pessoas que tinham a liderança da igreja.

Há várias versões sobre os fatos ocorridos que resultaram na expulsão de um grupo de membros da igreja batista por estarem professando a crença na glossolalia. A Ata da Igreja Batista onde se registra a expulsão de 13 de seus membros por “incompatibilidade doutrinária” diz o seguinte, Segundo Antônio Almeida:

“Nesta época foram 18 excluídos oficialmente na Assembléia da Igreja Batista, 11 compareceram à convocação feita por Gunnar Vingren para a casa onde ficava a congregação batista na Cidade Velha para organizar a Assembléia de Deus, mais 03 membros da Igreja Batista, e mais quatro congregados (ainda não membros oficiais da Igreja Batista), o que perfaz um total de 18 pessoas que

oficialmente instalaram a Igreja Assembléia de Deus. Essa reunião ocorreu no dia 18 de junho de 1911”.

Dos 18 que foram excluídos; quatro era diácono. Desses quatro um era secretário da igreja, outro tesoureiro e outro ainda moderador da igreja. A igreja possuía um número de nove diáconos, o que significa uma perda de quase metade de seus oficiais. As versões de Daniel Berg e Gunnar Vingren sobre esta reunião mencionam que simplesmente 18 pessoas se declararam de acordo com a nova seita e foram cortados da comunhão da Igreja. O que é seguido pelos historiadores da Assembléia de Deus.

No diário de Vingren (1987) consta que, o evangelista, que não quis crer, ficou muito orgulhoso e caiu debaixo do juízo do diabo. Na terça-feira seguinte ele convocou os membros da igreja para um culto extraordinário e não permitiu nem que o pastor falasse. Ele somente disse: todos os que estão de acordo com a nova seita levantem-se. Dezoito irmãos se levantaram e foram imediatamente cortados da comunhão da igreja.

Daniel Berg (1987) conta da seguinte maneira o mesmo fato:

O pastor olhou mais uma vez em redor e esperou que alguém se manifestasse a seu favor, mas foi em vão. A seguir dirigiu-se a mim e ao irmão Vingren e disse: Já tomei a decisão. A partir deste momento não podem ficar morando aqui, procurem outro lugar; depois de tudo o que aconteceu não queremos vocês aqui. A seguir o pastor dirigiu-se ao pequeno grupo e perguntou: “Quantos estão de acordo com essas falsas doutrinas ?” decididamente 18 pessoas levantaram suas mãos; elas sabiam que essa atitude equivalia a serem expulsas da igreja.

Segundo Antônio Almeida, após vários meses de trabalho a situação veio a explodir justamente no culto de oração do dia 13 de junho de 1911, o que provocou uma reunião após o mesmo, onde foram excluídos os seguidores das novas doutrinas.

Após o culto, segundo a versão de Antônio de Almeida:

O evangelista Raimundo Nobre organizou uma reunião convocando dois irmãos para comporem a mesa, Antônio Belo de Lima e José Joaquim de Lima Antunes, presidente e secretário, respectivamente. Em seguida o irmão secretário pediu a palavra verberando contra o procedimento dos irmãos solidários com os missionários pentecostais, que após o culto desapareceram do templo fugindo para um lugar ignorado, deixando de dar apoio a seus partidários.

2.3. A ação do Batismo com o Espírito Santo como fator de nômia na integração do fiel na Assembléia de Deus

A causa do rompimento dos missionários Vingren e Berger com a Igreja Batista em Belém do Pará tem como princípio básico a manifestação e experiência no Espírito Santo e a ação do “falar em línguas estranhas (glossolália) que trazidos dos Estados Unidos impulsionou a chegada deste pentecostalismo no Brasil.

O movimento do pentecoste, começa segundo a Bíblia em uma festa Judaica que é comemorada cinqüenta dias após a páscoa, quando do derramamento do Espírito Santo faltou que ocorreu numa reunião no cenáculo quando estavam reunidos mais ou menos 120 pessoas e estava próximo esta festa na cidade de Jerusalém ocasião em que ocorreu a manifestação desta ação do Espírito Santo.

Foi a profecia de Joel capítulo dois que Pedro se referiu depois que o Espírito Santo se manifestou no cenáculo, onde a multidão perplexa perguntavam:

O que quer dizer isto?”. Pedro respondeu: “Mas o que ocorreu é o que foi dito por intermédio do profeta Joel: E acontecerá que nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne (At. 2:16-18).

Esta ação foi predita por Jesus dizendo que receberiam o revestimento do poder para testemunhar seu nome e isso aconteceu nesta data.

Todos estes fenômenos foram em si mesmos assustadores e sobrenaturais, mas, talvez, o mais fora do comum, no dia do pentecoste, foi o: *falar em outras línguas, segundo o Espírito lhe concedia que falassem.* (At. 2:4) e isto está caracterizado na história como um fato que perdura até hoje.

Neste princípio vemos que apesar de ser uma manifestação bíblica, esta foi uma das causas do rompimento na igreja no princípio aqui no Brasil, principalmente para o movimento pentecostal. Para os pentecostais o falar em línguas é uma evidência que têm que estar presente na vida de cada fiel, pois é uma promessa para edificar a si mesmo (I Co. 14) e que leva a testemunhar a Cristo, como maior autoridade, e para os movimentos da Assembléia de Deus está presente ainda hoje. Neste aspecto a Assembléia de Deus começou pela ênfase desta experiência com Deus e logo tornou-se regra fundamental na vivência de cada crente desta igreja, que foi um impulso ao crescimento até hoje.

Nas várias mudanças que vem ocorrendo de alguns anos para cá para quem frequenta esta igreja, percebe-se que a ênfase na ação do Espírito Santo e o falar em línguas têm perdido espaço para várias influências dos grupos neopentecostais, que tem de certa forma levado a Assembléia de Deus a várias mudanças, nas quais o incentivo à experiência com o Espírito Santo tem afetado a igreja que começa a observar outros fatores que sempre estiveram presentes, porém, não era enfatizados, como o fato da doutrina dos usos e costumes que diferenciavam o crente pentecostal desta igreja diante de outros grupos, mas isto antes era visto com naturalidade.

Outras mudanças como a liturgia do culto, as músicas sacras, o bater palmas no culto, culto de libertação e prosperidade aparece claramente como sincretismo dentro da Assembléia de Deus com mais ênfase e conflito hoje do que no passado. Porém, o que nos interessa enfatizar aqui é a mudança na identidade da Assembléia de Deus na questão dos usos e costumes e porque esta mudança vem atingindo a igreja e a concepção de santidade e separação do mundo hoje.

O pentecostalismo surgiu com a motivação explícita de recuperar a atitude da experiência cristã. E para o pentecostal, o batismo com o Espírito Santo é fundamental para dar uma identidade diferencial que desde seu início causou uma ruptura. A inauguração da Assembléia de Deus demarca como princípio fundante para uma adesão ao pentecostalismo esta experiência. Com sua mensagem sobre o fervor a experiência com Deus, a ação do Espírito Santo e o entusiasmo religioso com suas reivindicações diretas de conhecimento divino, sempre foram uma ameaça à ordem estabelecida, e isto gerou no seio do protestantismo histórico uma ruptura que levou ao surgimento da Assembléia de Deus, o que Goodenough (1995) afirma que:

A experiência religiosa deve ser "legitimada", e que depois de legitimada, ela incorpora o que é certo, e aceitando esse código, assim o homem experimenta a sensação de retidão interior e de segurança exterior para expressar sua experiência com este sagrado. Neste aspecto, o batismo com o Espírito Santo é fortalecedor para a confissão e declaração que algo novo aconteceu na vida do novo crente, agora pentecostal.

Neste caso, Vingren e Berg, depois de se declarem pentecostais e estimularem os fiéis a aderirem esta nova maneira de ser, foram excluídos da igreja Batista.

Após a exclusão da igreja Batista o grupo se reuniu por um período de três meses na casa de Celina Albuquerque, a primeira a ter a experiência com o êxtase

do batismo com o Espírito Santo, considerada, portanto, a primeira pessoa a aceitar o pentecostalismo no norte do país. A presença desta vivência agora experimentada por um leigo comum, mostra que esta relação com Deus é condição não de um carisma missionário, mas uma nova condição de ser pentecostal.

Segundo Brandão (1986):

A igreja funcionou durante algum tempo na casa de Celina Albuquerque e depois para a Av. São Jerônimo, 224. No dia 11 de janeiro de 1918, foi registrada, oficialmente, como Assembléia de Deus, uma das primeiras igrejas no mundo a adotar esse nome.

Após, fundada a Assembléia de Deus, Gunnar Vingren foi eleito pastor e Daniel Berg seu auxiliar, além de colportor pelo interior do Estado. Gunnar Vingren exerceu o pastorado até 1924, quando foi substituído por Samuel Nystron até 1930, que foi substituído por Nels Julios Nelson até 1950. Só então, 39 anos após o seu surgimento, um brasileiro veio ocupar o cargo de pastor da primeira igreja da Assembléia de Deus fundada no Brasil. A partir daí somente brasileiros exerceram esse cargo. José Pinto de Menezes, de 1959 a 1961; Alcebíades Pereira Vasconcelos 1961 a 1968; e, Firmino da Anunciação Gouveia, que assumiu em 1968 e atualmente o pastor Samuel Câmara é titular da igreja em Belém do Pará.

O ministério destes dois missionários não ficou restrito só a Belém e Norte do Brasil. Depois de organizada e consolidada a igreja local de Belém do Pará, os missionários Daniel e Gunnar iniciaram a expansão da igreja pela região. Decidiu-se que Gunnar Vingren ficaria responsável pelo trabalho de Belém e Daniel Berg pela evangelização em outras localidades. A ilha do Marajó foi o primeiro lugar, após Belém, onde se iniciou um trabalho a partir da conversão de um pescador.

No ano de 1912, segundo seu próprio relato, Daniel Berg (1987) se dirigiu para Bragança no litoral paraense, onde começou o trabalho ao longo da estrada de ferro Belém-Bragança. Berg observa que:

No ano de 1913, houve uma grande seca no Estado do Ceará, e o governo dava passagem grátis a quem quisesse sair de lá. Muitas pessoas vieram então viver às margens da estrada de ferro Belém-Bragança. Isso significou um grande aumento da população do Estado do Pará.

Como resultado dessa missão já em 1916 havia trabalhos regulares em quatro localidades ao longo da estrada Belém-Bragança. Em 1917 já se estava estabelecendo o trabalho em Manaus. O missionário Samuel Nystrom (1987), narra como *a crise da borracha estava afetando a população de Manaus*. Além de estabelecer um trabalho em Manaus, ele narra uma viagem que fez ao norte do estado do Amazonas, perto da fronteira com a Venezuela *Ali, umas 10 pessoas esperavam alguém para serem batizadas nas águas e tinham escrito várias vezes que alguém fosse lá*. Ele não menciona o nome da localidade e nem o nome do homem que iniciou o trabalho naquela região.

Menciona, entretanto, ter sido preso em Boa Vista, o que faz supor que o trabalho foi pelas redondezas dessa cidade. Ele dá mais um dado sobre a quantidade de comunidades na região das ilhas; *“ quando deixei este trabalho, em 1920, havia um grande número de crentes em 14 igrejas, umas grandes e outras menores, no campo das ilhas”*. Também menciona novas localidades da região Bragantina onde, nessa época, se estabeleceram novos trabalhos: Timboteua, Tauari. Antes de 1930, já havia trabalhos também em Faro, Juriti, Óbidos e Monte Alegre. E no Amazonas mais dois trabalhos (entre os rios Purus e Juruá e entre os Rios Madeira e Purus e a desembocadura do Rio Negro). Em 1934 já eram 70 as igrejas no Pará, e o número de fiéis mais de 6.000, também ele afirma existirem,

nessa mesma época, no “Estado do Mato Grosso, na Estrada de Ferro Madeira-Mamoré”, 8 igrejas com um total de 400 membros.

Em 1922, a igreja inaugurava um templo em Maceió para 300 pessoas. Também no Sergipe iniciou-se o trabalho e havia uma igreja pobre e sem possibilidade de sustentar um obreiro próprio. Em 1930 o Estado do Espírito Santo já possuía uma igreja com 25 membros. Em 1934 havia 150 membros em Vitória, bem como outras quatro igrejas no interior com 450 somando 500 os membros naquele Estado. Em 1930 ocorreu o primeiro culto da Assembléia de Deus na Bahia. Em dois anos já haviam trabalhos no sul deste estado e ao norte, cidades de Valente e Curuçã. Missionários estrangeiros vieram em grande número para ajudar na obra pentecostal. Eles eram de diversos países: Suécia, principalmente, Estados Unidos, Alemanha, Polônia, Finlândia. A sustentação para o trabalho desses missionários, ao que parece, vinha, em grande medida, de pessoas amigas desses missionários em seus países de origem. De quando em vez eles retornavam à sua pátria para descansar e fazer coletas de ofertas para a construção de templos e sustentação do trabalho, além de fazerem campanhas visando despertar vocações para o trabalho missionário no Brasil. Não se pode negar que o poder sobre a obra pentecostal no Brasil, pelo menos nos primeiros vinte anos, era dos missionários estrangeiros.

Tanto é verdade que, de acordo com o mesmo historiador da Assembléia de Deus, Abraão Almeida (1973) na Convenção, que é o órgão máximo de deliberação da igreja Assembléia de Deus, de 1930, a principal questão debatida naqueles dias foi a transferência da responsabilidade da obra, já desenvolvida no Norte e no Nordeste do Brasil, aos pastores Nacionais que estavam assumindo as missões brasileiras.

Na história da expansão da igreja pelo Brasil, desde o primeiro momento os pastores leigos desempenharam papel fundamental. São eles que se desdobram em esforços para evangelizar mais pessoas. Esta também é uma característica marcante da igreja pentecostal em oposição às igrejas históricas, os quais não conseguem um grau de adesão e entrega tão grande como os pentecostais. Nas igrejas históricas a figura que se destaca sempre é o missionário, o pastor, que tem a unção de Deus para o serviço de evangelização. Os leigos depositam suas esperanças nessas pessoas para o sucesso da obra. O muito que os fiéis fazem é convidar um amigo para uma *série de pregações*, para o culto de evangelização, sempre para ouvir os clérigos.

Os pentecostais são muito mais ousados. A conversão marca a vida do indivíduo profundamente. A postura muda, a fisionomia muda, é outra pessoa. Aliado a isso ganhou-se um destemor incrível de anunciar a sua nova fé. Os próprios cultos facilitam isso. São cultos onde o testemunho tem lugar garantido. É a hora de cada fiel contar a sua bênção, fortalecer a coragem dos irmãos e exercitar-se para desempenhar esse testemunho no seu dia-a-dia. Entre os evangélicos tradicionais não há essa disposição. Quando existe, o que é raro, será muito menos intensa.

Na Assembléia de Deus, cada crente que se desloca carrega consigo sua igreja para plantá-la no lugar onde vai morar. Não espera pela construção de um templo, nem mesmo pela chegada de um pastor. Estabelece o culto em sua própria casa, nas periferias das cidades ou vilas, ou mesmo na área rural. Simples crente, improvisa-se pastor. Jamais será repreendido por isso. Antes encorajado.

O evangelista tem como ministério na Assembléia de Deus pregar, abrir novas igrejas e auxiliar o pastor na evangelização. Ele é consagrado e faz parte da convenção, porém, na hierarquia é abaixo do pastor. Os missionários são

também reconhecidos e consagrados pela convenção da igreja Assembléia de Deus, podem ser homens ou mulheres, são eles que acompanham os leigos nos seus trabalhos de evangelização pessoal, iniciando trabalhos regulares nas mais longínquas localidades. Assumem a responsabilidade de transformar um grupo neoconverso numa comunidade, construindo um templo.

2.4. Razões do Sucesso do Pentecostalismo em seu início no Pará

Vimos no item anterior as razões que possibilitaram a penetração do protestantismo histórico em termos genéricos, mas que foram fundamentais. Queremos agora levantar algumas explicações teóricas que tem sido dadas por diversos autores e ver como se aplicam ao nosso objeto de estudo. Nosso objetivo é buscar os fatores que foram determinantes para o surgimento e o sucesso do pentecostalismo na região do Pará na segunda década de nosso século.

O problema que o povo vive nesse momento na Amazônia, é de ordem econômica, a crise da borracha os atingiu e não há como ganhar a vida. Há que se fazer toda uma readaptação aos novos tempos. Viver como ribeirinho, inserir-se no incipiente mercado de trabalho da indústria de Belém, voltar-se para a agricultura, ou, ainda, retornar ao nordeste, esperando ser recebido por parentes. Há uma grave crise e, em épocas de crise intensa as soluções mágico-religiosas são vistas como saídas possíveis.

Paralelamente à crise da borracha está se aprofundando a penetração do capitalismo na região. Nesta época se criam empresas industriais, inclusive no campo há tentativas de imposição de relações entre capital e trabalho, como o exemplo de Fordlândia estudado por Francisco de Assis Costa (1993), no qual ele

chega à conclusão de que, *um dos principais entraves ao sucesso do empreendimento foi a dificuldade de a empresa encontrar mão-de-obra condicionada ideologicamente com a do modo capitalista de pensar.*

O pentecostalismo se apresenta nessa situação como uma “reação às mudanças” nos modos tradicionais e é apresentado como forma de protesto social, ainda que a nível simbólico contra uma sociedade hostil que não permite uma realização humana, e oferece somente uma insegurança social e econômica. Nesse nível se trata mais de uma resposta em termos de resistência à imposição de uma ideologia exógena e desintegradora da vida social do que um instrumento encontrado pela burguesia para submeter às massas à nova ideologia. No entanto, o fato de o protesto ser canalizado para uma via religiosa de expressão pode ser visto como alternativa a uma via política, o que não deixou de ocorrer na Amazônia pelo menos em duas ocasiões: a Cabanagem e, mais recentemente, a Guerrilha do Araguaia. Assim, o que aparentemente se mostra como um protesto, uma reação, uma resistência, é, de fato, a válvula de escape que evita organização e a reação concreta ao processo de implantação das novas relações sociais e econômicas.

Para Antônio Gouveia de Mendonça (1990), *o aumento assustador da camada socialmente periférica, tanto no campo como nas cidades, tende a produzir formas místicas de religiosidade.* Não se está falando de produção de grandes místicos, mas de forma colorida e mítica, de vivência tanto individualmente como coletivamente. Ele vê, exatamente, a via religiosa como resposta a situações de crise, em termos mais de conformação do que de enfrentamento. O que nos parece ter-se dado na Amazônia.

Também Maria Isaura Pereira de Queiroz (1988), chega à conclusão semelhante vendo a criação religiosa como resposta a ameaças de subsistência de

uma determinada comunidade. A criação religiosa, e por tanto cultural, parece decorrer de situações específicas, as quais, colocando em perigo a continuidade e a integridade dos grupos, exigiriam um reforço da coesão coletiva. Explicar-se-ia então porque a resposta defensiva surgiria com tamanha freqüência sob aspecto religioso.

Rubens Alves (1984), vê a religiosidade popular como *um protesto contra uma realidade estranha (cultural, econômica, política), que é imposta de cima para baixo, que não brotou do próprio povo*, sendo por tanto, um mecanismo substitutivo para a impossibilidade de uma reação prática. Como o povo que produz este tipo de religiosidade é impotente, o seu protesto não pode, no momento, assumir uma forma notadamente prática. Entre a recusa de ajustamento e a impossibilidade de ação política efetiva, o protesto assumiria uma forma simbólico-religiosa.

Entretanto, a idéia de como a religião se propõe a ser, a nível simbólico, é a de um instrumento de protesto contra situações em que o povo se vê impossibilitado de dar outro tipo de resposta.

2.5. A competição no campo religioso

A igreja protestante da qual a igreja pentecostal subtrai os seus primeiros membros é pequena, em termos numéricos em Belém. A igreja batista, a mais estruturada tinha por volta de 170 membros em 1910. As outras três (Episcopal, Metodista e Presbiteriana) eram bem menores. A igreja metodista era pequena, tendo inclusive, encerrado seu trabalho em 1926, quando o Pastor Tertuliano (da Igreja Batista) assumiu as poucas ovelhas desta igreja. Haveria de ser do campo

católico, portanto, a procedência da maioria dos membros da igreja pentecostal desde o seu início. Como está a Igreja Católica neste período?

A Igreja católica, a partir da proclamação da república está buscando se estruturar sem a ajuda que o Estado lhe oferecia através do regime do padroado. Ela passa a exercer um papel político que dificulta a hegemonia do Estado Liberal sobre a sociedade civil, e o Estado procura responder oferecendo apoio às igrejas protestantes para que estas melhorem sua posição no campo religioso, podendo fazer frente ao poderio católico romano. A igreja entra num processo de romanização, buscando manter sua influência sobre as camadas populares.

Por um lado, a romanização corresponde a uma reestruturação interna ao aparelho religioso brasileiro, para fazer oposição a decretação da separação entre Igreja e Estado: os bispos precisam reforçar sua autoridade, para exercer um efetivo controle do aparelho religioso já que lhes falta o apoio externo do Estado.

Frustrado o pacto entre Igreja e poder temporal (do regime de padroado), a Igreja busca reorganizar-se para fazer oposição a esta nova situação. Acontece que, ao fazer isso, ela o faz buscando justamente centralizar o poder religioso nas paróquias, ligando-o ao clero, e, conseqüentemente, retirando-o das mãos dos setores populares, que viviam uma religiosidade de certa forma independente da hierarquia católica embora se considere ligado.

Pedro A. Ribeiro Oliveira (1980) explica que:

O grande combate dos agentes romanizadores é justamente contra o catolicismo popular (forma popular de adoração do povo através dos santos e festividades populares, onde não há participação direta da igreja oficial), devido à autonomia de seus agentes leigos e modo romano do catolicismo.

A tática da romanização é a de substituir as devoções populares tradicionais por novas devoções sob o controle clerical.

Aprofundemos um pouco mais neste ponto que é fundamental para entendermos o pentecostalismo. Para conseguir esse intento Pio IX fundou, em 1859, o Colégio Pio latino-americano, em Roma, onde se formariam os futuros bispos da América Latina, romanizados e alheios à realidade latino-americana. Nesse período também são enviadas diversas ordens e irmandades para suprir as carências de sacerdotes e efetivar o trabalho de romanização. Possidônio da Mata (1992), faz um levantamento dessas ordens religiosas. Ele menciona: Agostinianos Recoletos (1899), Capuchinhos fundam a colônia do Prata (1898) Irmãs filhas de Sant'Ana (1884), irmãs dominicanas (1903), Barnabitas (1903), Irmãs de Santa Catarina (1903), Congregação das Irmãs Missionárias Franciscanas de Mill Hill (1911), Missionários da Sagrada Família (1911).

Este quadro configura, portanto, uma nova *geografia missionária* e uma nova fase missionária na Amazônia, e expressa a preocupação da Igreja com o imenso território a ser evangelizado para Cristo. A ser evangelizado, portanto, a área é considerada como região de missão ainda, e não como uma área católica que precisa ser mantida diante do ataque das outras igrejas como refere-se, Possidônio da Mata (1992).

Vejamos o quadro que se descortina. A Igreja, após perder a parceria do padroado implementa um processo de conquista da população para seus ritos oficiais, investindo contra a religiosidade popular, pois que os agentes romanizadores atacam os líderes religiosos populares, os rezadores, beatos, festeiros, organizadores de romaria, membros de irmandades e confrarias, benzedores, capelães e ermitães, e buscam de todos os modos destituí-los de suas funções religiosas o que conseguem de modo gradual, mas constante, substituindo-os por novas devoções sob o controle clerical, assim as devoções marianas, ao

Sagrado coração de Jesus, a São José, etc. Além de associações subordinadas às paróquias: Ligas de Jesus, Maria e José; Conferência Vincentina; Pia Associação das Filhas de Maria; Congregação Mariana; Cruzada Eucarística; Liga Católica; Apostolado da Oração etc.

Temos assim a passagem de um momento institucional da Igreja em que dadas às prerrogativas do padroado, onde se mantinha uma vinculação do povo à Igreja, onde havia uma tolerância para com as expressões de religiosidade popular mesmo porque não era possível extingui-las devido à pouca quantidade de clérigos existentes para um outro momento em que, agora, devido a perda do braço estatal como aliado, e à introdução de novas igrejas, a Igreja se volta para si mesma e busca outro centro de poder, Roma, para manter a sua hegemonia no campo religioso, que se estende, naturalmente, até o campo político.

Acontece que para o povo tudo é novo. Há uma grande diferença dentro da mesma instituição. O povo, que vivia sua religiosidade de maneira formal ligado à Igreja, mas de maneira concreta e cotidiana ligado às expressões da religiosidade popular como uma forma de resistência à uma religião imposta e associada ao poder colonial, centro da exploração e responsável pela miséria da maioria, se vê colocado agora diante de novas alternativas no campo religioso. Suas expressões cotidianas de fé estão sendo atacadas, ou “domesticadas” instaurando-se situação de insegurança que necessita de respostas.

Assim, se a igreja Católica propõe o apostolado da oração, Cruzada Eucarística, também há a Igreja Protestante fazendo um apelo à conversão, ao abandono dos ídolos, à aceitação da Bíblia etc. e os pentecostais agregando o batismo no Espírito Santo, a Cura etc. Além do que há as religiões afro-brasileiras também como opção com sua busca de guardar as raízes africanas e com um

sincretismo que permite uma interação entre religião popular / religião católica oficial / religião dos antepassados, tornando-se também bastante atrativa.

Ora, dessas alternativas o pentecostalismo será o que mais responderá às necessidades das camadas despossuídas. Sem chegar a identificar o pentecostalismo como religião popular devemos destacar elementos que permitem perceber neste uma identidade com as expressões de religiosidade popular anterior e que o tornam uma opção razoável na nova situação que se configura na virada do século, em nosso país, e, especificamente, na Amazônia. Já não podemos dizer o mesmo do protestantismo, pois o protestantismo mais estuda do que crê, está mais para verdades do que para crenças. A experiência espiritual também não tem lugar porque o sagrado está intermediado pelo discurso do especialista.

A estratégia, ditada pela própria falta de infra-estrutura do pentecostalismo consistia, coisa que permanece até recentemente, de se utilizar pessoas recém convertidas para a tarefa missionária. Missionário, para o pentecostalismo é aquele que é chamado por Deus para pregar o Evangelho. Não há nenhuma exigência quanto à formação teológica ou formal. O critério é ser ungido pelo Espírito Santo e não pela Igreja estabelecida. Daí o pentecostalismo se tornar uma religião popular, ao contrário dos protestantes tradicionais que estabelecem uma igreja bastante hierarquizada, com estruturas de poder intransponíveis, rígidas, onde só se ascende através de processos formais e formação teológica, distinção entre clérigo e leigo, etc. Por ter elementos do povo na liderança, a Igreja pentecostal vai, logo traduzir em linguagem popular a mensagem da igreja.

Quanto ao pentecostalismo poderíamos afirmar com Francisco Cartaxo Rolim (1987) que:

Em vez de se evocar a figura do patrão e do coronel de outras épocas, caberia mais destacar a imagem do antigo devoto, do rezador de ladainhas ao pé dos cruzeiros à

beira das estradas, do tirador de novenas, do organizador de procissões para pedir chuvas.

São essas imagens que grande parcela da população pobre retém na memória e para as qual o pentecostalismo oferece alternativa, e que, a nível popular pode ser vista como uma possibilidade de continuidade de sua crença. Dessa forma, poderia ser o movimento, mais uma forma de continuidade das expressões de religiosidade popular do que uma solução para superar o problema da descontinuidade entre modos de vida campo/cidade.

Com a chegada de tantas ordens da Igreja Católica esta foi se tornando fortemente hierarquizada, não admitindo expressões de fé de pessoas “não autorizadas”. A via de resistência encontrada a nível de confissão foram diversas. Uma dessas formas foi o fortalecimento do Círio de Nazaré, sobre o qual a igreja não conseguiu impor seu domínio. Segundo Eduardo Hoonart (1979):

O Círio, definitivamente, é do povo da Amazônia, exprime a Amazônia e o poder afirmativo de seu povo aos poderes constituídos, tanto civis como eclesiásticos, procuram apropriar-se do Círio e canalizar sua força, em vão. O Círio passa impassível às manipulações. Ele não é nem da religião civil nem da religião eclesiástica, escapa aos enquadramentos.

O Professor Heraldo Maués (1993) alerta que:

Os limites da romanização encontram-se na impossibilidade prática de implementar um controle holístico, por razões que dizem respeito às motivações subjetivas dos personagens em questão, bem como pela natureza complexa das relações sociais envolvidas.

Em seu estudo ele demonstra que mesmo entre o clero formado em Roma havia sacerdotes que não se dispunham a defraudar a bandeira da romanização com a convicção que deles se esperava.

A Igreja Pentecostal pode ser colocada como um outro tipo de resposta encontrada pelo povo para fugir a esta pressão que a Igreja Católica exerceu sobre eles. Se a Igreja Católica propunha agora um catolicismo intermediado pelo sacerdote e pelos oficiais religiosos, a Igreja pentecostal deu ao leigo, embora com limites, ampla margem de participação religiosa. Assim em pedreiros, carpinteiros, sapateiros, trabalhadores urbanos e rurais, ferroviários, toda essa gente de quase nenhuma instrução, para nenhum deles o pentecostalismo condicionou as funções de pastor à instrução requerida em cursos regulares. A instrução era coisa secundária. O que contava, mesmo, era a experiência religiosa o zelo pelo crescimento da igreja.

Nesse sentido, o pentecostalismo daria também resposta à divisão social de classes que, existentes na sociedade circundante, se reproduzem na esfera religiosa. O pentecostalismo em lugar do saber racional propunha a crença interiorizada, em vez da distinção entre letrados e não-letrados, a igualdade de todos pelo acesso à efusão do Espírito. André Droogers (1991), afirma que estudar o pentecostalismo *com relação à revolução e protesto parece em si razoável, porém na prática, a investigação, é um resultado muito difícil de se demonstrar.*

2.6. Crescimento e desenvolvimento da Assembléia de Deus no Brasil até chegada na região Centro-Oeste

Decisão tomada na primeira convenção de pastores das Assembléia de Deus no Brasil, realizada em Natal em 1930, definiu, sobre alguns importantes aspectos, os rumos da igreja. E explica, em parte, o seu acelerado crescimento. Os obreiros nacionais, conhecedores da psicologia do povo, como os mesmos usos e costumes,

mais resistentes a epidemias e outras espécies de enfermidades que grassavam na época, alcançaram também maturidade ministerial, e assumiram a liderança em vários estados onde nasciam as primeiras igrejas.

Os missionários rumaram ao Sul, para a abertura de novos trabalhos. Indagando sobre esse episódio da história da igreja, o filho de Gunnar Vingren, Ivar (1993) em esclarecimentos declara:

Apesar de, na época, eu ter apenas 12 anos de idade, fiquei sabendo que havia dificuldades no Norte entre pastores e missionários por causa do trabalho, porém, Deus colocou no coração de meu pai para ele ir à Suécia e trazer o Pr. Lewi Pethrus para participar daquela importante Convenção.

Os convencionais trataram de resolver o assunto da entrega do trabalho nas mãos dos obreiros nacionais. Foi realmente uma grande coisa o irmão Lew Pethrus ter podido vir naquele ano, ele estava justamente edificando o grande templo da igreja Filadélfia, em Estocolmo, Suécia, com lugar para quase cinco mil pessoas. Sentindo a direção de Deus e a necessidade de fazer algo, ele abandonou tudo que estava fazendo para normalizar o trabalho aqui no Brasil, e para isto viajou com meu pai. Declara Ivar (1987):

Creio que isso foi uma maravilhosa providência de Deus. Tudo transcorreu na maior paz e tranqüilidade, segundo eu ouvi falar, os pastores brasileiros choraram muito, pois, queriam continuar tendo comunhão com os missionários e contando com a ajuda deles. Os missionários estavam deixando todo o trabalho nas mãos dos pastores brasileiros e seguindo para outros lugares, com a finalidade de abrir novos trabalhos. Conclui sobre o acontecido: Segundo o resultado que se tem visto, creio que foi a época certa; não foi cedo nem tarde para se entregar o trabalho nas mãos dos irmãos brasileiros, porque era a hora do Espírito Santo.

A História das Assembléias de Deus no Brasil observou que os pastores brasileiros, com voz embargada, expressaram seu desejo de que o trabalho no Norte

fosse sempre unido ao trabalho do Sul, para que a obra se conservasse unida em todo o país. Os mesmos diziam os missionários, afirmando que não deixariam de prestar a sua colaboração nessa nova fase da história pentecostal no Brasil. O tempo confirmou o acerto da decisão tomada.

Do entrosamento e da comunhão entre os obreiros nacionais e os missionários, resultou o grande progresso da igreja. As principais lideranças da AD enfatizam ainda hoje que não se deve perder de vista o modelo deixado pelos missionários. Por isto, em 1979 criou-se o Conselho de Doutrina da Convenção Geral para cuidar do assunto (“MP” nº 1322 de maio/1997).

O próprio Pr. Lewi Pethrus, em correspondência procedente da Suécia, veio a reconhecer:

Assim se mostra a enorme e grandíssima importância da Conferência de Natal e as suas conseqüências para o Movimento Pentecostal no Brasil, quando se traçaram linhas bem claras e fronteiras bem firmes foram demarcadas entre o que é humano e divino, o que é espiritual e o que é carnal. Como conseqüência lógica disso, os missionários deveriam deixar as igrejas prósperas do Norte e começar novos trabalhos no Sul do país. Sobre o progresso experimentado, existem setores otimistas que afirmam que se abre no Brasil a cada dia do ano pelo menos uma nova Assembléia de Deus.

Em 24 de junho de 1920, Vingren iniciou sua primeira viagem ao Sul do Brasil. A cidade do Rio de Janeiro foi o ponto estratégico da sustentação para o crescimento do pentecostalismo. Vingren chegou ao Rio no dia 7 de julho de 1920. Tendo contato com Jaime Roberto que dirigia um asilo em São Cristóvão, à rua Leopoldina 28, realizou o primeiro culto no dia 11 de julho daquele ano.

Em novembro do mesmo ano, Vingren volta ao Rio, onde foi recebido por Adriano Nobre e Heráclito Meneses que já moravam há mais tempo no Rio de Janeiro. Meneses ficou responsável pela obra no Rio até que Vingren chegasse

definitivamente, o que ocorreu no ano seguinte. No Rio, ficou morando na casa de José Vicente e fazia suas refeições na casa de uma viúva chamada Rosa. No primeiro batismo em águas, Rosa foi a primeira a ser batizada e assim começou o trabalho no Rio de Janeiro.

Em São Cristóvão, nasceu a igreja no porão da casa da família Brito. Foram realizados cultos em várias regiões do Rio como Niterói ficando responsável pelo trabalho Heráclito Meneses, enquanto Vingren a 14 de dezembro, voltou ao Pará, no dia 21 de maio de 1924, chegou de volta ao Rio e, aos 3 de julho, com sua família.

Em 1926 já havia salões de culto nos subúrbios de Madureira, Marechal Hermes, Dona Clara, Sapé, Jacarepaguá, Bento Ribeiro, Realengo, Bangu, Campo Grande, Anchieta, Irajá, Vicente de Carvalho, Pavuna, Ilhaúma, Bráz de Pina, Parada de Lucas, Nova Iguaçu, Paracambi, Belford Roxo e Caxias.

Francisco C. Rolim (1985), registra que no ano de 1930 já existiam templos nas seguintes cidades cariocas: Nova Iguaçu (1924); Petrópolis (1925); Rio Bonito (1928); S. Antonio de Pádua (1929); Cachoeira de Macacu (1929); Duque de Caxias (1930); Parati (1930) e Niteroi (1930).

2.7. A formação e desenvolvimento da Assembléia de Deus da Madureira do Rio de Janeiro até Goiás

Desde que Vingren iniciou o trabalho da Assembléia de Deus no Rio de Janeiro houve várias conversões e uma das pessoas conquistadas foi Paulo Leivas Macalão, que depois de um tempo foi enviado para cuidar do trabalho que se iniciava na região de Madureira, um bairro do Rio de Janeiro. Com o crescimento da igreja, foi dado a Macalão autonomia para este trabalho o que hoje é conhecida

como ministério de Madureira. O maior líder deste ministério foi **Paulo Leivas Macalão (2001)**, nascido em Livramento, Rio Grande do Sul, a 17 de setembro de 1903, Paulo Leivas Macalão recebeu educação evangélica. Paulo, filho do general João Maria Macalão e Joaquina Jorgina Leivas, recebeu os primeiros ensinamentos no Colégio Batista do Rio de Janeiro. Completou seu curso colegial no Colégio D. Pedro II, a mais tradicional escola carioca. Era desejo de sua família que seguisse carreira militar, e ele concordava. Seu sonho era entrar no Colégio Militar de Realengo para seguir carreira.

Em 5 de abril de 1924, entregou sua vida a Cristo, sendo batizado nas águas em 3 de novembro do mesmo ano. Por essa razão, deixou de lado a carreira militar e dedicou-se à tarefa de pregar o Evangelho. Sua família, depois de relutar muito, cedeu ao desejo do filho, deixando de pressioná-lo para que abandonasse seu intento.

Paulo começou sua campanha de evangelização nos subúrbios do Rio considerados na época zona rural da cidade. Evangelizou com ardor em Realengo, Bangu, Campo Grande, Santa Cruz e Marechal Hermes, bem como nas cidades de Petrópolis e Niterói e várias congregações foram abertas nos lugares onde passou.

Em 17 de agosto de 1930, missionário Gunnar Vingren, então líder da Assembléia de Deus no Rio de Janeiro, aproveitando a visita do pastor Lewi Pethrus no Brasil, consagrou Paulo Leivas Macalão ao santo ministério como pastor.

Bangu foi à localidade escolhida para iniciar suas atividades como ministro. Ali, construiu o primeiro templo da Assembléia de Deus na cidade do Rio de Janeiro. Esta igreja ficava na Rua Ribeiro de Andrade, 65, lugar onde foi celebrado seu casamento com Zélia Brito, em 17 de janeiro de 1934.

O casal só teve um filho, Paulo Brito Leivas Macalão, que haveria de se tornar missionário. Mais tarde, o trabalho em Bangu foi transferido para Madureira, bairro em que se estabeleceu a sede dos trabalhos abertos pelo pastor Paulo. De lá, a igreja expandiu-se para outros estados, como Minas Gerais, Paraná, Goiás, Mato Grosso, São Paulo, Espírito Santo e Brasília.

Pastor Paulo Leivas Macalão foi conselheiro da Sociedade Bíblica do Brasil, conselheiro vitalício da CPAD e presidente do Instituto Bíblico Ebenézer, da Convenção Nacional de Obreiros de Madureira e do Conselho Fiscal da Ordem dos Ministros Evangélicos do Brasil. Foi também membro do Comitê Internacional Pentecostal, chegando a representar o Brasil na Conferência Mundial Pentecostal realizada em Dallas, Texas, quando pregou a Palavra de Deus. Recebeu o título de cidadão do antigo Estado da Guanabara e corrigiu e ampliou a Harpa Cristã.

Ao falecer, em 26 de agosto de 1982, deixou o ministério da AD de Madureira com cerca de 200 pastores, 500 evangelistas, 2 mil músicos, 600 igrejas, mil congregações, 3 mil pontos de pregação e um total de membros e congregados de 500 mil.

Foi na região Centro-Oeste, principalmente, em Goiás que o ministério Madureira cresceu e predominou, como um grande movimento no Estado. Foi no Estado de Goiás a última unidade da Federação a receber a mensagem pentecostal. Somente em 1936 registrou-se oficialmente a presença de mensageiros pentecostais ali. Naquele ano, Goiânia a capital do Estado, ainda era uma cidade em fase de construção. Artífices, operários especializados, negociantes e simples serventes eram atraídos à Goiânia pela facilidade com que encontravam trabalho e faziam negócios na capital de Goiás.

Dentre as muitas pessoas que foram trabalhar em Goiânia havia um grupo de crentes, membros da Assembléia de Deus de Madureira, que também tinham ido para lá com a missão de anunciar as Boas Novas de salvação. Para tender ao trabalho espiritual do pequeno rebanho, o pastor Paulo Leivas Macalão designou o então diácono da igreja em Madureira, Antônio Moreira, cuja atividade, dedicação e exemplo foram prontamente reconhecidos por todos.

Os primeiros cultos realizados em Goiânia efetuaram-se na casa do irmão Benedito Timóteo, no bairro de Botafogo, em dezembro de 1936. O local era humilde, porém Deus estava presente; operando através do Espírito Santo. Foi ali que a semente de uma frondosa árvore foi lançada ao solo. Essa árvore lançou raízes em todo o Estado de Goiás.

Os primeiros crentes foram, Aniceto Novais e esposa, Pedro Ferreira Lima e esposa, José dos Santos Ferreira, Pedro Pereira da Silva, Eva, Pereira da Silva, Vicente Mendes de Jesus, Raimundo Mendes, Benedito Pires de Moraes, Joana Caldas de Mendes, Florêncio Ferreira de Santana, Maria Francisca Ferreira, Mercedes Silva, Ana Moreira, Joana Rodrigues, Antonia Lisboa, Guilson Guilhardi, Teodoro dos Reis, Rita Garcia, e Benedito Timóteo e esposa.

O primeiro batismo nas águas realizado em Goiânia, segundo informação de Antônio Moreira, ocorreu em janeiro de 1937, e foi assistido por cerca de 30 pessoas. Algum tempo depois, quando o número de membros já era representativo, a igreja em Goiânia determinou transferir-se para um local acessível ao público. O local escolhido em que as atividades nessa nova fase tiveram o seu início foi o salão situado na Rua 77, nº 2, no bairro popular de Goiânia.

De Goiânia, a mensagem pentecostal foi levada à cidade de Anápolis, onde Deus havia preparado o terreno, isto é, os corações para aceitarem as Boas Novas.

Assim como aconteceu em Goiânia, muitos se converteram em Anápolis, transformando-se em testemunhas do poder divino. Mais tarde outras cidades foram alcançadas pelos pregoeiros pentecostais.

As primeiras notícias oficiais registrando as atividades da Assembléia de Deus em Goiânia foram dadas pelo pastor Antônio Moreira em 1938, quase dois anos após ter iniciado suas atividades evangelizadoras. Do tempo em que o pastor Antônio Moreira publicava as primeiras notícias, haviam-se passado quase dois anos de atividades, visitas e esforços para se estabelecer novas congregações. A notícia fazia referências à visita da missionária pentecostal Matilde Paulsen, que atuava em outras cidades. Nesse tempo já havia trabalho estabelecido em outras cidades.

Não são muitas as informações que possuímos da ação dos mensageiros pentecostais em outras cidades do Estado de Goiás. Apenas Pires do Rio e Catalão são mencionadas uma ou outra vez. O primeiro batismo nas águas efetuado em Pires do Rio realizou-se no dia 5 de outubro de 1941.

Os encarregados do trabalho nessa cidade eram Epaminondas Senhorinho e Laércio Cantuária, que durante alguns anos serviram com dedicação. Dada a proximidade da cidade de Pires do Rio com as cidades do Triângulo Mineiro, a igreja recebia a visita de obreiros de Uberlândia. No dia 27 de setembro de 1942, a Assembléia de Deus em Pires do Rio lançou a pedra fundamental de seu templo. O fato foi presidido pelo evangelista Adauto Celestino, da cidade de Uberlândia, Minas Gerais.

Os primeiros pastores que serviram à igreja em Goiás foram Antônio Moreira, José Domingos Ludovico, Manoel Souza dos Santos, Jácomo Guido da Veiga, Antônio Inácio de Freitas, Jaime Antônio de Souza, Divino Gonçalves dos Santos e Albino Gonçalves Boaventura.

Em novembro de 1958, chegava a Campinas o pastor Albino Gonçalves Boaventura, encontrando 20 evangélicos. Muito tempo depois foram inaugurados em vários bairros de Goiânia, as várias congregações da sede, localizada à rua Senador Jaime, 715. À inauguração esteve presente o pastor Paulo Leivas Macalão, além de autoridades civis e militares. Atualmente, no Campo de Campinas, entregue aos cuidados do Pastor Oides José do Carmo, existem mais de 300 congregações e 40 mil membros espalhados na metrópole do Estado de Goiás.

De Goiânia, a mensagem pentecostal foi levada à cidade de Anápolis e por todo o interior do estado de Goiás. Em Anápolis começou com seis pessoas da família Freitas. Depois da experiência do batismo com o Espírito Santo em Goiânia onde o pastor José Domingues Ludovico era o atual pastor, indicou Antônio Inácio de Freitas para assumir a igreja em Anápolis no lugar de seu pai. Hoje, Anápolis é considerada a cidade com maior quantidade de evangélicos no Estado, tendo uma proporção maior para os crentes da Assembléia de Deus. Desde 1956, as sementes das boas novas foram lançadas no Distrito Federal estendendo-se às Cidades Satélites.

Hoje, a Assembléia de Deus é o maior movimento na região Centro-oeste, com mais de 300 mil membros no Estado e tendo em Goiânia mais de cem mil membros e cerca de doze campos de Madureira, reconhecidos pela convenção. São eles: Campo de Campinas, Campo da Fama, Campo de Vila Nova, Campo de Jardim América, Campo de Pedro Ludovico, Campo Central, Campo Bethel, Campo Nova Esperança, Campos que são os maiores em Goiânia.

Porém existe outro ministério em Goiás. Neste aspecto, preciso explicar que no Brasil existem dois grandes ministérios ou convenções de Assembléia de Deus, Missão e a Madureira que são independentes em suas decisões e lideranças.

Existe a convenção da Igreja Assembléia de Deus da Missão que é uma ramificação da igreja surgida com os dois missionários, em 1911 no Pará e que se espalhou por todo o Brasil e que tem como pastor titular desta convenção Pastor José Wellinthon Bezerra. Por outro lado, existe a convenção da Assembléia de Deus Ministério Madureira, nascida no bairro de Madureira e que passou a ser interdependente e que tem como titular desta convenção o Bispo Manuel Ferreira.

A formação e padrão hierárquico destas igrejas as formas de cultuar, os cânticos e estilo o de realizar seus rituais se estruturou e são iguais no decorrer dos anos, o que sempre os diferenciou de todos os grupos pentecostais.

Na questão hierárquica, a igreja Assembléia de Deus de Madureira tem uma Convenção Nacional onde o pastor que hoje se chama 'bispo', (uma inovação feita na convenção atual), é eleito para quatro anos de mandato e é dirigida por este bispo eleito e também uma mesa diretora. Em cada Estado da federação tem um pastor que é eleito para dirigir a convenção de pastores deste estado por dois anos; assim como uma mesa diretora estadual.

As igrejas sedes ou ministérios como são chamados, possuem autonomia administrativa para trabalhar. Existe o pastor titular, que administra a igreja, tendo em seu auxílio evangelistas que exercem funções de ajudar o pastor, porém na hierarquia são inferiores a ele. Existe também o presbítero que pode administrar a igreja na ausência do pastor, porém é uma função reconhecida só dentro daquela igreja ou dentro do campo em que o mesmo exerce suas atividades. Se o mesmo mudar para um outro estado ou cidade fica a critério do pastor daquela cidade reconhecer ou não o presbítero, assim como o diácono. Diácono tem a função mais prática, ou seja, tudo que está relacionado à parte material da igreja,

são função do diácono cuidar, tais como limpar a igreja, trocar lâmpadas e servir a ceia aos membros no dia do culto, receber oferta, etc.

Quando a Assembléia de Deus surgiu, as mulheres não exerciam nenhuma função na igreja, porém com o passar do tempo foram conquistando seu espaço. Hoje, elas pregam, ensinam e podem até dirigir igreja, porém são consagradas como missionárias e não são reconhecidas como pastoras. A nível eclesiástico, esta também é uma inovação.

Outro fator importante na igreja desde seu princípio é que, cada membro da igreja é um discípulo que é estimulado a pregar e ganhar outros para Cristo, seja na igreja, seja fora dela. E todo este desenvolvimento interno ajudou a crescer e estruturar uma igreja reconhecida e respeitada em todos os lugares do Brasil.

CAPÍTULO III

A QUESTÃO DOS USOS E COSTUMES SEGUNDO PASTORES DA ASSEMBÉIA DE DEUS NA REGIÃO CENTRO-OESTE

A curiosidade e a necessidade da entrevista com alguns pastores goianos surgiu a partir da consciência do processo de evolução e da mudança que vem ocorrendo na liturgia dos cultos, na questão dos usos e costumes, na forma dos cultos, que tem levado a divergência entre um e outro pastor. Devido um pastor aceitar as mudança e outros não, a igreja Assembléia de Deus tem perdido a característica de igualdade. Enquanto uns pastores liberam os usos e costumes, outros, brigam e lutam pelo sustento dos bons costumes na doutrina da igreja Assembléia de Deus.

Na intenção de entender melhor esse momento da igreja, foram realizadas entrevistas com cinco pastores, quatro em Goiânia e um no Distrito Federal, sendo quatro pioneiros e um da linha mais inovadora. Pudemos através destas entrevistas observar as várias tendências interpretativas sobre os usos e costumes e como cada

pastor tem enfrentado as várias mudanças que vem ocorrendo neste campo religioso.

No diálogo com alguns destes pastores, perguntei-lhes: porque os pastores pioneiros nunca escreveram nenhum livro sobre este tema, “usos e costumes”? A resposta foi que a Bíblia sempre foi padrão de conduta e normas para a Igreja Assembléia de Deus. O pastor na igreja Assembléia de Deus apresenta-se como diz Weber (1991) é um portador do carisma puramente pessoal onde em virtude de missão um mandato divino, atua como portador deste carisma.

Ele é profeta que declara e expressa uma revelação a qual recebeu e é por este carisma que lhe faz intérprete da vontade divina e os textos sagrados são fontes de sua orientação, as quais recebeu de Deus para orientar os fiéis e isto é uma vocação em oposição ao sacerdote que é membro de um empreendimento de salvação com caráter de relação associativa.

Outra pergunta então surgiu que não pude conter em perguntar: Por que a Assembléia de Deus está mudando rapidamente em relação aos trajes e adornos? Por que alguns textos da Bíblia são usados para delinear o comportamento e a postura dos crentes e outros textos não são citados e ensinados?

Procuraremos nas análises e respostas dos pastores da Assembléia de Deus estas possíveis respostas. O grupo de pastores que tem procurado sustentar a doutrina dos usos e costumes são vistos como regra de obediência aos padrões bíblicos e nisto se baseiam para guiar o comportamento dos crentes. Já há outro grupo de pastores que no decorrer deste processo de estruturação dos usos e costumes, procuram analisar e interpretar os textos de maneira diferente dos pioneiros.

O processo de contínuas repetições dos usos e costumes vem sendo exigido por muito tempo como regra de obediência e santidade, onde através da separação, os crentes procuram agradar a Deus e que por contínuas repetições ocorre um costume. Para Fichter (1969), *costume é um padrão de comportamento exteriorizado e difundido e que são considerados como comportamento desejado, mas que não são impostos estritamente.*

Neste aspecto, dizemos que a experiência agora repetida pelo grupo se tornou institucionalizado, porém, toda instituição é dinâmica, porque são históricas, isto é, dependem da forma como são construídas e reproduzidas pelos sujeitos dessa história.

Podemos dizer que, a institucionalização dos usos e costumes é a presença invisível da sociedade no cotidiano da pessoa. As instituições não são fixas e imutáveis, mas têm uma história que se transformam no decorrer deste processo histórico.

A execução destas contínuas repetições gera um tipo de hábitos, o que Boudieu (1980-91) define como *a materialização da memória coletiva que reproduz para os sucessores as aquisições dos precursores.* Ele explica que os membros de uma mesma classe agem freqüentemente de maneira semelhante sem ter necessidades de entrar em acordo para isso.

O habitus é então o que permite aos indivíduos se orientarem em seu espaço social e adotarem práticas que estão de acordo com sua vinculação social, e pode ser fortalecida pela implantação dos valores espirituais que leva um fiel a andar e crer que seu trajar, sua postura e conduta é exigência para agradar a Deus, e isto esta ligado ao padrão doutrinário que os líderes procuram vincular para gerar obediência a este costume.

Este processo se torna tão bem instalado que provavelmente ninguém se perguntará por que determinadas coisas são feitas desta ou daquela maneira. Exemplo, usar cabelos longos para as mulheres, que começa como um costume inicial e com a contínua repetição do grupo se transformará num hábito e com o tempo constituiram um padrão de comportamento repetido e institucionalizado.

Neste sentido, a permanência destas contínuas repetições torna-se um padrão cultural e que serão práticas reguladas por regras tácitas abertamente aceitas. São de natureza ritual ou simbólica e irão inculcar certos valores e normas de comportamento através dessa repetição que passa a ser reproduzida pelo grupo.

A tradição é como o espaço cultural no qual nascemos e como memória da espécie a qual pertencemos, a nossa contribuição só pode dar-se a partir dela. Com base na tradição cada pessoa ou cada geração traz a sua contribuição nova, superando e enriquecendo a tradição.

A Bíblia é a expressão escrita da tradição que vincula-se tão estreitamente à própria revelação que ambas tornaram-se inseparáveis. A bíblia é como um rio portador de experiência do passado, servindo de riqueza e alimento para a posteridade. Não há como desenvolver uma teologia sobre indumentária sem levar em conta as manifestações culturais, e aqui estamos falando de uma cultura evangélica.

Se existem normas que estabelecem a maneira de um povo agir e de forma mais ou menos organizada, está sendo proposto hoje, romper com elas. Isto não é simples, vem ocorrendo gradativamente, influenciada por vários momentos históricos e movimentos, como os neopentecostais, e a visão de novos pastores da Assembléia de Deus, que vem interpretando os textos sagrados de maneira diferente dos pioneiros.

Passamos a enfocar agora como a cultura evangélica se estruturou na vivência dos pastores, e por que outros pastores tem respondido de forma diferente a avaliação interpretativa das doutrinas dos usos e costumes. Quais as concepções pessoais sobre o tema e como cada um tem analisado as mudanças comportamentais e a diversidades internas e externas destas mudanças e como, cada um procura responder as distintas demandas que cada vez mais se apresentam.

Procurei colocar abaixo em ordem os pontos de vista dos pastores, desde o mais antigo pioneiro até o mais novo, assim como poderemos observar a evolução gradativa das mudanças dos usos e costumes na Assembléia de Deus do seu início até o dia de hoje.

Entrevista realizada no dia 25/9/2002, com o **Pastor Antônio Inácio de Freitas**, que hoje é o pastor mais antigo na região Centro-Oeste. Desde 1998 está jubilado (aposentado). É pastor respeitado no Brasil por ter iniciado praticamente os trabalhos da Assembléia de Deus em toda a região Centro-Oeste. Seu ministério começou em 1939 e apesar de jubilado, ainda auxilia em algumas ações da igreja.

“ As concepções pessoais sobre a doutrina dos usos e costumes ao meu ver estão mudando; antes a igreja era mais chegada a Deus pelo fato que a Bíblia menciona que devemos chegar a Deus e Ele se chegará a nós. De maneira que cremos na Bíblia como o livro que instrui nossa vida.

A igreja era mais pontual em tudo e em relação ao batismo com o Espírito Santo. E celebrei várias reuniões em Anápolis, Brasília, e em Goiânia onde fui pastor nomeado de 1949 a 1960, de maneira que a ação do Espírito era uma manifestação grandiosa no nosso meio e nossa palavra sempre foi que devemos deixar tudo por amor de Cristo, de acordo com sua palavra que diz, devemos amar a Deus e abandonar o mundo”.

A Assembléia de Deus herdou a postura de oposição e afastamento de tudo que é mundano. A expressão “mundo” denota uma divisão daquilo que é sagrado/profano. No padrão de comportamento que o crente vive, beber, fumar, jogar, ou usar pinturas para mulher, são coisas que o crente tem que se separar, pois é profano e desagradada a Deus.

“O mundo para mim é, esta abertura que hoje se vê onde as mulheres se pintam, se esmaltam, se vestem de maneira que chamam a atenção para seu corpo. Eu, chamo a atenção das pessoas para que se vistam decentemente, pois, desde de 1939 a doutrina é pregada pela Assembléia de Deus onde aprendi pela pregação da Missionária Matilde Pause E.U.A, é essa minha concepção”

“A Bíblia diz que: *Não ameis o mundo, nem aquilo que no mundo há,* devemos amar tudo que faz bem para nosso organismo, nosso visual, para nossa vestimenta, nosso calçado, então até nas pequenas coisas, nós, nos cultos internos nas terças feiras procuramos ensinar como deve ser a conduta diária do crente”.

“Os pastores não fazem questão de falar sobre usos e costumes, quando se fala sobre o cabelo das mulheres hoje, deixam a vontade, porém a Bíblia diz que as mulheres não deveriam cortar cabelo, é uma desonra para mulher cortar cabelo, pois foi dado no lugar de véu para cobertura da cabeça.” “Hoje, os pastores e até o meu filho não se orientam mais pela Bíblia e não exigem obediência conforme o que a palavra de Deus nos ensina.

As mulheres são vaidosas, o homem nem tanto. A mulher que se pinta é uma Jesabél⁴, aquela que a Bíblia fala que pelos usos e costumes e práticas erradas

⁴- Jesabél, mulher de Acabe rei de Israel,ela foi rainha idólatra e imoral levando o povo de Israel a adorar Baal, procurou matar os profetas de Deus com Elias.A iniquidade era tão grande que tornou-se proverbial a expressão jesabél como símbolo de iniquidade barbária feminina. Em Apo, 2:20, seu nome é usado simbolicamente como tipo de líder feminino que corrompeu a igreja cristã primitiva. O que na expressão dos pastores da Assembléia de Deus significa pessoas que se pintam, usam trajes sensuais e se comportam como uma pessoa perversa na desobediência às normas dos usos e costumes ensinadas pelos pastores.(Chaplin-2000)

procurava burlar os princípios de Deus”.

“Eu sou o mais antigo dos pastores que ainda vive e fui ensinado na Bíblia, porém, muitas pessoas que vão ao Rio de Janeiro, no bairro de Madureira, sede principal do ministério, ou a São Paulo, ali vêem coisas erradas e muitas das mulheres voltam muitas vezes destes lugares, com tendências para modificar o que aprendeu conosco”.

“No namoro, por exemplo, hoje tem muita aproximação, por isto algumas vezes tem alguém sendo excluído porque avança sinal (pratica sexo fora do casamento) antes do tempo, pois a moça e moço devem praticar vida santa e quando se encontrarem devem namorar diante do pai ou da mãe para impor a ordem e respeito, sempre foi assim”.

Nos textos, como Isaías Capítulo 3, estão esboçados tudo sobre usos e costumes como a Bíblia ensina :

Assim diz o Senhor, por ser altiva as filhas de Sião, e andam de pescoço emproado, de olhares imprudente, andam a passos curtos, fazendo tinir os ornamentos de seus pés. O Senhor fará tihoso a cabeça das filhas de Sião, o Senhor porá a descoberto as suas vergonhas.

Naquele dia tirará o Senhor o enfeite dos artelhos, e as toucas e os ornamentos em forma de meia lua; os pendentes, e os braceletes, e os véus esvoaçantes; os turbantes, as cadeiazinhas para os passos, as cintas, as caixinhas de perfumes e os amuletos; os sinetes, e as jóias pendentes do nariz; os vestidos de festas, os mantos, os chales e as bolsas; os espelhos, as camisas finíssima, os atavios de cabeça e os véus grandes.

“Neste texto Deus diz que vestimentas das mulheres crentes são diferentes, algumas mulheres se colocam na posição que, não podemos ser cafonas, pois estamos numa cidade grande; porém, tudo é vaidade”.

A vaidade para este pastor é diferente da conotação que Ricardo Gondim (1999) expressa :

Vaidade é tudo que é vazio e não uma conotação relativa às vestes ou na maneira de se cuidar. Para este pastor o trajar das mulheres tem um peso de vaidade, ou seja, mulher deve ter a simplicidade de Deus, pois a Bíblia ensina que as mulheres devem ser modestas.

É evidente que se deve ser modesto o modo de vestir e de se conduzidas às mulheres, por que o tratamento não é igual para os homens que vestem ternos caríssimos?

Infelizmente, a concepção de vaidade esbarra numa realidade de interpretação errada dos textos sagrados que hoje vem sendo questionadas.

“Deve se ter cuidado com o vestir. Vestido muito colado no corpo e transparente, fica indecente e o uso de certos ingredientes para o rosto, para as mãos, isto é vaidade; neste sentido, a maioria das mulheres aceitaram essa abertura. O que nós sempre ensinamos é que, pode se vestir decente, mais sem se depilar, pois a Bíblia é muito clara, a mulher não pode cortar cabelo”.

“Como pastor nunca cheguei a excluir. Eu não me lembro de uma vez que fiz isto, eu sempre sentei com as pessoas para ensinar, falava e orientava, porém, muitas mulheres crentes quando estão longe do pastor, usam roupas masculinas, porém, a Bíblia é muito clara em dizer que mulher não pode usar trajes masculinos; mas algumas o fazem às escondidas”.

A criação de opções religiosas sectárias de lazer, expressão e sociabilidade nos templos não basta. Urge ainda definir claramente o que é proibido, quais os riscos e as punições previstas para as faltas cometidas. Para tanto, os fieis, além de sofrerem interdições quanto aos usos e costumes, são desaconselhados e, sempre à “luz” da Bíblia, a não participarem de tudo que é mundano. A exclusão na

Assembléia de Deus acompanha alguns critérios como forma de punição que os pastores mais antigos utilizam para sustentar seus ensinamentos.

Apesar do argumento que não se excluía crentes no passado, Ricardo Gondim (1998) expressa que, havia critérios para exclusão. Exemplo:

Para quem fosse à piscina à primeira vez, seis meses; á segunda vez, um ano e pela terceira vez, exclusão, isto para membros. Além de excluir, os crentes eram muitas vezes levados a confessar seus erros publicamente, além de não poder participar de nenhuma atividade na igreja.

“É do pastor que nasce a orientação com base bíblica: por que não obedecem? É porque desde Judas Iscariotes que negou Jesus a troco de dinheiro e depois se sentiu culpado, assim também, aqueles crentes que me ouviram e que ouviram os pastores mais antigos, tem que sair da igreja ou avaliar a palavra de Deus.”

“Todos deveriam vir ao pastor e dialogar para saber o que é correto; para poder tirar as dúvidas, pois a palavra de Deus é assim e não tem meio termo teológico. Aqui podemos observar a reivindicação do pastor como constituído de autoridade para responder as necessidade das pessoas. O carisma aqui, transforma-se no governo”.

“Em minha opinião se a Assembléia de Deus não mudar sua maneira de ser e continuar aceitando tudo, ela irá parar meio pentecostal (expressando sobre as igrejas protestantes reformadas) que é meio mestiçada com o mundo. Quando se vê uma mulher pintada, toda esmaltada, com maquiagem, toda feita de acordo com o diabo, como Jezabél antiga, fico pensando onde vamos parar”..

“A Bíblia é nosso espelho, a igreja hoje canta bonito, tem oração bonita, mais você olha para questão de usos e costumes de algumas igrejas nem parece ser

crente; até algumas palavras como “danado” “miserável”, que sempre ensinamos que não é uma linguagem cristã são, usadas”.

“Eu aprendi que o crente não deve nem assobiar, isto eu aprendi pela palavra, isto não para louvar a Deus, então não pode ser usado, porém, hoje se faz isto. As irmãs devem usar trajes que o comprimento no mínimo de três quartos ($\frac{3}{4}$) na blusa e a saia abaixo do joelho pelo menos 25 a 30 cm. Tem mulheres que ao sentar você vê tudo. A saia é tão curta que às vezes sentado no púlpito vê até as roupas íntimas. A mulher deve ser mais decorosa, vestes mais cuidadosas, pintura e esmalte não é necessário, por que ela não se limpa bem, unha cortada bonitinha, para que pintar?

As pessoas se comportam de tal forma que se Jesus vier, como vai ficar estas pessoas? Cheio de pintura e exagero no vestir? Como será se Deus vier neste momento, será que essas pessoas irão subir para morar com ele vivendo desta maneira? “

Em Max Weber (1991) podemos observar o papel do sacerdote que é o portador da sistematização e racionalização da ética religiosa; o sacerdote distribui bens de salvação em virtude de seu cargo. E o sacerdote dirige e controla as revelações neste caso, o conhecimento da escrituras sagradas onde o pastor procura se afirmar para dar resposta a sua autoridade. Quando o pastor diz que “pela palavra”, ele está reafirmando o que Weber diz sobre o papel do sacerdote como empreendedor do caráter de relação associativa permanente que é legitimado pelo seu cargo.

Entrevista realizada no dia 23/08/2002 com o **Pastor Albino Gonçalves Boaventura**, que veio a falecer três dias após a entrevista. É o segundo pastor dos pioneiros a começar a trabalhar em Goiás. Foi pastor presidente do campo de Campinas e presidente da convenção do Estado de Goiás por muito tempo. Era

muito respeitado, recebendo até diploma de honra ao mérito no município e assumiu por mais de uma vez a cadeira de senador federal.

“O meu ministério começou logo após a minha conversão, na fazenda. Estava sozinho e Jesus me salvou, me batizou com o Espírito Santo e me falou em profecia que estava me chamando para sua obra, e no outro dia eu já comecei com meus amigos meus conhecidos, parentes falar sobre a salvação na pessoa de Jesus Cristo e já se passaram sessenta anos”.

Podemos observar a reivindicação do carisma para sustentar a chamada que veio através de uma experiência de êxtase com o sagrado, dando assim a confirmação da escolha para o exercício pastoral, Weber (1991) coloca que a espontaneidade é gradativamente substituída pelas formas institucionais que se rotiniza o carisma.

“Na época que eu comecei, a igreja já estava crescendo, e desde o início fui ensinado na doutrina sobre muitas coisas que, hoje, talvez a igreja não usa porque; chegaram ao conhecimento que isto não era tão necessário, como o uso de meias e de chapéu para homem. Agora, a igreja já não mais tem esses ensinamentos”.

“A igreja cresceu muito em meu tempo, então, eu mantive os ensinamentos bíblicos aqueles que são necessários para as pessoas se absterem do mal e do pecado, e ter uma aproximação mais de perto com Deus e seguir justamente os ensinamentos da palavra de Deus”.

“Já muitas inovações na Assembléia de Deus foram aprendidas de outros movimentos que eu não gosto, não aceito, como bater palmas na hora do louvor isso não é bíblico. A Bíblia não dá esse apoio, então isso aí eu sou contra, eu não gosto, no meu íntimo não aceito isso; eu não gosto disso, mas também é uma inovação que entrou na Igreja Assembléia de Deus”.

“Nunca exclui ninguém, por causa de usos e costumes, sou uma pessoa ponderada, e sei diferenciar as coisas e por isto nunca fiz isso. A doutrina principal e fundamental na palavra de Deus é Santa Ceia, batismo nas águas, batismo com Espírito Santo, salvação por intermédio de Jesus Cristo que é o nosso salvador. Já os costumes são coisas inventadas pelas pessoas na Igreja que não implicam a salvação da pessoa”.

“No passado, os usos e costumes eram, camisa fechada, manga comprida para as mulheres e roupas longas etc. A Bíblia ensina que tudo é vaidade, mas o que eu considero vaidade tudo aquilo que é desnecessário, por exemplo, o adorno de uma mulher cristã, tais como brinco, colares, pulseiras, essas coisas, são pretextos que não embelezam, não modificam nada na mulher. A mulher vestindo decentemente, eu acho, não necessita dessas coisas”.

“Desde que me converti eu comecei a compreender que os usos e costumes estavam desde o início da evangelização da Assembléia de Deus no Brasil. Apesar de ter surgido muitos movimentos que tem procurado imitar a Assembléia de Deus embora com muitas divergências, considero tudo isso proveitoso; pois a pessoa que conhece a palavra de Deus, chega a conclusão total do aperfeiçoamento espiritual”.

“Os costumes são benéficos, como por exemplo, o chapéu deve ser usado, porém, o chapéu não é uma doutrina, não é uma imposição, mas é bom ele e é benéfica, pois evita acidente; a pessoa bate a cabeça em um lugar, se ele tiver sem chapéu ele está mais desprotegido. O chapéu é uma proteção para a pessoa proteger-se do Sol e evita muitas vezes um machucado, mas não é uma imposição da minha parte, todavia, eu acho que a pessoa deve usar um chapéu”.

“Eu acho que gritar, assobiar, isso é exagero pessoal, deve assistir o culto, ouvir as coisas de Deus, eu acho que tem que ter mais respeito, por que gritos,

assobios? Isto é um desrespeito às coisas de Deus, como aconteceu no culto onde a cantora Gospel Aline Barros se apresentou na nossa igreja”.

A observação deste pastor mostra claramente a discriminação que este pastor já fazia sobre o que é bíblico do que não é. Em suas colocações mostra que a diferença é bem clara entre Costumes e Doutrina, apesar de não expandir sua opinião do que considerava certo e errado. Este pastor foi discípulo do primeiro e pode se ver que sua visão sobre usos e costumes já é diferente.

O pastor **Jaime Antonio de Souza** foi entrevistado no dia 8/8/2002, ele é um dos pastores antigos no Estado de Goiás, atualmente dirige uma congregação do campo de Campinas no bairro João Braz. Foi pastor presidente por longo tempo no interior de Goiás, e é visto como um pastor muito tradicional nos ensinamentos da doutrina dos usos e costumes, pois este pastor aprendeu com Antonio Inácio. Dos três pastores entrevistados, esse é um dos que tem uma concepção bem extremada em relação aos usos e costumes.

“Inicialmente fui criado na igreja evangélica no berço presbiteriano, eu não conheci o movimento da igreja católica. Fui criado na igreja presbiteriana até os meus 12 a 13 anos, quando nós mudamos para Goiás, eu cheguei a ser superintendente da escola Bíblica Dominical na Igreja, onde pela manhã eu dirigia na fazenda, ocasião em que conheci o movimento pentecostal”.

“Minha esposa foi à Anápolis e ela era da presbiteriana também, e ela veio para certificar se este movimento pentecostal era bíblico, este movimento de batizar com Espírito Santo, dos dons espirituais e da cura divina, ela veio e certificou e ao regressar, já chegou como crente pentecostal”.

“Hoje, há movimentos que tem distorcido demais sobre os usos e costumes, aquilo que nós aprendemos no princípio. Por exemplo, no princípio da minha fé-pentecostal era aconselhável que os crentes não tivessem nem rádio, mas isso

também não era obrigatório, quem quisesse usar não seria disciplinado, era aconselhável que não tomasse refrigerante, mas ninguém era excluído por causa disto”.

“As vestes das irmãs, eram com pudor; mangas e saia abaixo do joelho e os crentes tinham mais temor de Deus do que hoje. Antes, os crentes recebiam a ação do Espírito Santo de maneira extraordinária, e naquela época não era forçado, em qualquer culto Jesus batizava com o Espírito Santo”.

Eu acho que por um lado, Jesus Cristo já previa a decadência espiritual da igreja, ele mesmo disse que *nos finais dos tempos, o amor de muitos se esfriariam*. Paulo escreveu sobre falsos obreiros, que seriam amantes de si mesmos, querem estar na obra ou na direção da obra, por interesses particulares, ou vamos dizer, interesses financeiros, pelo seu próprio interesse; não levam a sério a obra de Deus e aí começou o fracasso”.

“Aquilo que o povo antes tinha temor de praticar, hoje, o povo não tem mais temor de fazê-lo; como por exemplo, antes não podia cortar cabelo, hoje, grande parte do povo corta e pinta o cabelo. Antes não podia se fazer pintura, hoje as pessoas tomam ceia com os lábios cheios de batons, sujam até o copo. Naquele tempo não podia; por que hoje pode, a Bíblia mudou? “

“O que parece estar ocorrendo no contexto da Assembléia de Deus é que muitos pastores estão fazendo uma nova interpretação dos textos sagrados, a ponto de que muitas coisas que eram causa de exclusão, hoje, deixou de ser causa”.

“Antes bater palmas no culto era errado, hoje quase todas as igrejas já fazem; usos de jóias e adornos que era vaidade e pecado parece estar dando lugar a uma nova realidade nos usos e costumes. A concepção de puro e impuro parece gradativamente estar sendo mudada no contexto da Assembléia de Deus, pelas novas leituras que vem ocorrendo neste campo”.

“E o que foi ensinado naquele tempo são costumes extraídos da boa doutrina da Bíblia Sagrada, porque a boa doutrina se faz acompanhar com os usos e costumes para o cristão; pois como diz a Bíblia; *quem é puro seja mais puro, quem é impuro seja mais impuro ainda quem é santo, seja mais santo ainda*. Então como posso expressar, “a minha vida é íntegra”. Se eu abraço o mundanismo como vem acontecendo, não sei onde irei parar”.

“Eu nunca excluí membros de minha igreja porque deixou de obedecer a doutrina da igreja Assembléia de Deus, mas também nunca deixei de ensinar a Bíblia e ensinar o caminho certo. Nunca excluí ninguém porque bebeu guaraná, assistiu TV, ou usa mangas curtas, pintura no rosto, nunca excluí. Eu ensino, eu dou, porque eu protesto contra esse tipo de coisa no nosso meio, mas nunca usei a arma de exclusão”.

“Geralmente tenho recebido críticas e até afrontas dos mais novos, porque hoje eles querem abrir a porta para o mundanismo, defendem e ensinam que Deus não está nem aí com a questão dos usos e costumes. Nós entendemos que o Deus que nós aceitamos no princípio e a Bíblia que nós ensinamos e aceitamos no princípio é a mesma e jamais mudará”.

“Há textos que tenho como chave de minha vida, “*Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo e tome sua cruz e siga-me,*” o que é negar a si mesmo? Jesus disse para Nicodemos, (era líder religioso no tempos de Jesus), se você quiser entrar no céu com esta sabedoria sua, com este doutorado seu e com esta posição social, não conseguirá, mas se você quiser entrar no céu terá que nascer de novo”.

“O que é nascer de novo? É tornar-se uma nova criatura e se está escrito na Bíblia não muda; as coisas velhas já passaram e eis que tudo se fez novo; aquilo que o homem fazia no passado, hoje não deve fazer”.

“Hoje as igrejas não crescem, elas estão inchadas, pois quando você aperta os crentes sobre a doutrina dos usos e costumes, eles espirram para outra igreja e lá o pastor recebe de qualquer maneira. Eu não deixo de ensinar como se trajar, pois, tenho como base o que a Assembléia de Deus sempre acreditou e por isto cresceu vertiginosamente”.

“Há tantas inovações nas igrejas atuais, porém, a Bíblia diz que nos finais dos tempos isso aconteceria, mas a Bíblia tem que se cumprir de tantas mentiras e falsidades e que nos últimos dias os falsos mestres e pregadores ensinam um evangelho de interesses pessoais”.

“Hoje batismo com o Espírito Santo é uma raridade, não é que Jesus mudou, foram os homens que mudaram, abriram muito as portas para as coisas erradas e o modo de conduzir o povo está mudando, e esta porta aberta para estes movimentos que surgem por aí, está penetrando na igreja, e está fazendo com que a igreja tenha perdido aquilo que recebia no passado”.

Para o pentecostal, a maior fonte de vida para a igreja é a ação do Espírito Santo e o falar línguas estranhas. Foi baseado neste processo de fervor espiritual que levou milhares de pastores e crentes ao êxtase, a causa do crescimento da igreja. Porém, no decorrer dos tempos como expressa Ricardo Gondim (1998), que *muitos pastores atrelaram o crescimento de suas igrejas ao rigor nos usos e costumes*. Eles saudosamente acreditam que sua denominação cresceu porque era rigorosa nesse item.

“Para mim eu faço uso das escrituras sagradas, a Bíblia diz que o mundo vai de mal para pior. Depois de tomar um caminho a igreja não volta mais atrás. No princípio, no tempo do rei Constantino, lá pelos anos 300, ele impunha que todos deveriam submeter à sua vontade. Nisto surgiu a idolatria e outras coisas”.

“As várias renovações que vem acontecendo hoje, na Assembléia de Deus, me leva a crer que não há esperança de ela voltar atrás. Pelo que vejo na história da igreja desde o princípio é que ela vai de mal a pior. Se Jesus não voltar logo, Deus vai ter que levantar um povo com uma vida mais pura e mais santa, e eu acredito que Deus vai levantar outro povo”.

Podemos observar na linguagem destes pastores que utilizam textos bíblicos para afirmar suas convicções sobre os usos e costumes que uns utilizam textos do Velho Testamento para afirmar seus pontos de vistas e outros citam Novo Testamento da mesma forma.

Todos os textos bíblicos utilizados pelos pastores pioneiros vem na forma de afirmação e sustentação contra o mundanismo, confirmado pela convicção de seus ensinamentos, em oposição as novas interpretações que os novos pastores vem fazendo em relação aos usos e costumes.

O **Pastor Jorge Branco de Gouvea**, atualmente é o titular presidente do ministério de Vila nova em Goiânia. Faz parte da mesa diretora da convenção do Estado de Goiás. É considerado um dos pioneiros em Goiás, e de uma linha tradicional. Hoje, é visto como pastor de linha liberal.

“Fomos evangelizados há muito tempo; minha mãe aceitou o evangelho no ano de 54, eu fui batizado no mesmo ano, mas na adolescência eu me afastei da igreja, então no ano de 58, voltei à igreja e já com um chamado e comecei a trabalhar no evangelho”.

“No meu modo de entender, a igreja mudou para melhor; pelo fato de que o evangelho pentecostal chegou aqui em Goiás. Os pregadores eram todos leigos, não conheciam bem a palavra de Deus, então baseavam muito nos usos e costumes e no costume como santidade, mas com o tempo a igreja começou a estudar e fazer

seminário. Hoje entendo da seguinte maneira; a doutrina é intocável, ela é universal, o que é pecado aqui é pecado nos EUA e na Europa”.

“A Doutrina é universal e costumes é local, a doutrina é eterna e os usos e costumes temporários, então, por esta razão os usos e costumes estão se acabando, diminuindo. Hoje em muitas Assembléias de Deus, começando pela que eu dirijo, não baseamos nos usos e costumes, porém, procuramos trabalhar o caráter da pessoa”.

“Há muitos pastores que alegam que tudo é vaidade, só que se você for ver o que é vaidade, veremos o que diz Salomão, *tudo é vaidade, como ele disse fui eu que mais plantei, fiz crescer, mas cheguei a conclusão que tudo é vaidade*, eu entendo que a palavra vaidade é tudo que é passageiro”.

Este pastor apesar de ter sido discípulo direto e ou, indiretamente dos anteriores que apresentamos, podemos verificar que, ele faz uma diferenciação do que é cultura bíblica do que é doutrina bíblica. Para Ricardo Gondim (1998) a cultura é semelhante responsável, em qualquer sociedade, pelos códigos comportamentais das pessoas. Nida (1985) expressa que, na visão de um grupo a cultura deve ser vivida como padrão específico, e seus valores são próprios.

No caso da Bíblia todos os conceitos culturais são de um povo, os Judeus, mas que, a Assembléia de Deus inseriu como valor direto da vontade de Deus para os fiéis, porém, há muitos pastores que tem feito rompimento com esse conceito dos pioneiros e este pastor é um deles.

“Em Eclesiastes 12 diz, *lembra do teu criador no dia da tua mocidade, a adolescência é vaidade*, sabendo que tudo é passageiro e tudo que se faz na terra é vaidade, o que ele está dizendo é que, tudo passa rápido e muito veloz, e se não souber controlar a adolescência e os impulsos da adolescência, ele se droga, se prostitui, porque não conhece que aquilo é passageiro, ele não está referindo a

roupa, não tem nada haver, fala que na vida tem que ter cuidado, pois, na terra tudo é passageiro”.

“Sempre fui um homem conservador, radical; os pastores mais velhos que eu eram os meus ídolos, eles gostavam de pastor radical e achavam bonito e eles gostavam muito de mim, e me elogiavam e com aquilo eu fiquei radical, pensando que fazendo isso seria sempre elogiado, pois não queria ser maltratado, eu não queria que ninguém me chamasse de frouxo, relaxado, liberal”.

“Eu lidei com isto por muito tempo, eu queria ser na Assembléia de Deus o mais conservador. Mas, o que me chamou atenção, foi que estava mais perdendo do que ganhando”.

Segundo Mauss (1979) *uma tradição é passada de maneira que os valores e símbolos são reproduzidos socialmente e na qual os mais velhos transmitem aos mais novos, através de fenômenos sociais*. Neste aspecto, a contínua reprodução de valores de uma geração para uma outra geração como forma de conduta, tende a ser depois de muito tempo ser um padrão de conduta internalizada neste grupo.

Porém, uma tradição é repetição de uma cultura e como expressa Mauss, a tradição vai sendo moldada conforme os valores de uma cultura podendo ser mudada conforme muda a sociedade, porém, uma tradição não se perde, mas evolui conforme a sociedade muda o conceito do seus valores.

“Então comecei a analisar, onde estão nossos netos, filhos, e percebi que eles não davam conta de permanecer na igreja, pois desde cedo os adolescentes perguntavam por que não podiam jogar bola, ir visitar outra igreja com os colegas, chamavam para brincar e eles não podiam. Fiz uma mudança radical em minha vida e não no meu ministério, eu creio que fiz certo, pois hoje minha família é crente e todos estão na igreja”.

“Recebi muitas críticas, por ser pastor liberal e por não disciplinar aqueles que cortavam cabelo, aqueles que jogavam bola, pelo uso de calça comprida, pois não tenho bases bíblicas para fazer tal coisa, por exemplo, por muitos anos nós disciplinamos por jogar bola, então eu cheguei a conclusão que, jogar bola é um esporte e se jogar bola é esporte, andar de bicicleta, montar a cavalo, e mergulhar, é esporte, se isto é pecado, tudo é pecado”.

“E não cheguei a excluir decisivamente, mas suspender de comunhão. Eu sou do tempo que o meu pastor excluía as pessoas por beber coca-cola e de certa forma eu participei. Só depois que me tornei pastor fiquei mais maleável; tem muitas coisas na Assembléia de Deus que fui quem mudou. Quando há 40 anos nós tomávamos ceia numa taça grande e copo comum, passei a usar taças individuais; então algumas coisas eu mudei, queriam me excluir mais eu enfrentei isto”.

“A Assembléia de Deus da Madureira não tinha costume de bater palmas, e eu fui muito radical em relação a isto, afinal, questionava eu, vamos ou não vamos bater palmas. A Bíblia diz que devemos aplaudir o Senhor com as mãos, então decidi abrir, mais tem obreiros do meu ministério que não aceitam bater palmas, não briguei com eles, mas o nosso campo é liberado”.

“Eu entendo que, costumes mudam, mas acredito que doutrina deve produzir bons costumes. Os bons costumes não devem acabar; a bíblia diz, *as más conversações corrompem bons costumes*, e acredito que muitos costumes o crente deve adotar, e sempre digo, pessoal, vamos criar um costume para nós, toda dívida que temos vamos pagar dias antes da data, não é um costume bom?” .

“Acredito que uma mulher crente deve andar bem vestida, não para ser salva; ela anda bem vestida porque é salva; entendo assim que, a pessoa é honesta porque é crente e o crente tem que fazer a diferença. Mas não ser radical

de arrumar leis, pois uma mulher tem que andar decente, o que não pode é andar indecente, se ela não andar decente, ela não está dando bom testemunho”.

“Muitos usos foram tirados de versículos isolados, por exemplo: preguei e tenho visto pregar, sobre DT 22-5; *não haverá roupa de homem em mulher e de mulher em homem*, se observar e analisar este versículo não tem nada haver com a roupa, ali ele está falando sobre o tecido, a roupa de seda, isto é mais apropriado para mulheres, do que para homens. A vestimenta naquela época era diferente, Jesus nunca usou calça”.

“Quando era menino o pastor pregou que tinha que usar camisa abotoada, pois pregava que no texto de Provérbios que fala, *ata na tábua do teu pescoço*, e proibia de ficar com camisa sem abotoar, mas o texto em Provérbios não está defendendo nada disto; então pegaram texto isolado e criaram estas maneiras de interpretação”.

“Quando você lê a Bíblia é preciso saber, por que, para quem e quando foi escrito. A única coisa para nós gentios era que, atos dos apóstolos diz, para se *abster da carne sufocada, dos ídolos e fornicação*; então o costume não tem nada haver com que foi o texto usado”.

“Em Isaías Capítulo 3 fala dos turbantes, pendentos, a gente pregava para as mulheres, e ensinávamos que as mulheres não podiam usar pó, não podiam usar esmalte, mas não tem nada haver uma coisa com a outra”.

È importante considerar que na concepção deste pastor, a Assembléia de Deus está mudando e ele é prova disto. Ele mesmo em suas colocações expressa que, os usos e costumes são padrões de uma cultura e não uma doutrina como sempre foi ensinado na Assembléia de Deus.

Entrevistado no dia 10/09/2002. **Pastor Gentil Rosa de Oliveira**, é titular presidente da igreja Assembléia de Deus ministério Betel. Pastor que rompeu com

os usos e costumes desde que abriu seu ministério independente. É um pastor respeitado na convenção e faz parte da convenção estadual como um componente e é também empresário. Saiu do ministério de Vila Nova, onde foi pastor, trabalhando com um pastor de linha tradicional, porém, tem uma visão totalmente diferente dos outros pastores pioneiros.

“Eu comecei minhas atividades bem jovem, pois quando eu nasci, meus pais eram evangélicos na Assembléia de Deus, tenho vivido dentro da Assembléia de Deus; trabalhei com jovens e em diversos departamentos de forma que meu ministério se firmou gradativamente até que pude dirigir uma igreja”.

“Eu fui em um bom tempo membro em Anápolis quando o pastor era Antônio Alves Carneiro. Quando vim para Goiânia fui membro do pastor Jaime Antônio de Souza no campo de Vila Nova e depois o pastor substituto foi o pastor Jorge Branco de Gouvêa. Depois de 11 anos, nós estamos com ministério Betel onde somos titular até hoje”.

“A Assembléia de Deus tem passado por uma certa evolução, eu lembro que quando era menino, tinha certa rigidez em muitos costumes, mas com o passar do tempo a cabeça vai abrindo para a realidade e a gente vai entendendo que costume é local, é temporário e as doutrinas que são bíblicas, são permanentes, mas costumes passam com o tempo e assim nestes 40 a 50 anos temos visto essas mudanças nestes costumes”.

“Quando eu era jovem eu era cabeça mais aberta, eu fazia faculdade, já gostava de estudar comportamento, saber a razão. Quando alguém dizia que tinha que usar algo, eu buscava na Bíblia ver o que ela dizia, sempre tive uma visão mais aberta em relação a isto”.

“Por exemplo: quando se falava que mulher não podia usar calça esporte, e que a mulher tinha que usar vestido, eu começava analisar as coisas: se Jesus usou

vestido, se existem países que o homem usa saia como a Escócia, então o que vale para o Brasil não vale para a Escócia? Não valia para o tempo de Jesus?”

Quando o texto diz que não deve ter roupas de mulher no homem e vice-versa, eu vejo perfeitamente normal porque se um homem vestir roupa de mulher ele não pode ser chamado de homem e se mulher vestir roupa de homem ela não vai ser chamada de mulher, você sabe o nome que se dá a essas pessoas”.

“Eu comecei a observar que, existem calças masculinas e existem calças femininas, como existe na Escócia, saia feminina e existe saia masculina, eu comecei a entender estes pontos e por causa disto não tive dificuldade para liberar certos costumes dentro da igreja”.

“A questão de jóia, a questão de pintura na mulher e uma série de outras coisas a gente vê que não tem interferência na vida espiritual da pessoa, porque não adianta você estar com a cara limpa, sem nenhuma maquiagem e o coração estar sujo, então a coisa começa de dentro para fora”.

“Temos experiências de um poder sobrenatural que é o poder da palavra de Deus. Quando se prega a doutrina genuinamente bíblica, aquela doutrina faz um efeito no coração daquele que houve e aquilo que precisa mudar começa de dentro para fora; não adianta você impor uma exigência exterior quando lá no coração, ele está com vontade, desejoso para fazer aquilo”.

“O bom é você pregar a palavra e deixar a pessoa receber a doutrina e ele sentir bem do jeito que ele é, e é lógico que temos que estar coerente, e não podemos apelar para os extremos, temos que ter equilíbrio, e que a mulher quando veste não fique vestindo uma roupa que apela para a sensualidade, mas também não fica fora do contexto no sentido de moda”.

“A Assembléia de Deus por ser o maior movimento evangélico no Brasil e no mundo acaba sendo foco de atenção de todos os demais evangélicos como também

de toda a sociedade. A igreja é um movimento de vanguarda é uma igreja que está na linha de frente, seja na área do evangelismo, seja na área espiritual e isto fez crescer assustadoramente e influenciou outras igrejas no Brasil e por ser a mãe do pentecostalismo no país, ela tem evoluído, pois temos o direcionamento do Espírito Santo, porque neste movimento a ação do Espírito Santo é muito viva”.

“O Espírito Santo respeita nossas limitações ele tem agido de tal forma que há uma acomodação diante das inovações que nós vemos, que na verdade não são inovações, isto é um processo natural da evolução do ser humano. Se há 100 anos, nós usávamos como locomoção talvez nem a cheimbica, carro de boi, cavalo e até trem, hoje estamos usando carros e meios de comunicação que são os mais modernos possíveis”.

“Nós estamos sofrendo mudanças e isto ocorre em todas as áreas, muda-se a cabeça, muda-se vestuário, muda-se os hábitos e vemos que Assembléia de Deus está trabalhando e atuando nesta área; mesmo no interior, que falam de ser mais radical, ela tem pouca diferença da igreja em Goiânia”.

“Eu sou da opinião que a exclusão só deve ser feita quando a pessoa deliberadamente toma a decisão de não ser mais crente; ele declara, não quero ser mais crente e então você desliga essa pessoa do rol de membros da igreja. Se a pessoa comete uma fraqueza ou uma falha, cometendo pecado mas a pessoa pede ajuda e quer ser crente por que excluir esta pessoa e jogar esta pessoa ao mundo e se lá ela sofrer todo tipo de influência do mundo e nunca mais levantar? O papel nosso de pastor e da igreja é fazer o papel de médico da alma e assim tratar o doente para que ele sendo tratado, seja curado”.

“Eu vejo que muita coisa já foi mudada, muita coisa já foi abolida, e esse processo vai continuar e é evidente que nós não vamos acompanhar a moda do mundo como ela apresenta como grandes centros. Nós vamos recomendar às

jovens a andarem decentemente assim como para os homens andarem também, vamos sempre recomendar tomar cuidado no que fala, no que vive para que possamos estar sempre norteado pela Bíblia que recomenda uma vida diferente do mundo”.

“Sempre há uma justificativa para tudo que acontece: o crente está frio, sem vida espiritual falam que é a camisa e o sapato que se esta usando; sempre procuram rotular alguma coisa e sempre vamos ver isto”.

“Hoje, na verdade, a igreja é mais poderosa, a igreja hoje é maior. Antigamente tinha 1% da população como evangélica; o seu volume de problema era menor e se hoje você tem 20 a 25% de uma população de um país no segmento evangélico, você vê que, por amostragem, os problemas aumentaram sensivelmente”.

“Mas a igreja continua muito forte e eu não aceito a idéia que a igreja hoje tem menos poder que no passado, a igreja continua forte, vibrante como antes. Podemos ver isto nos nossos cultos que acontece milagres e grandes manifestações de Deus”.

“A igreja nunca mais voltará a questão de usos e costumes, ela vai evoluir cada vez mais e pode ter certeza que o crescimento dela será ainda mais acentuado porque nós hoje enfatizamos o louvor, a adoração, o conhecimento bíblico, por isso é que temos curso bíblico na igreja e nós incentivamos os crentes a estudarem a Bíblia porque através do conhecimento as pessoas são libertas”.

“Quando resolvi mudar, recebi muitas críticas e perseguição, algumas pessoas até saíram da igreja, fomos rotulados de rebeldes, mas eu sempre bati na tecla para os obreiros que tivessem paciência, perseverança, humildade, para aceitar todas críticas que recebíamos, e chegaram momentos que valeu a pena esta insistência. Pastores que nos criticavam há 10 anos , de dois anos para cá estão

adotando muitas coisas que nós adotamos, liberando coisas que nós já liberamos há muito tempo”.

Procuramos colocar as discussões feitas por cada pastor em ordem do mais tradicional até o mais liberal sobre os usos e costumes e assim pudemos observar que está havendo uma evolução naquilo que os pastores pioneiros sempre foram contra. A Assembléia de Deus vem sendo questionada sobre qual o caminho que irá sustentar. Como pudemos ver na linguagem dos pastores pesquisados que não há um consenso quando se discute o tema usos e costumes. Então a questão que nos apresenta é: Como os pastores da Assembléia de Deus conseguirão resolver este paradigma dos usos e costumes?

Pudemos analisar no decorrer do diálogo dos pastores que, existe uma evolução na questão dos usos e costumes e que entre os pastores não existe um consenso e nem um entendimento sobre o assunto de como orientar os fiéis nos usos e costumes.

Apesar de a Bíblia ser para todos os pastores um padrão de obediência, por varias razões tem sido interpretada de forma diferente. Uma questão que parece fluir aqui é, se a Bíblia é norma para todos os pastores, então porque não se fala a mesma linguagem quando se refere aos usos e costumes?

Neste sentido podemos verificar que a hermenêutica de interpretação que cada pastor utiliza como texto de referência aos usos e costumes, diversifica cada período da história da Assembléia de Deus. Um dos pontos fundamentais da hermenêutica é que a Bíblia não deve ser interpretada em textos isolados. Muitas vezes pastores pioneiros utilizavam textos isolados para sustentar a crença dos usos e costumes como pudemos verificar acima.

Neste aspecto, é indiscutível que todas as denominações cristãs tem suas próprias tradições culturais e os evangélicos da Assembléia de Deus criaram sua

cultura pessoal na qual diferencia da cultura presente na sociedade, mas , que vem enfrentando questionamento e mudanças.

CONCLUSÃO

Ao reordenar nossas considerações articulando vários recortes de análise feita,s ao longo do trabalho, certamente que muitos pontos ficarão em aberto, devido à impossibilidade de esgotar todos os assuntos nos limites de um único trabalho.

Nos inserimos no universo mítico que o pentecostalismo trouxe no âmbito dos movimentos religiosos, com uma nova visão de mundo que desde sua fundação diferencia este movimento dos outros grupos religiosos. A Assembléia de Deus conforme apresentamos no trabalho, com seu desenvolvimento histórico e religioso no seio do Brasil é por natureza um movimento de êxtase no Espírito Santo, e que acabou tornando-se movimento de contestação, não só contesta as formas religiosas tradicionais vigente no Brasil, mas, em muitos aspectos diferencia dos grupos protestantes históricos e do neopentecostalismo, pelo empenho de levar os fiéis ao êxtase no Espírito Santo, e uma forma de ser próprio, além da Doutrina dos usos e costumes, que tornou-se modo de ser para esta igreja.

A concepção de santidade e de separação do mundo e o modo de ser formou neste grupo uma cultura evangélica própria utilizando textos da Bíblia.

Procurando opor-se a outras denominações a Assembléia de Deus criou no campo religioso uma forma simbólica de valores e padrões éticos e a postura de oposição e afastamento de tudo que é mundano. Mariz (1994) atribuiu ao pentecostalismo: *Um potencial crítico e transformador da sociedade, pois ao oferecer a liberdade individual atua sobre o social através do poder transformador dos indivíduos enquanto agentes sociais.*

A forma de ser no mundo dos movimentos pentecostais levou a ruptura com o sistema simbólico e religioso vigente, criando no mundo pentecostalismo uma forma de enxergar o mundo dessa perspectiva própria com base nas extrações dos textos sagrados; organiza-se e move-se sobre padrões constituídos para servir como modelo ou guia de comportamento de cada pessoa dentro do grupo.

Um dos fatores fundamentais na estruturação da Assembléia de Deus, é sua vida comunitária, que constitui peça fundamental para a manutenção da plausibilidade de crenças e hábitos sectários diante do pluralismo religioso e, como dizia Weber do “politeísmo de valores” ou a coexistência de inúmeras e conflitantes fontes de ética para a regulação da vida. Pois, ao mundo moderno, como afirma Berger (1983-209), *somente dentro da comunidade religiosa, a eclesía, a conversão e valores podem ser efetivamente mantida como plausível.*

Neste aspecto, muitos dos padrões espontâneos e atos de uma sociedade cristalizam-se como forma de costume, e que se tornam princípio de certo e errado, naquela sociedade. Quando os costumes cristalizam-se, transforma-se em crenças éticas, e em seguida, em leis supostamente universais.

O costume é uma questão meramente humana, embora possa estar escudada nas leis naturais e nos impulsos da consciência, pode ser aplicado como regra para entrar em harmonia com o mundo sagrado. A Assembléia de Deus usa

símbolo da cultura Judaica exposta nos ensinamentos bíblicos, e que ensinados pelos pastores, se tornara tradição estabelecida ou não dentro da igreja.

Toda cultura nasce da experiência de pessoas e grupos e como tal deve ser vista dentro deste contexto. Enfim, a cultura sofre um processo dinâmico que ao mesmo tempo firma padrões, valores, tradições e símbolos e se modificado poderá se contextualizar, criando novas formas de enxergar a cultura de uma sociedade não só como coletiva, mas como reprodução individual.

Neste sentido, quando analisamos a questão dos usos e costumes como padrão de conduta dos membros da assembléia de Deus, podemos ver cristalizado na tradição desta igreja, este rígido código de conduta; parece que, hoje tem enfrentado mudanças e conflitos profundos e por vários fatores que vem ocorrendo, tem levado os fiéis a questionarem o que é certo ou errado.

Podemos concluir que, dentro do contexto da Assembléia de Deus, os pastores utilizam diversificados textos sagrados para afirmar e sustentar e responder o aspecto cultural dos usos e costumes e que tem enfrentado uma ruptura pelas várias mudanças culturais que o meio pentecostal tem enfrentado, e não se pode negar que tem afetado diretamente a conduta tanto dos pastores como dos fiéis desta igreja, levando-os a questionar a realidade hoje. Nas entrevistas feitas com os pastores, pudemos observar no diálogo conflitante das gerações na forma de sustentar através da Bíblia os usos e costumes.

Neste sentido, um hábito pessoal forma-se a partir de quando o indivíduo começa a reproduzir e repetir um ato de igual forma. Podemos dizer que, quando muitas pessoas de um mesmo grupo social, fazem algo mais ou menos igual durante longo período de tempo cria-se um hábito.

No universo das representações simbólicas e o universo da relação imaginária entre os indivíduos e suas condições reais de existência, é que se constroem os significados e os códigos de práticas sociais e é neste domínio que se situa a religião, e neste caso a religião pentecostal.

Não se pode analisar uma cultura sem religião, apesar de muitas tentativas de negar essas experiências, é importante ressaltar que para a cultura é fundamental a concepção sacral – religioso, onde a religião aplica-se numa resposta da própria busca à resposta da condição humana.

É papel da cultura trazer sentido ao indivíduo da religião e do mundo que está vivenciando, o que em muitas culturas esse processo de relação física parece distante da verdadeira experiência que deveria expressar.

A dicotomia da experiência religiosa e a concepção cultural como se vê no ocidente, traz muitas dificuldades para compreender o mundo sagrado, pois, quando se faz esta separação, fica muito difícil a concepção de uma relação física e metafísica e que perde muitas vezes seu valor quando avaliado no contexto das explicações culturais.

Esta dicotomia como é vista em alguns dos grupos religiosos e em algumas culturas, parecem dificultar a comunicação com sagrado e com o indivíduo, pelo fato de que muitas vezes os indivíduos não conseguem organizar uma intimidade com este sagrado, isto pode ser visto quando no contexto da Assembléia de Deus parece interpretar a cultura de forma diferente do que se apresenta pelo fato de seu conceito de mundo ser agora próprio.

No caso da assembléia de Deus as tradições de usos e costumes tem sido sustentadas de forma que, para ser crente deve ser submisso e obediente aos padrões que os levara a aproximarem de Deus e de serem mais santos. A

santidade é vista pelos pastores pioneiros como regra de obediência e separação de tudo que era impuro; no caso os usos e costumes é vistos na Assembléia de Deus que é a conduta fundamental de relação para comungar com o sagrado e a estruturação do ethos em oposição ao que é profano.

Para alguns pastores nos quais analisamos acima, há regras que não deveriam ser questionadas e nem burladas, podendo levar a perder a intimidade com Deus e até o direito do céu como colocou indiretamente o pastor Antonio Inácio.

Nida (1985) expressa que:

É na cultura que se vai encontrar padrões de valores que será significativo para cada grupo, este é construído pelas contínuas repetições de valores que para este grupo ou sociedade é a razão de nômia. É no padrão de comportamento de um grupo, que se define uma uniformidade, na maneira de agir, de pensar, que se produz regulamente entre uma pluralidade de pessoas.

Este fator é fundamental para sustentar uma unidade básica irreduzível dos papéis sociais, das instituições e das culturas. Os usos e costumes tradicionalmente praticados no pentecostalismo é reconhecido pelos crentes como símbolos da conversão, prova de regeneração e sinal de santificação. Estão com poucas exceções, sendo flexibilizados ou adaptados aos novos valores e habitus.

A manutenção dos usos e costumes, nesse caso, por ter base na obediência e desígnios da revelação da Bíblia, que os pastores pioneiros sustentavam, pela contínua repetição e afirmação como profetas e detentores da revelação primária, procuravam através dos textos sagrados, orientar e manter uma tradição que agora estabelecida, diferencia o que é sagrado, do que não é.

A transcendência é uma forma de superação do sofrimento, bem como uma forma de opor-se aos valores sociais contraditórios. Esses valores contraditórios podem ser lidos como relacionamento à ética, quando, ao ditar normas de

comportamento social, a estrutura sócio-política não é capaz, de ela própria, cumprir a prescrição do código moral.

Mariz (1994) afirma que, *o pentecostalismo oferece uma:*

Moralidade clara, definida e regida por leis universais, inexoráveis, num mundo de regras particularistas e flexíveis... o, converso pentecostal busca a ordem oferecida por um Deus moral.

A integração social proposta e proporcionada pelo pentecostalismo, em vez de levar o crente a estabelecer compromisso com esse mundo, implica contrapartida fortemente contra-cultural, sectária e ascética, fundamentada na crença e na radical dicotomia entre o reino material e espiritual. Imerso nesta cosmologia dualista, o fiel, na condição de “nova criatura”, não apenas deverá se isolar e se apartar das coisas, interesses e paixões mundanas, como até mesmo morrer para o mundo. Regra que se aplica fortemente ao movimento pentecostal brasileiro.

A Assembléia de Deus sempre prestou adoração a Deus para suprir a necessidade temporal, obter bênção e ser salvo das condições humanas. No entanto, ser membro da Assembléia de Deus implica em separação, em troca do conforto espiritual, da certeza da salvação, da cura e da participação na comunidade dos eleitos. O crente deverá observar toda uma série de proibições, prescrições legalistas e tabus comportamentais. Esta separação tal como vista no puritanismo, exigia que o fiel se comportasse como monge. Só que muito mais virtuoso, já que o mundo com sua tentação está presente. (Weber, 1983-109)

Diante da dificuldade de se conduzir na sociedade em conformidade com os novos valores, deveres e disposições acentuadamente contra-culturais, peculiares e sectários, o crente, num primeiro momento, cria para si verdadeiro “mosteiro” e nele se fecha. A igreja é a casa (Brandão 1980). As exceções ficaram por conta do

trabalho (para ganhar o pão com o suor do rosto) e da obra de evangelização (para apressar o retorno de Cristo), que durante muito tempo, tais prescrições legalistas resultaram na fuga ascética do mundo. As inúmeras experiências se registram numa tradição, se incorporam por tudo nos menores comportamentos. Não se deve tomar como princípio a antinomia, a soberana contradição entre a ação do indivíduo e a ação da sociedade.

A cada golpe deve-se medir o poder e a impotência de cada tradição. Assim, chegar-se-á a descrever e quase a medir as quantidades de tirania, a grandeza da força mecânica da tradição coletiva.

Nas análises feitas sobre os usos e costumes pudemos avaliar que a Assembléia de Deus está mudando; as formas tradicionais de se apresentar como grupo de padrões rígidos nos usos e costumes, parece que pouco a pouco está dando lugar a uma nova forma de tradição. Mauss (1979) empresta que quando uma geração passa a outra geração a ciência de seus gestos e de seus atos manuais, há tanta autoridade e tradição social, quanto quando a transmissão se faz pela linguagem. Há verdadeiramente tradição, continuidade; o grande ato é a entrega das ciências, dos saberes e dos poderes dos mestres aos alunos.

As alterações das tradições, as rupturas morais, as idéias dos indivíduos que impõem essa alteração, consistem muitas vezes em simples tomada de consciência, que são capazes de ter, eles próprios e seus grupos quando aprendem as causas profundas. E que vem ocorrendo com os novos pastores em suas leituras sobre a questão.

Mauss (1979) expressa que:

Nem sempre a tradição necessariamente está sendo rompida. O que ocorre é uma tentativa de re-interpretação simbólica dos valores que adquirem força num grupo. E a tentativa de responder às novas necessidades e novas tendências e influências, é

assim que a Assembléia de Deus vem sofrendo, tanto pelos grupos neopentecostais como pelas novas leituras que os pastores vem fazendo dos textos sagrados.

Diante desta questão a Assembléia de Deus está criando uma nova tradição?
Como enfrentar as novas influências sem perder seu referencial de igreja pentecostal clássica?

Mauss (1979) explica que:

A tradição é a que transmite os fatos morais tradicionais, e não são todas as tradições. Existem outras que se perpetuam entre os tempos de vida social a qual a continuidade é necessária e outras que substituem este papel, qual por atividades mais especiais. Neste aspecto, ele coloca que a tradição não necessariamente está sendo rompida, está se firmando agora de forma interpretativa no contexto deste grupo.

Diante desta questão os usos e costumes: A Assembléia de Deus esta criando uma nova tradição? E como a Assembléia de Deus está relembrando o seu ethos? está mudando diante das várias tendências que vem se firmando?

Esta, sem duvida, é questão fundamental que a Assembléia de Deus tem enfrentado e terá que reinterpretar suas avaliações para responde para continuar diante dos usos e costume ter uma identidade pentecostal de vanguarda.

Por fim, o presente trabalho não se propõe a esgotar o assunto ou fechá-lo a novas contribuições, até porque o tema abordado é vasto e complexo e requer novas leituras e diferentes abordagens.

A igreja vive um momento de transição onde uns pastores acompanham as mudanças, na questão dos usos e costumes, e outros protestam, o que virá acontecer? Uma ruptura? Ou irá se firmar como uma tradição?

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, Abraão. *Histórias das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.

ALMEIDA, Antônio. B de. *80 anos construindo para a Glória de Deus*. Edição própria, sem data.

ALVES, Rubem A. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo: Ática, 1982.

BELLO, A. *A Cultura e Religião*. São Paulo: EPU, 1990.

BENKO, A. *Psicologia da Religião*. São Paulo: Editora Loyola, 1997.

BERCOVITCH, Salvan. *A função da tipologia Bíblica e da retórica e dos rituais de consenso na América*. In: SACHS, Viola. *Brasil e E.U.A.: Religião e identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

BERG, Daniel. *O trabalho missionário nos Estados do Norte*. In: VINGREN, Ivar. (trad.). *Departamento apostólico no Brasil: Alguns Missionários*. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.

_____. *Daniel Berg, o enviado por Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

BERGER, Peter L. *O dossiê sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.

_____. *Perspectiva religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1963.

BERGER, P; LUCKMANN, Th. *A construção social da realidade*. Petrópolis, R.J: Vozes, 1974.

BIGEGLIN, Ana Maria. *História do Cristão na América Latina*. Petrópolis: vozes, 1993.

BORN, A V.D. *Dicionário Enciclopédia da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1977. 2º Ed.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BONINO, José Miquez. *Protestantismo x liberalismo em América Latina*. San José: DEI, 1983.

BRANDÃO, C. Rodrigues. *Ser católico: dimensão brasileira, um estudo sobre a atribuição através da religião*. In: SACHS, Viola. *Brasil e EUA: Religião e identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

BRITO, Enio José da Costa; TENÓRIO, Waldeci (org). *Milenarismo e Messianismo ontem e hoje*. São Paulo: Loyola, 2000.

CAMARGO, C. Procópio F. de. *Católicos, Protestantes, Espíritas*. Petrópolis: vozes, 1973.

CABRAL, David. *Assembléia de Deus: a outra face da história*. Rio de Janeiro: Betel, 1998.

CÉSAR, Waldo. *Pentecostalismo e o Futuro das Igrejas Cristãs*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CONDE, Emílio. *História das Assembléias de Deus*. Belém: CPAD, 2000.

COSTA, Francisco de Assis. *Grande Capital e Agricultura na Amazônia: A experiência da Ford no Tapajó*. Belém: U.F.PA, 1993.

COTRIM, Gilberto. *História e Reflexão: Mundo contemporâneo e Brasil República*. Nº 4, 1º grau. São Paulo: Saraiva, 1996.

CHAPLIN, R. N; BENTES J. M. *Enciclopédia Bíblica*. São Paulo: Ed. Candeias, 1995. Vol I e IV

CUNHA, Inezinho de Nascimento (org). *O Apóstolo do Centro-Oeste Brasileiro*. Guará. DF: Nova Regina Gráfica editora, 2001.

DAMATTA, Roberto. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis: vozes, 1978.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

D'EPINAUY, Cristian L.. *O refúgio das massas, estudo sociológicos do protestantismo chileno*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

DURKHEIN, Émele. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *Imagens e símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ELLIOT, Emory. *Religião, Identidade e expressão na cultura Americana: Motivos e significados*. In: SACHS, Viola. *Brasil e EUA: Religião e identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

Enciclopédia Britânica do Brasil. Mirador, Tomo 18, verbete “Roupa” – pág. 10079, 1987.

FERNANDES, Rubem César (org). *Novo Nascimento: os evangélicos em casa e na política*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

FICHETER, Joseph. *Sociologia*. São Paulo: Herder, 1996.

FILORAMA, Giovanni; PRANDI, Carlo. *As Ciências da Religião*. São Paulo: Paulinas, 1999.

FOLQUÉ; SAINT. *Discionário de la Langue Philosophique*. Paris, 1969.

FRESTON, Paul. *Breve História do Pentecostalismo brasileiro*. in: ANTONIAZZI, Alberto. et. al, *Nem Anjos, Nem Demônios, interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: vozes, 1994.

GEERTZ, Cliford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1996.

GONDIM, Ricardo. *È proibido: O que a Bíblia permite e a Igreja proibe*. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

GOODNOUGH, E. Ramsdell. *A Psicologia da Experiência Religiosa*. N. York: Basic Publishers, 1995.

GUTIERREZ, Benjamin. F. (org). *Na Força do Espírito*. São Paulo: Aipral, 1996.

HOBBSAWN, Eric e TANGER, Eric (org). *A invenção da tradição*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOONAERT, Eduardo. et. al, *História da Igreja no Brasil*. Petrópolis: vozes, 1979.

IDÍGORAS, J. L. *Vocabulário teológico para a América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1983.

KESSLER, Nemuel e CÂMARA, Samuel. *Administração Eclesiástica*. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.

KIDDER, Daniel. P. *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil (província do Norte)*. São Paulo: Martins Editora, 1943.

LEWIS, Ioan M. *Êxtase Religioso*. São Paulo: Ed, Perspectiva, 1977.

LONG, Eula. *Do meu Velho baú Metodista*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1968.

MARIANO, Ricardo. *Noepentecostalismo*. São Paulo: Loyola, 1999.

MARIZ, Cecília e MACHADO, M.D.C. *Sincretismo e transito religioso: comparando carismáticos e pentecostais*. Iser, 1994. Ano 13, numero 45.

MARTINELLI, Stefano. *Religião da Sociedade pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MAUÉS, Raimundo. H. *Uma outra "invenção" da Amazônia*. Belém: CEJUP, 1999.

MAUSS, Marcel. *Antropologia*. São Paulo: Atica, 1979.

MENDONÇA, Antônio de Gouvêa; VELASQUES Filho, P. *Introdução ao pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Loyola, 1990.

_____. *Um panorama do protestantismo brasileiro atual*. Rio de Janeiro: Revista e Caderno de ISER, 1989.

NIDA, E A. *Costumes e Culturas*. São Paulo: Ed. Vida, 1985.

NIEBULR, M. Richard. *As origens sócias das denominações cristãs*. São Paulo: Aste, 1992.

NISTRON, Samuel. *Trabalho de evangelização do norte do Brasil*. In: VINGREN, Ivar (trad.). *Assembléia de Deus no Brasil: Resumo de missões pentecostal sueca no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.

O'Dea, Thomas. *Sociologia da Religião*. São Paulo: Pioneiras, 1989.

OLIVEIRA, Pedro A. R. *Religiões e Dominações de Classe: O caso da Romanização*. In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: ISER, 1980. numero 6.

OTTO, Rudolf. *O sagrado*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1985.

PARKER, Cristian. *Religião popular e a Modernização Capitalista*. Petrópolis: Vozes, 1996.

PRANDI, R. *Religião, biografia e conversão: Escolhas religiosas e mudanças de religião*. Texto apresentado no IX congresso da Associação Científica. Rel. Mercosul. Revista Numen. A.C.S.R.M., 1995.

QUEIROZ, Maria Isaura P. *O messianismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo: Alfa e Omega, 1977.

_____. *Identidade Nacional, religião, expressões culturais: a criação religiosa no Brasil*. In: SACHS, Viola. *Brasil e EUA: Religião e identidade Nacional*, Rio de Janeiro: Graal, 1988.

REILEY, Ducan *A História documental do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Ástes, 1984.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. *Pentecostalismo*. Petrópolis: vozes, 1995.

ROCHER, Guy. *Sociologia Geral*. Lisboa: Presença, 1971.

Revista O Obreiro: *Os pioneiros e Líderes da Assembléia de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001. Ano 23, n.13.

Revista Vinde. *Número do crescimento da Assembléia de Deus*. Ano II, n.20, 1997.

SACHS, Viola. *Brasil e EUA, Religião e identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

SIMÕES, Jorge. *Cultura Religiosa: O Homem e o Fenômeno religioso*. São Paulo: Loyola, 1994.

SANTOS, José Luiz do. *O que é Cultura*. Brasília, DF: Ed. Brasiliense: 1994.

VIEIRA, David G. *O Protestantismo: A Massonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília, DF: U.N.B, 1980.

VINGREN, Gunnar. *O Diário de um Pioneiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

VINGREN, Ivar (trad). *Departamento Apostólico no Brasil: resumo da missão Sueca no Brasil: alguns missionários*. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.

WEBER, May. *Economia e Sociedade*. Brasília.DF: U.N.B, 1991.

_____. *A Ética Protestante e o Espírito Capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1994.

internet

A Assembléia de Deus e seu crescimento 26/02/2000. Disponível:
[www.assembleiadedeus.org.br/historia .htm](http://www.assembleiadedeus.org.br/historia.htm). Acesso em 10 de Abril de 2002.

SILVEIRA, H. Vilanova. A bíblia e os usos e costumes. 26/04/2002. disponível:
[www.infonet.com.br/estudos biblicos/costumes.htm](http://www.infonet.com.br/estudos_biblicos/costumes.htm). Acesso em: 26 de Abril. 2002.